

Volume 3 | Número 1 | 2024

# PNEUMa

REVISTA TEOLÓGICA



# | APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresento mais um número da *Pneuma: revista teológica*, que é a revista discente de Teologia das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Essa revista, que foi iniciada no ano de 2022, é fruto do empenho conjunto de docentes e discentes da FABAPAR, visando não apenas o aperfeiçoamento da iniciação científica da instituição, com a abertura desse espaço de publicação, mas também o incentivo ao compartilhamento dos resultados de pesquisas tanto dos nossos alunos, como de alunos de Teologia de outras instituições.

Neste número, não apenas temos um artigo de um aluno do Bacharelado em Teologia da FABAPAR, que é Flaviano Nogueira Siedeliske, mas também de alunos egressos deste curso, que são Fernando Cidral, Cássio A. Martingil, Nelson Cardoso da Silva Júnior, e Guilherme Pereira Mewes dos Santos. Também temos textos daqueles que estudaram conosco na pós-graduação lato sensu, avançando nos estudos teológicos, tendo feito a graduação e depois cursando a pós-graduação na FABAPAR, como Monique Sonalle Carvalho Souza da Mota e Wesley Scarpini Miranda. E até mesmo há um texto de alguém que acabou adentrando a Teologia, no caso de Ana Leda Higa Ribeiro, que é da área da Psicologia, mas cursou a pós-graduação em Teologia do Novo Testamento Aplicada na FABAPAR. A todos estes eu agradeço a consideração e confiança, bem como a dedicação para escreverem textos de qualidade que dão sentido à nossa revista.

Por fim, agradeço também à equipe da FABAPAR envolvida na produção deste número, não apenas pela revisão do material, mas também pela nova identidade visual da revista que se inicia a partir daqui.

---

<sup>1</sup> Doutor em História (UFPR). Professor na FABAPAR. Editor-Chefe da *Pneuma: revista teológica*. Brasil. E-mail para contato: [professor.willibaldo@fabapar.com.br](mailto:professor.willibaldo@fabapar.com.br)

# PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO SOBRE A RELAÇÃO IGREJA E ESTADO E SUA INFLUÊNCIA DURANTE SEU MAGISTÉRIO

JOHN CALVIN'S THOUGHTS ON THE RELATIONSHIP OF THE CHURCH  
AND THE STATE AND ITS INFLUENCE DURING HIS TEACHING

EL PENSAMIENTO DE JOÃO CALVINO SOBRE LA RELACIÓN DE LA  
IGLESIA Y EL ESTADO Y SU INFLUENCIA DURANTE SU ENSEÑANZA

## RESUMO

---

Esse estudo de pesquisa bibliográfica propõe descrever sucintamente o contexto e época, conhecida como reforma protestante, em que João Calvino compilou e redigiu seus pensamentos nos escritos chamados de Institutas. Focando na vida do reformador nos seus períodos como pastor na cidade de Genebra e influências recebidas durante a sua formação acadêmica e pastoral anteriores ao seu pastoreio na cidade genebrina. O artigo tem como objetivo analisar objetivamente as concepções sobre os papéis da Igreja, do Estado e a relação entre ambos no pensamento teológico de João Calvino, através do capítulo XX: da administração política, das Institutas e de obras bibliográficas de pesquisadores.

**Palavras-chave:** João Calvino. Igreja e Estado. Reforma protestante. Funções do Estado.

## INTRODUÇÃO

---

A reforma protestante foi um marco na história. Homens envolvidos no contexto da sua época e insatisfeitos com ações eclesiais decidiram romper com a Igreja Católica Apostólica Romana e criar sua própria doutrina. Um desses homens foi João Calvino.

João Calvino foi um dos reformadores protestantes, sendo conhecido por ser aquele que veio a sistematizar as doutrinas em um todo concreto. González (1983, p. 107) faz uma comparação entre Lutero e Calvino afirmando que, “enquanto Lutero foi o espírito feroso e propulsor do novo movimento, Calvino foi o pensador cuidadoso que forjou, das diversas doutrinas protestantes, um todo coerente”. Cairns (1988, p. 251) descreve:

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia (FABAPAR). Líder de jovens na Igreja Batista Campina da Barra. Brasil. E-mail para contato: guilhermemewes@gmail.com

Os milhões que aceitam a fé reformada e sua fundamentação doutrinária testemunham a importância do sistema teológico formulado por João Calvino (1509-1564), designado geralmente pelo termo ‘Calvinismo’. O termo ‘fé reformada’ aplica-se ao sistema de teologia desenvolvido a partir do sistema de Calvino. [...] Calvino pode ser apontado como líder de segunda geração de Reformadores.

Collins e Price (2000, p. 137) escrevem sobre ele também, dizendo que “a mente de Calvino lhe valeu o título de o maior dos teólogos e organizadores da Reforma. Sua influência permanece até hoje por meio de suas inovações no governo da igreja e na teologia ‘reformada’”.

Nota-se que este reformador foi importante para consolidar a fé que defendia, esta que foi influente na sua época e continua. Durante a sua vida escreveu os seus pensamentos e entendimentos bíblicos, aplicando-os na cidade de Genebra (McGrath, 2004). Entretanto, a sua fama alcançou outros lugares, como regiões que hoje são parte da França, Suíça e Holanda, além de posteriormente alcançar o ocidente (Calvino, 2008). O pensamento de João Calvino influenciou a muitos, não só no âmbito espiritual-eclesiástico, mas também em outros setores da sociedade.

Um desses setores é a relação entre a Igreja e Estado, e a relação existente entre ambos. O Reformador descreve quais os papéis da igreja e do estado, além de argumentar sobre o comportamento do crente diante das autoridades civis. A questão da concepção de Estado laico e como os seguidores de Cristo devem relacionar com o governo civil é um tema que influencia a igreja no seu contexto. Essa reflexão surgiu já no princípio do cristianismo e passa pela construção teológica de Calvino, buscar esse entendimento auxilia a igreja analisar o seu comportamento frente a desafios envolvendo a Igreja, o Estado e a sociedade.

# 1 REFORMA PROTESTANTE

---

O início do que é conhecido como reforma protestante foi em 31 de outubro de 1517 quando Lutero prega as suas 95 teses na porta da igreja da cidade de Wittenberg e posteriormente quando não nega as suas afirmações na dieta de Worms e rompe definitivamente com a Igreja Católica Apostólica Romana (Oliveira, 2005; Dreher, 2017). Mas para que ocorra o estopim, primeiro é preciso encher o recipiente de pólvora. E essa começa no início do século XIV na transição da alta Idade Média para a idade moderna, entretanto pesquisadores defendem que já nos séculos iniciais da Igreja Católica criou-se a necessidade de uma mudança (Almeida, 1983).

A sociedade vinha em uma transformação social, política e econômica, González (1998) e Lautorette (2006) relatam que a classe burguesa estava em ascensão, o humanismo estava tomando o seu espaço como pensamento e ocorreu o aumento do comércio com as cruzadas e conseqüentemente o aumento da população das cidades, por exemplo, Genebra no ano de 1560 tinha aproximadamente 21400 habitantes, pelo menos 8000 pessoas a mais do que em 1550 (McGrath, 2004).

Um dos motivos entre o conflito entre católicos e reformadores (até mesmo com alguns dos pré-reformadores como John Wycliffe) se dá pelos gastos exacerbados da alta Igreja Romana com embelezamentos de igrejas na Itália enquanto o povo, e até mesmo os membros mais simples da estrutura eclesiástica, passavam fome e enfrentavam pestes. As famílias de posses dominaram o papado, mantinham o papado por várias gerações. Como no caso dos Médici que mantiveram 4 papados. Além da teologia não estar em contato com a vida diária do povo (González, 1998; Lindberg, 2001). havia uma grande devoção a relíquias e a santos. Daniel-rops (1996, p.259) descreve “O culto dos santos tendia ocupar um lugar tão grande na piedade cristã que beirava por vezes a idolatria, quando não ao escândalo”. Junto a isso estava também a venda acalorada de indulgências, alguns desses valores iam para a construção e decoração de certas igrejas (Daniel-Rops, 1996).

Esses motivos tornaram necessária uma reforma, algumas delas ocorreram dentro da Igreja Romana, mesmo antes de Lutero romper com ela. Esse nem sempre foi contra a Igreja Católica, anteriormente foi um monge medicante e tentou trazer reformas (Fluck, 2011; Dreher, 2017). Mesmo assim ocorreu a ruptura e outras igrejas foram surgindo, algumas mais ligadas com os governos e governantes da época e outras contra todo o sistema do seu contexto. Lindberg (2001, p. 242) descreve o pensamento dos anabatistas “Eles tampouco conseguiam encontrar na Bíblia qualquer justificativa para a união de Igreja e Estado. Quando liam o sermão da Montanha, esses dissidentes acreditavam que sua intenção literal era levar os crentes a se afastarem do mundo”. Nem mesmos os mais conhecidos reformadores tinham o mesmo pensamento sobre o assunto.

Calvino, por ser humanista, concedeu ao Estado muito mais funções do que Lutero. Lutero lhe dava apenas uma função: suprimir o mal e preservar a sociedade do caos. Calvino desenvolveu as idéias humanistas de bom governo, de ajuda ao povo etc. Mas Calvino jamais chegou ao extremo de afirmar, como certos movimentos sectários, que o Estado poderia ser o próprio reino de Deus. (Tillich, 2000, p. 269, grifo nosso)

Ele cita 3 movimentos com visões diferentes do assunto, mas elas não se limitam a apenas 3, são muito mais. Isso ocorre porque não havia uma unificação, mas sim várias reformas, ou seja, vertentes diferentes (McGrath, 2012). Uma delas é o pensamento de João Calvino, que depois de sua morte irá se fortalecer e ganhar o nome de Calvinismo (McGrath, 2004). Todo o seu entendimento teológico está escrito nas institutas, nessa obra que levou anos para ser escrita, ele aborda sobre aspectos diversos e no capítulo XX trata da relação Igreja e estado.

## 2 JOÃO CALVINO E A SUA OBRA

---

João Calvino nasce na cidade de Noyon, 140 quilômetros de Paris, França, no ano de 1509, mesma data em que Lutero começa a pregar em Wittenberg e Henrique VIII assume o trono inglês (Oliveira, 2005). Embora nascido em uma família menos abastada, seu pai tinha ligações com o clero local e conseguiu uma boa educação para o filho, ele vai para a Universidade de Paris com 14 anos e depois na universidade de Bourges. Tem primeiro contado com ideias de reformadores (Matos, 2009; Oliveira, 2005). Demonstra grande capacidade de aprendizagem, estuda as línguas originais e obras clássicas, aos 23 anos escreve seu primeiro livro. Além disso, ele tem o contato com o humanismo e isso vai influenciar toda a sua carreira (González, 1983; Oliveira, 2005)

A conversão de Calvino é incerta, não se sabe quando e como ocorreu, ele não gasta palavras para registrar o evento. González descreve o possível modo como aconteceu:

Porém o mais provável parece ser que, no meio do círculo de humanistas que frequentava e através dos seus estudos das Escrituras e da antiguidade cristã, Calvino chegou à convicção de que teria de abandonar a comunhão romana e seguir o caminho dos protestantes. (González, 1983, p. 110)

Depois de entender a necessidade de sair da Igreja Católica, ele vai até a sua cidade natal e renunciou os direitos conseguidos pelo seu pai. Segue para a cidade protestante de Basileia. Na cidade se dedica aos estudos e a escrita e em 23 de agosto de 1535 termina as Institutas, a primeira versão de muitas que escreveu. Um livro diferente em sua época, geralmente se escrevia sobre polemicas e discussões, mas o reformador de Genebra escreve um tratado completo, tampando as brechas não vasculhadas. A obra logo no início tem um êxito imediato e em apenas nove meses não havia mais exemplares à venda. (González, 1983; McGrath, 2004)

Calvino vai à cidade francesa de Ferrara e fica no local até que sua segurança é comprometida, regressa até Basileia, mas volta para França, devido a necessidade de acertar questões familiares. Posteriormente, decide ir para Estrasburgo, então, em 15 de julho de 1536 parte na sua jornada, todavia, o caminho mais rápido a cidade estava fechada por conflitos. O caminho alternativo ia pelo Sul passando pela cidade de Genebra (McGrath, 2004).

## 2.1 A CIDADE DE GENEBRA

Genebra está em um pequeno cantão suíço na parte sul do lago Léman. Por ser uma cidade menor, era sempre submissa a outra cidade. Antes de Calvino e antes da reforma chegar, o ducado de Sabóia controlava-a. A cidade tinha um governo feito por bispos, mas em certo momento, eles tornaram-se marionetes do ducado, esta foi uma das causas que instigou a procura da independência de Genebra (McGrath, 2004). Além do bispado, havia dois conselhos, o pequeno conselho e o conselho dos 200, o primeiro, após a liberdade de Genebra, assume o poder e diversas vezes independe Calvino de agir, ou seja, O reformador estava abaixo do conselho (McGrath, 2004).

A partir de 1482 começou um movimento que procurava a independência de sabóia e aproximar da Confederação suíça, alguns pretendiam colocar a reforma na cidade, por exemplo cidadãos foram a cidade protestante de Friburgo e são nomeados cidadãos de lá. Eles procuraram ir a essa cidade por ser uma que tinha aceito o protestantismo por influência de Ulrico Zuínglio na cidade de Zurique (Ferreira, 2013; McGrath, 2004). Entrelaçando esses dois pontos, juntaram-se a Lausanne, Friburgo e Berna, todas cidades protestantes. Embora Berna tenha dominado Lausanne, por motivos externos não conseguiram dominar Genebra e por isso ela tornou-se de fato independente (Foi conquistada pelos franceses na última década do século XVIII).

Guilherme Farel, vindo de Berna, assume a responsabilidade de instruir a cidade na nova fé. Já Calvino pretendia passar apenas uma noite, mas Farel insiste e convence-o a ficar.

[...] até que finalmente Guilherme Farel me reteve em Genebra, não tanto por conselho ou argumento, mas através de uma terrível maldição, como se Deus tivesse, do céu, colocado sobre mim (Calvino) suas mãos, para me deter. Eu tinha a intenção de ir para Estrasburgo; a melhor estrada para lá, porém, estava fechado pelos conflitos na região. Eu decidi passar por Genebra rapidamente, não permanecendo mais que uma noite na cidade. (Calvino, [s. d.], p. 29, citado por McGrath, 2004, p.116)

Em 1564, embora Calvino não parecesse a pessoa certa para o trabalho, já que era mais voltado aos estudos, ele aceitou o desafio porque viu a necessidade teológica e eclesiástica da cidade. O pastor sem experiência e ingênuo iniciou assim a sua relação com a cidade de Genebra, essa que perduraria por muitos anos e com muitos conflitos entre o reformador e o conselho e entre o reformador e a cidade (González, 1983; McGrath, 2004).

## 2.2 CALVINO EM GENEBRA, 1536-1538

João Calvino permaneceu na cidade e assumiu a função de guiar o trabalho eclesiástico, mas apenas este. Ela nunca foi governador ou mesmo do conselho, os membros do pequeno conselho só podiam ser cidadãos de Genebra e Calvino nunca o foi, nem mesmo podia votar nas eleições. Seu poder era abaixo do conselho (que comandava a cidade) e tudo que pretendia fazer precisava do aval do *Petit Conseil*<sup>2</sup>. (McGrath, 2004).

A primeira tarefa do mais novo organizador eclesiástico foi debater com católicos defendendo a fé reformada. A cidade de Berna foi a responsável pelos debates, pois queria total influência sobre a região, mas como a língua de Genebra era diferente de Berna, Calvino foi o orador pela visão

<sup>2</sup> “Pequeno conselho”, em francês.

protestante. As cidades e os cidadãos estavam favoráveis a Reforma, por isso já no início do ano de 1537 foi enviado um projeto de estruturação da ordem eclesiástica (McGrath, 2004).

Não obstante, havia uma resistência a Guilherme Farel e a João Calvino vinda do conselho, este não queria dar muito poder aos pastores por alguns fatores, como o relacionamento com Berna. Essa rixa culminou quando os reformadores decidiram não acatar o modelo de Berna, então, em 21 de abril de 1538, ambos foram expulsos da cidade dos genebrinos (McGrath, 2004).

## 2.3 A VOLTA A GENEBRA

Calvino fica em Estrasburgo, onde suas habilitantes de pastorear toda uma cidade amadurece com as experiências na nova cidade. Lá ganha a sua cidadania, prestígio e reconhecimento, mas em 1541, decidiu voltar a cidade que havia o expulsado. Em Genebra a situação política estava diferente e ele poderia voltar. Ele volta, todavia, só se verá livre da resistência em 1555, quando poderá trabalhar e aplicar suas ideias mais facilmente por ter o pequeno conselho ao seu lado (McGrath, 2004).

Calvino administrou a parte religiosa de Genebra, arrumou as estruturas, criou o consistório, importante organização dos pastores como McGrath (2004, p. 133, grifo do autor) demonstra “Se as institutas da religião cristã representam os músculos da Reforma de Calvino, sua organização eclesiástica representava a espinha dorsal”. A influência de Calvino e do Consistório não fica apenas em Genebra, mas se espalha por regiões do que hoje é a França e Suíça. Fundou também a academia de Genebra e projetou outras mudanças a cidade. Dowley (1977, p. 381, tradução nossa) descreve bem o que Calvino pretendia “Calvino estava tentando construir uma ‘cidade de Deus’ mais visível na Europa”.

João Calvino não só transformou Genebra, mas todo o seu contexto, isso se deu por seus escritos, as Institutas, terem ganhado fama e se espalhado

por toda a Europa, alguns lugares, escritas em latim, e outras, em francês, estas áreas foram mais “atingidas” por ser da mesma língua que Calvino falava (McGrath, 2004).

## 3 IGREJA E ESTADO

---

A igreja está envolvida com o Estado desde que existe, mesmo o povo de Israel tinha seus aspectos políticos (Cavalcanti, 2002). Ela vem se relacionando, algumas vezes sendo subjugada e perseguida e outras vezes sendo quem subjuga. Como Angelis (2017, p.70) descreve a Igreja nos primeiros séculos sobre o império romano: “Sendo considerado uma ameaça à segurança do Estado romano, o cristianismo não poderia apresentar-se como uma ‘religião’ particular, mas deveria ser mais uma das muitas que se agregavam ao poder do Estado como supremo bem”. E depois escreve quando a Igreja passa a ser a Religião do Estado, a ter algum prestígio e poder:

[...] mostrou-se através dos séculos mais maléfica que benéfica à Igreja e à sociedade: o fechamento da escola da filosofia de Atenas (529 d.C), a perseguição ao paganismo e a interferência do Estado sobre assuntos da esfera religiosa, desenharam tempos de crise ética, religiosa e política nas sociedades europeias. (Angelis, 2017, p. 71)

Na história aconteceram momentos diversos, cada um com a sua peculiaridade, gerando diversos pensamentos e até afastamentos do assunto como se fosse desnecessário. Não obstante, esta relação afeta o indivíduo, a Igreja e a sociedade como um todo, após a primeira guerra mundial começam a surgir os regimes totalitários e cristãos se comportaram de formas diferentes frente a isso (Ferreira, 2016). Saber a relação entra as duas instituições fará refletir sobre qual posicionamento e atitude tomar mediante certas acontecimentos.

Os reformadores do século 16 pensaram sobre este assunto, indo contra o sistema proposto pela Igreja Católica de uma “junção” e escrevendo sobre uma separação, precursores da ideia de Estado Laico, cada qual com os seus deveres. (Angelis, 2017; Freston, 2006). Calvino está entre os pensadores que desassocia as Instituições e entende que cada uma tem as suas obrigações, esse pensamento está escrito na sua coleção de livros mais famosa, as *Institutas*.

As Institutas são um dos tratados teológicos mais conhecidos, quando Calvino começou a escrevê-las em 1536 não estava em sua cabeça alcançar tanto prestígio, como ele mesmo disse ao rei Francisco I da França:

Quando, de início, tomei da pena para redigir, esta obra, de nada menos cogitava, Ó mui preclaro rei, escrever algo que, depois, houvesse de ser apresentado perante tua majestade. O intento era apenas ensinar certos rudimentos, mercê dos quais fossem instruídos em relação à verdadeira piedade quantos são tocados de algum zelo religioso (Calvino, 2006, p.17, grifo do autor).

O reformador estava procurando ir em favor dos seus contemporâneos para defendê-los e instruí-los acerca da Bíblia, além de como viver de acordo com os ensinamentos de Cristo (Wiles, 1984), um desses ensinamentos é a ideia da função do Estado. Com o sucesso de Calvino, seus escritos podem ser conhecidos e logo, seus pensamentos também (Azevedo, 2009).

## 4 IGREJA E ESTADO PARA CALVINO

---

Calvino descreve seu pensamento sobre a administração política no capítulo XX das Institutas, discorrendo sobre as funções dele e a relação com a Igreja e os seguidores de Cristo. O primeiro ponto do pensamento de Calvino é a existência do Estado, não só um governo espiritual, como é necessário a existência de um tipo de governo terreno. Possuir esse governo humano é de alta importância (Abel, 2012). Embora tenha bebido

na fonte de Lutero, Zuínglio e em Bucer, sua concepção da função estatal ia mais longe, dando mais funções do que os outros porque o Reino de Deus não está nesse mundo completamente e o objetivo da Igreja é educativo, ou seja, não cabe a Igreja empenhar esforços na administração pública (Tillich, 2000).

A divisão explícita entre eles, a Igreja tem as suas obrigações e o Estado tem outras obrigações, mas mesmo sendo distintas, elas se complementam. O próprio Calvino fala sobre esta questão nas Institutas. “[...] entender que o reino espiritual de Cristo e a ordem civil são coisas muitíssimo distintas entre si, visto ser uma loucura judaica buscar e incluir o reino de Cristo sob os elementos deste mundo” (Calvino, 2006b, p. 452) e continua “Apesar disso, esta distinção não serve para que tenhamos a ordem social como uma coisa imunda e que não é pertinente aos cristãos (Calvino, 2006b, p. 2019).

O Reformador de Genebra confrontava a linha mais radical da reforma que defendiam que Cristo era o rei e todos estavam abaixo do seu julgo, mas para ele o reino em sua plenitude de Cristo é vindouro. Também contrasta com os radicais que dizem ser os governos da terra coisas corruptas e longe da vontade de Deus, ou de ser algo provindo de Deus. (Carvalho, 2005). As distinções continuam, Calvino entende que o Estado pode fazer guerra e tem legitimidade<sup>3</sup> nisso e aplicar impostos. Calvino e os radicais, como os anabatistas, divergem profundamente nesse tema e isso acontece por causa do fundamento do pensamento, em quando um defende que o único governo é de Jesus Cristo, outro defende que todos os governantes procedem de Deus (Lindberg, 2001).

Quando analisada as liberdades, se podemos chamar de liberdade, que Calvino deu ao Estado na sua teologia, pode se pensar que ele foi bem mais longe do que outros reformadores, mas sobre a concepção até onde vai o poder dos governantes, os principais teólogos da reforma têm a

---

<sup>3</sup> A guerra pode ser ilegítima se não seguir certos critérios, para saber a opinião de Calvino de quando é legal ou não, leia As Institutas, volume 4, capítulo 20, questão 11.

mesma ideia. Ou seja, Calvino segue a mesma linha só colocando mais funções aos deveres estatais (Tillich, 2000).

Embora pareça que ele algumas vezes coloca o Estado acima, não destoa dos outros e afirma que a Igreja tem a sua importância acima, como disse Dowley (1977, p. 381, tradução nossa): “Para Calvino, a igreja era suprema. Não deveria ser restrita em qualquer maneira pelo Estado. Ele deu mais importância do que Lutero da organização externa da igreja”. Os governadores tinham sua liberdade de agir, mas por serem instituídos por Deus deveriam fazer jus a sua função, cuidando do povo, zelando pela liberdade, impedindo desordem, e principalmente permitindo e cuidando da liberdade da Igreja, o Estado não podia interferir na igreja e sim zelar por ela (Calvin, [s.d.]).

Pelo outro lado os cidadãos tinham o dever de aceitar o governo, mesmo que as vezes fosse duro para o povo, João Calvino diz que se um governante ruim assume o poder é porque Deus quer castigar o povo para ensiná-los, além de dizer que o reino que não haverá choro será no reino invisível e vindouro. O reformador argumenta que o cristão está neste mundo e tem que estar em contado e ajudando, mas seu coração está longe, voltado para o reino de Deus (Calvino, 2006b; Carvalho, 2017).

O pensador descreve as funções do Estado, uma peça importante para equilíbrio e tranquilidade da sociedade que deve ser obedecida e que é colocada por Deus. Os cristãos precisam obedecer a seus representantes, não obstante, existe o direito de resistir o Estado. A função principal do Estado é manter a liberdade da Igreja e zelar que não haja impedimento da proclamação da palavra. Não cuidar da vida eclesiástica, mas sim permitir que ela seja propagada pela Igreja. Caso o governo esteja agindo contra a palavra de Deus ou impedindo a Igreja de suas funções, os cidadãos têm o direito de se repelar. Ou seja, quando a governo terreno vai contra o governo invisível e espiritual, é dever dos crentes seguir os desígnios de Deus e rejeitar as ordens do governo terreno (Mendes, 2019).

João Calvino vê muita importância no Estado e entende que ele é necessário a sociedade e é instituído por Deus, porém, as diretrizes cristãs são superiores e entre seguir uma ou outra, escolher as deixadas por Deus.

A influência de Calvino Não fica somente na esfera teologia, alcança diversas áreas e lugares. O calvinismo (pensamentos de Calvino e seus seguidores) ajudou a levantar mudanças políticas, revoltas, entre outros, pela Europa. Todavia, não foi apenas ele que influenciou estes movimentos, mas um dos motivos, ou seja, é difícil dizer que o calvinismo sozinho chegou a gerar tamanha mudança. Sabe-se que o pensamento teológico na França se modificou com as ideias de Calvino, mesmo quando ele estava vivo, as suas ideias não ficaram apenas em Genebra (Mcgrath, 2004; Silvestre, 2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A reforma protestante foi um marco na história, abrindo um caminho alternativo ao cristianismo da época, umas desses caminhos contrários foi a ideia da função do Estado e da Igreja, quais são os papéis de cada um. Calvino foi um dos expoentes desse movimento reformado, bebendo na fonte dos pré-reformadores, no humanismo e no luteranismo. Ele passa muito tempo escrevendo as Institutas que é um dos livros mais importantes na teologia protestante, lá está descrito vários assuntos pertinentes aos cristãos, um deles é Igreja e Estado.

Ele defende a existência do estado e que é preciso obedecer a ele. O governo terreno não é o reino invisível de Cristo, tendo a sua função e o reino espiritual outra.

Entretanto o governo está abaixo da lei de Deus. O pensamento de Calvino se espalhou e junto com outros contextos, influenciou reinos, cidades e movimentos, mas é difícil dizer onde exatamente e principalmente apenas o pensamento sozinho de Igreja e Estado. Mas é certo que gerou

influência e continua gerando séculos depois.

## REFERÊNCIAS

---

ABEL, O. Igreja e Estado. **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 32, n. 63, p. 195–206, 2012.

ALMEIDA, A. de. **A reforma protestante**. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

ANGELIS, L. de S. Estado Laico. In: **Reforma Protestante: Novos enfoques**. Curitiba: AD Santos, 2017.

AZEVEDO, M. **A liberdade cristã em Calvino: Uma resposta ao mundo contemporâneo**. Santo André: Academia Cristã, 2009.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CALVIN, J. **Calvin's Institutes**. Mac Dill AFB: Mac Donald, [s.d.].

CALVINO, J. **As Institutas: Volume 1**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006a.

CALVINO, J. **As Institutas: Volume 4**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006b.

CALVINO, J. **João Calvino: Textos escolhidos**. São Paulo: Pendão Real, 2008.

CARVALHO, G. V. R. DE. A cosmovisão Calvinista e a Resistência ao Estado. **Fides Reformata**. São Paulo, 10, n. 2, p. 21–44, 2005.

CARVALHO, R. W. A natureza do reino de Deus nas teologias de Lutero e Calvino. In: **Reforma Protestante: Novos enfoques**. Curitiba: AD Santos, 2017.

CAVALCANTI, R. **Cristianismo e política: Teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

- COLLINS, M.; PRICE, M. A. **História do Cristianismo: 2000 anos de fé.** São Paulo: Loyola, 2000.
- DANIEL-ROPS. **A igreja da Renascença e da Reforma – Volume I: A reforma protestante.** São Paulo: Quadrante, 1996.
- DOWLEY, T. (Ed.). **The history of Christianity.** Paulton: Lion, 1977.
- DREHER, M. N. **De luder a Lutero: Uma biografia.** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- FERREIRA, F. **A Igreja cristã na história: Das origens aos dias atuais.** São Paulo: Vida Nova, 2013.
- FERREIRA, F. **Contra a idolatria do Estado: O papel do cristão na política.** São Paulo: Vida Nova, 2016.
- FLUCK, M. R. **História e Teologia da Reforma.** Curitiba: Escritores Associados, 2011.
- FRESTON, P. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangelhos e a participação política.** Viçosa: Ultimato, 2006.
- GONZÁLEZ, J. L. **A era dos reformadores: Volume 6.** São Paulo: Vida Nova, 1983.
- GONZÁLEZ, J. L. **Visão panorâmica da história da igreja.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LAUTOURETTE, K. S. **Uma história do Cristianismo: Volume II: 1500 a.D. a 1975 a.D.** São Paulo: Hagnos, 2006.
- LINDBERG, C. **As reformas na Europa.** São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- MATOS, A. S. de. 500 anos de João Calvino; Pensamento sobre a sua vida e contribuições. **Caminhando: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.** São Paulo, v. 14, n. 2, p. 171–179, 2009.
- MCGRATH, A. **A vida de João Calvino.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MCGRATH, A. **A revolução protestante**. Brasília: Palavra, 2012.

MENDES, E. DA C. **A teologia política de João Calvino (1509-1564) na *Institutas da Religião Cristã***. 2009. 129 f. Tese (Doutorado em história) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

OLIVEIRA, Z. M. **História do cristianismo em esboço**. 2. ed. Recife: STBNB, 2005.

SILVESTRE, A. A. Calvino e o Direito de Resistir ao Estado. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 7, n. 2, 2002.

TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. 2. ed. São Paulo: Aste, 2000.

WILES, J. P. **Ensino sobre o cristianismo: Uma edição abreviada de *As Institutas da religião crista***. São Paulo: Pés, 1984.

O ARREPENDIMENTO  
E A VIDA CRISTÃ:  
INTERPRETAÇÃO  
CANÔNICA DE LUCAS  
5.27-32

THE REPENTANCE AND THE CHRISTIAN LIFE: CANONICAL  
INTERPRETATION OF LUKE 5:27-32

EL ARREPENTIMIENTO Y LA VIDA CRISTIANA: INTERPRETACIÓN  
CANÓNICA DE LUCAS 5:27-32

## RESUMO

---

Este artigo é um estudo sobre o arrependimento em Lucas 5.27-32 sob a abordagem canônica. O objetivo é esclarecer o significado do texto e de arrependimento aplicado a vida cristã. Neste é estudado o contexto histórico, literário e teológico, a fim de apresentar aos leitores a interdependência entre arrependimento e vida cristã. Em tempos em que movimentos ditos cristãos apresentam um evangelho sem a pregação do arrependimento, um estudo sobre o tema se faz relevante para apresentar que o arrependimento não só faz parte da vida cristã, como não há sentido em falar nesse estilo de vida sem que haja arrependimento. O artigo é estabelecido sob uma pesquisa bibliográfica que conta principalmente com comentários bíblicos, periódicos e Bíblias de estudo. Não há a pretensão de um estudo exaustivo ou definitivo, contudo, o exposto pode auxiliar a rechaçar certos discursos de igrejas e influenciadores digitais que pregam um evangelho sem arrependimento, levando assim, a um evangelho divergente do ensino bíblico. Assim, neste estudo, foi constatada a impossibilidade de viver uma vida cristã nos moldes bíblicos tradicionais sem que haja arrependimento, ou seja, mudança de comportamento

**Palavra-chave:** Arrependimento. Mudança. Jesus. Vida Cristã. Lucas.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada pelas FABAPAR. Pós-graduando em Teologia e Interpretação Bíblica pelas FABAPAR. Pastor auxiliar na área de jovens adultos na Igreja Batista do Bacacheri, Curitiba-PR. Brasil. Email: [scarpiniwsm@gmail.com](mailto:scarpiniwsm@gmail.com)

# INTRODUÇÃO

---

Inferno, pecado, arrependimento, mudança de atitude, renúncia, entrega. Estas são palavras que podem ser consideradas como polêmicas em muitas comunidades de fé nos dias de hoje. Ainda, com o advento das redes sociais, aquelas palavras, a despeito de serem tão importantes no meio cristão, parecem ter caído em desuso nesse segmento. Sendo assim, este artigo destacou uma delas, arrependimento, com o objetivo de significá-la e relacioná-la com a vida cristã de acordo com o texto de Lucas 5.27-32.

De forma sistematizada, o artigo traz a análise do texto em partes, contextualizando a perícopie dentro do livro de Lucas, do Novo Testamento e Antigo Testamento. Para que a correta interpretação de um texto seja realizada, os contextos próximo, imediato e geral devem ser bem delimitados para que erros ou desvios de interpretação sejam evitados. O contexto próximo se refere ao livro bíblico do texto. O contexto imediato se refere ao capítulo ou a perícopie em si. E, o contexto geral diz respeito ao cânon bíblico, ou seja, relaciona a perícopie com o Antigo e Novo Testamento. Todo esse esforço tem a intenção de chegar a uma resposta ao questionamento – É possível viver uma vida cristã sem passar pelo arrependimento?

Nesse sentido, o contexto próximo da perícopie estudou o seguinte: a autoria e destinatário, o propósito do livro e o arrependimento no evangelho de Lucas. Aqui foi visto que Lucas teria escrito o terceiro evangelho, como conhecemos hoje, com três propósitos: imediato, intermediário e geral, de acordo com Hendriksen (2014, p.22) e esses propósitos corroboraram a relevância dos escritos de Lucas para aquela época e para os dias de hoje. Ainda, foram apresentados brevemente os termos em grego que comumente são traduzidos como arrependimento, que trazem a ideia de mudança de vida, mudança de atitude.

O segundo contexto estudado, imediato, traz o estudo do arrependimento no capítulo 5 de Lucas, apresentando a relação entre os aconteci-

mentos do início do capítulo até chegar à narrativa base (Lucas 5.27-32). Nesta parte foi destacado como diversas pessoas tiveram suas vidas e condutas mudadas radicalmente por conta de Jesus, como, por exemplo: Pedro e seus amigos que largaram tudo para segui-lo e, ainda, os homens curados que também tiveram mudanças radicais em suas vidas. Todo esse processo direciona como Jesus tem em suas pregações um chamado fundamental ao arrependimento e mudança de vida.

O contexto geral, foi o último a ser estudado. Esse levou em consideração o Antigo e Novo Testamento no estudo proposto. Nessa seção foi apresentado como nos dois testamentos é possível encontrar Deus chamando o homem ao arrependimento. Os termos do Antigo Testamento em hebraico e em grego na septuaginta, assim como no Grego do Novo Testamento foram expostos demonstrando que tais palavras utilizadas referenciam a necessidade de cumprir a vontade de Deus tendo como ponto de partida o arrependimento e conversão, que quer dizer: deixar a vida de pecados e radicalmente voltar-se para Deus.

A expectativa é que este artigo possa auxiliar o leitor a identificar a necessidade do arrependimento na vida cristã, visto que, comumente um evangelho esvaziado da pregação do arrependimento tem se proliferado nas comunidades de fé, assim, como nas redes sociais. Será destacado como o arrependimento faz parte do discurso cristão no Novo Testamento, e, também, do povo de Israel no Antigo Testamento, chegando até os dias de hoje. Será apresentado como o arrependimento está relacionado com mudança de vida, mudança de atitude e com a incompatibilidade de seguir a Cristo e permanecer na mesma vida de antes.

Por óbvio, este artigo não tem caráter exaustivo em sua apresentação, dada a quantidade limitada de páginas de um artigo, contudo, o exposto é suficiente para firmar boas bases na compressão do significado do termo estudado, relembrar e sedimentar a interrelação entre aquele termo e a vida cristã e rechaçar a teologia equivocada que certos movimentos ditos cristãos dispersam acerca do arrependimento.

# 1 CONTEXTO PRÓXIMO: EVANGELHO DE LUCAS

---

Para que seja possível compreender e interpretar adequadamente uma perícopa é relevante olhar para esse texto como um conjunto de palavras, frases e parágrafos geralmente conectadas aos contextos próximo, imediato e geral aos quais está inserida. Com isso para se extrair a essência do que foi escrito pelo autor primeiro e aplicar nos dias de hoje de forma adequada é imperativo olhar com cuidado se e como esses contextos interferem no texto estudado. Assim, nesta seção será apresentada, de forma resumida, porém não simplista, a relação do texto de Lucas 5:27-32 e seu contexto próximo, que quer dizer: autoria e destinatário, propósito do livro de Lucas e o arrependimento dentro desse mesmo evangelho.

## 1.1 AUTORIA E DESTINATÁRIO

Assim como a grande maioria dos livros Bíblicos, o livro de Lucas não destoa no quesito autoria, não há menção do autor no texto canonizado. Os questionamentos acerca da autoria foram enfrentados e vencidos nos concílios da primeira era cristã, os quais auferiram credibilidade, não só no texto de Lucas, mas em toda a Bíblia. Assim sendo, tem-se que a maioria dos críticos concorda que Lucas é o autor do terceiro evangelho reconhecido pelo seu nome, assim como o livro de Atos. Tais concordâncias versam desde o século II. Carson, Moo e Morris (1997, p. 125) afirmam que autores como Tertuliano e Ireneu colocam como se não houvesse qualquer dúvida sobre a autoria lucana. Aqueles autores adicionam sobre o caso dizendo:

— Não é fácil imaginar como algum outro nome teria sido completamente suprimido ou por que o nome de Lucas teria sido associado a esses escritos caso ele não os tivesse redigido. Em debates patrísticos dá-se muita ênfase à apostolicidade como critério para aceitação de livros, de

modo que, se o autor foi alguém desconhecido, teria sido muito mais provável que eles tivessem sido atribuídos a um apóstolo ou a alguém como Marcos. (Carson; Moo; Morris, 1997, p. 126.)

Portanto, esse é o terceiro evangelho, que, ao que tudo indica, foi escrito por um gentio grego (Hendriksen, 2014, p.22) e endereçado a uma pessoa em especial, o excelentíssimo Teófilo. Naturalmente, entende-se que essa expressão é uma referência a uma pessoa real e que de acordo com o costume da época, talvez até tenha pagado os custos da edição. Tem-se ainda que o pronome de tratamento evidencia uma possível alta posição no Império Romano. Contudo, o nome Teófilo, significa “aquele que ama a Deus”, por isso há aqueles que defendem que o destinatário do livro são todos aqueles que amam a Deus, ou seja, o livro não teria sido enviado a uma pessoa e, sim, a uma comunidade. (Carson; Moo; Morris, 1997, p. 131).

Contudo, quer tenha sido direcionada a uma pessoa, quer tenha sido direcionada a um grupo de pessoas, qual o sentido ou o propósito da escrita desse evangelho. E esse é um fato interessante que será visto na próxima seção.

## 1.2 PROPÓSITO DO LIVRO

Prosseguindo em conhecer o contexto próximo de Lucas 5.27-32, Hendriksen (2014, p. 28) traz três vieses para entender o propósito da escrita do terceiro evangelho. O primeiro seria o propósito imediato: endereçar ao excelentíssimo Teófilo um relato ordenado e exato a fim de confirmar tudo aquilo que havia sido ensinado a ele, isso aparece em Lucas 1.1-4. Hendriksen adiciona ainda que uma possibilidade era de que a escrita tenha sido feita com vistas a defender a religião cristã de ataques e deturpações por parte dos inimigos de Jesus. Esse fato é deveras interessante por validar o texto de Lucas nos dias de hoje para justamente refutar, defender e rechaçar deturpações dos ensinamentos neles descritos, resgatando os verdadeiros ensinamentos de Jesus à igreja.

O propósito intermediário elencado por Hendriksen (2014, p. 29) destaca que o propósito seria endereçar não somente ao Teófilo, mas, também, aos gentios inseridos no mundo romano de fala grega, assim, fortalecendo sua fé e corrigindo desvios. Teófilo então seria o representante do mundo gentílico recém-convertido ao cristianismo. Por haver muitos neófitos, Lucas escreveu para fornecer mais instrução acerca da redenção, doutrina e ética cristã.

Por último, e de forma mais ampla, é apresentado que o propósito da escrita do evangelho de Lucas teria sido o de alcançar todas as nações incluindo os samaritanos (Hendriksen, 2014, p. 31). Esse ponto demonstra como o evangelho de Lucas, assim, como toda a Bíblia apresenta relevância a todos os cristãos de todas as eras para se apropriarem de seus ensinamentos para crescerem na fé. Neste contexto, temos o estudo sobre o arrependimento que pode ser enfatizado utilizando esse livro, visto que, a escrita do evangelho segundo Lucas serviu para instruir um recém-convertido, Teófilo, ou uma comunidade de neófitos. E é isso que será exposto a seguir: como o termo arrependimento está inserido nesse evangelho.

## 1,2 ARREPENDIMENTO NO EVANGELHO DE LUCAS

A primeira aparição do termo arrependimento no evangelho de Lucas está registrada no capítulo 3, versículo 3. Nesta passagem, quando João Batista pregava aos seus ouvintes a fazerem uma mudança radical na sua vida, o profeta estava exortando-os que largassem os seus pecados e voltassem para Deus para assim viverem uma nova vida em obediência a Deus. O comentário da Sociedade Bíblica do Brasil (Bratcher; Scholz, 2013, não paginado. Conhecido como Comentário SBB) indica que arrependimento vem do verbo grego *μετανοέω* (*metanoeo*) que traz o sentido de “mudar de ideia (ou maneira de pensar)”. Ainda, é colocado que o sentido normalmente aceito está ligado a ideia de tristeza ou remorso, contudo, esse não é o sentido básico do vocábulo grego. O sentido está

alinhado à mudança de comportamento, mudança de mente, mudança de atitude, mudança de vida.

Efetuada busca na Bíblia Interlinear da SBB (2004) por palavras com o radical *μετανοέω* (*metanoeo*, verbo, v.), e, também, *μετάνοια* (*metanoia*, substantivo, s.), quem tem o mesmo sentido do verbo, foram encontradas 12 referências (Lucas 3.3 s.; 3.8 s.; 6.30 v.; 15.7 s. v.; 10.13 v.; 11.32 v.; 13.3 v.; 13.5 v.; 15.10 v.; 17.3 v.; 17. 4 v.; e, 24.47 s.). Dessas há 4 relacionando arrependimento e perdão (3.3; 17.3; 17.4 e 24.47), 2 relacionando com o pecado (15.7 e 15.10) e 2 relacionando com morte (13.3 e 13.5).

Com isso, identifica-se que o arrependimento está ligado ao perdão da seguinte forma: os pecados daquele que se arrepende são perdoados ou remidos. Em outras palavras, para que haja a remissão dos pecados de uma pessoa, é necessário haver arrependimento, mudança de conduta, mudança de vida. Mas isso não significa que essa remissão está atrelada a ação humana em sua essência. Broadman (1983, p. 53) explica esse caso afirmando que “remissão de pecados não significa que o perdão é determinado por uma atitude ou ato humano.” Se fosse assim o ato de se arrepender infringiria a soberania de Deus. Aquele autor continua trazendo que a preposição utilizada no grego *εἰς* (*eis*) tem um significado de premonição, ou que aponta para o futuro, onde aquele que se arrepende espera receber o perdão, em vez de condenação, por ocasião do julgamento. O ato de perdoar faz parte da soberana graça de Deus, já o ato de se arrepender é uma expressão da fé no perdão subsequente.

As 2 passagens que relacionam arrependimento e pecado (Lucas 15.7 e 15.10) trazem que há alegria no céu quando um pecador se arrepende. O comentário SBB (Bratcher; Scholz, 2013, não paginado) traz que há ironia na fala de Jesus quando diz que há justos que não precisam se arrepender, visto que, todos são pecadores e todos precisam se arrepender. Está é uma clara referência aos fariseus que se consideravam justos e não cogitavam precisar de arrependimento. Com isso, aqueles que hoje pregam um evangelho sem arrependimento podem ser comparados

àqueles fariseus. Essas passagens revelam a existência de pecadores que precisam se arrepender e os céus se alegram quando o fazem. Broadman (1983, p. 72) traz que o arrependimento vai chegar àqueles que sabem que são pecadores e que precisam se arrepender. Enquanto não há a compreensão do pecado não há como haver arrependimento.

Por último, tem-se a relação entre arrependimento e morte (Lucas 13.3 e 13.5). Esses textos afirmam que aquele que não se arrepende certamente morrerá. O episódio aqui narrado (Lucas 13.1-5) reafirma a colocação do ponto anterior, todos são pecadores e precisam de arrependimento, contudo, aqueles que não o fizerem morrerão. A falta de arrependimento direciona o homem para a morte.

Sendo assim, foi possível destacar que a teologia do evangelho segundo Lucas apresenta uma relação intrínseca entre o pecador arrependido e a vida cristã. As passagens aqui expostas relatam uma vida cristã que se inicia através de uma mudança de vida, arrependimento. Contudo, ainda é possível explorar as passagens mais próximas da perícopes estudada e entender melhor o ministério de Cristo e o arrependimento.

## 2 CONTEXTO IMEDIATO: ARREPENDIMENTO NO CAPÍTULO 5 DE LUCAS

---

Na seção anterior foi possível identificar a relação do arrependimento com o evangelho de Lucas. Nesta seção, o contexto imediato será alvo de estudo atentando-se ao contexto anterior e o da própria perícopes. Logo, o capítulo 5 de Lucas será estudado com a intenção de jogar luz no entendimento do arrependimento e a vida cristã.

## 2.1 MUDANÇA DE VIDA: DA PESCA MARAVILHOSA AO CHAMADO DE CRISTO

O início do capítulo 5 de Lucas narra a pesca maravilhosa, momento em que Jesus demonstra seu poder a uma multidão de pessoas. Entre essas pessoas há Simão, chamado posteriormente de Pedro, e seus amigos. Após o milagre, Pedro pede que Jesus se afaste dele por ser um homem pecador (BÍBLIA, 2003, p. 1735).

Rienecker (2005, P. 132) traz que o gesto de Pedro indicava que a experiência da pesca maravilhosa mudara algo no relacionamento que ele tinha com Jesus. A confissão de que era pecador era reflexo de que algo em sua vida não condizia com a lei. O ato miraculoso de Jesus fez com que Pedro se sentisse com medo e indigno (Broadman, 1983, p. 68). Jesus os acalmou e pediu para que os seguissem. Pedro e os outros deixam tudo. Eles experimentam uma mudança de vida, que é exatamente a proposta do arrependimento: reconhecer que é pecador, reconhecer que a vida pecaminosa não faz parte da caminhada junto com Cristo e mudar de vida.

O problema não era ser pescador, mas a mudança de vida para aqueles pescadores incluiu uma nova forma de viver, pescar homens. Sobre o assunto Broadmann continua dizendo o seguinte:

Somos informados que eles deixaram tudo, para seguir a Jesus. Aquele que é chamado precisa estar disposto a negar as exigências dos seus velhos compromissos, a fim de viver debaixo das exigências finais da sua nova dedicação a Jesus. (Broadman, 1983, p. 68).

Seguir a Jesus implica em colocar as vontades pessoais em descrédito para que as vontades dele sejam prioridade. Não é possível descrever como era o relacionamento anterior entre aqueles pescadores e Jesus, mas pode-se inferir que quando Jesus se revelou diretamente aqueles pescadores suas vidas comuns não faziam mais sentido, a opção era abraçar a nova vida de seguidor de Cristo e suas consequências.

Na continuação desse capítulo, há a narrativa de mais 2 milagres que mudam vidas: um leproso isolado da vida pública, da vida social, da vida religiosa é curado e reestabelecido ao convívio social. Posteriormente, um paralítico tem seus pecados perdoados e volta a andar. Ambos, após terem um real encontro com Jesus, experimentam uma mudança radical em suas vidas, da mesma forma que aconteceu com os pescadores do início do capítulo.

Com isso observa-se que esse capítulo apresenta Jesus trazendo transformação de vida radical àqueles homens e isso direciona para a perícopie do chamado de Levi que será apresentada a seguir, que da mesma forma um homem tem sua vida transformada de forma radical.

## 2.2 ARREPENDIMENTO: O CHAMADO FUNDAMENTAL DE CRISTO

Após Pedro reconhecer que é pecador e junto de seus amigos abandonarem tudo e seguir Jesus; após um leproso e um paralítico serem curados e experimentarem mudança de vida, chegou a hora de Levi, ou Mateus. O texto de Lucas 5.27-32 narra o momento em que Jesus mais uma vez gera mudança radical na vida de uma pessoa, exatamente como havia feito com os homens do início do capítulo. Jesus mudou a vida de pescadores, de doentes e agora de um publicano.

Publicanos ou coletores de impostos eram judeus, em geral, que serviam ao império Romano cobrando imposto dos habitantes das cidades, inclusive de seus patrícios. Essa classe era tão odiada e excluída pelos judeus que eram contados no mesmo grupo de assassinos e ladrões, e, por isso, eram também excomungados das sinagogas (Barclay, 1973, p. 61, tradução nossa). Curiosamente, Levi, assim como o homem leproso e o paralítico não tinham uma vida em sociedade por serem excluídos.

No verso 31, Jesus faz uma divisão entre duas classes de pessoas: justos e pecadores. O contexto dessa declaração revela um embate entre os

fariseus e Jesus. Os mestres da lei julgaram Jesus por comer juntamente com publicanos e pecadores no versículo 30. Essa classe de pessoas é uma complementação a classe dos publicanos, ou seja, aqui, o contexto direciona para interpretar a palavra pecadores como pessoas de má fama, de má reputação. Jesus em sua resposta utiliza a mesma nomenclatura, pecadores. Já a palavra justos é uma ironia de Jesus para se referir aos próprios fariseus, que se consideravam assim (Bratcher; Scholz, 2013, não paginado).

Os fariseus se consideravam puros e justos e alegavam que alguns dos presentes no banquete oferecido por Levi “forçosamente seriam cerimonialmente impuros, e não havia modo mais seguro de receber contaminação por contágio do que associar-se com pecadores. Além disto, comer juntamente com um homem significava amizade, plena aceitação” (Morris, 1974, p. 114). Assim, Jesus no versículo 31 “talvez por causa da associação popular que então existia entre a doença física e a falta de retidão moral, e entre a saúde e a ética perfeita [...], assemelha-se a um médico.” (Evans, 1996, p. 112). Ironicamente, Jesus fala que não são os justos, os retos, os fariseus que precisam de um médico, mas sim, aqueles pecadores que eram julgados por esse grupo.

Então, no versículo 32 Jesus deixa de lado a ironia e de forma clara revela sua missão, chamar pecadores ao arrependimento. Rienecker (2005, p. 144) diz que os que se consideravam justos, e não pecadores, rejeitavam a necessidade de um médico. Mas Jesus se apresenta como aquele que vem chamar todos, mas não como justos, e, sim, como pecadores. Jesus veio chamar aqueles que entenderam que são pecadores a se arrepender, a mudar de vida. Hendriksen (2014, p. 375) diz o que aconteceu com Pedro, seus amigos, com os 2 homens e com Levi é chamado de transformação radical. Jesus chama pecadores a lhe seguir e deixar tudo. No fundo, arrepender é deixar a vida do passado para uma nova. É deixar tudo e seguir a Cristo.

Essa seção então destacou como o capítulo 5 de Lucas discorre sobre o assunto mudança de vida até culminar na narrativa da mudança de vida de Levi. Contudo, ainda pode haver aqueles leitores que precisam de mais evidências de que o arrependimento é uma via necessária à vida Cristã, neste sentido, a próxima seção irá apresentar como é possível encontrar o arrependimento não só no capítulo estudado de Lucas, mas, também, no Novo e no Antigo Testamento, ou seja no cânon bíblico.

## 3 CONTEXTO GERAL: ARREPENDIMENTO NO CÂNON BÍBLICO

---

Para que seja possível de forma breve apresentar as contribuições de como o arrependimento está presente tanto em ambos os Testamentos, dois textos base serão elencados para nortear o estudo em cada testamento, são eles: Ezequiel 33.11, para o Antigo Testamento; e Atos 3.19, para o Novo Testamento. A seguir então as contribuições desses dois textos ao exposto até aqui.

### 3.1 CONTRIBUIÇÕES SOBRE O ARREPENDIMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO

O texto de Ezequiel 33.11 é um “convite ao arrependimento” (Taylor, 2008, p. 193). Voltem-se: Essa é a vontade profunda e direta de Deus em relação ao povo de Israel, e conseqüentemente a todos aqueles que o servem. Deus não tem prazer na morte do ímpio, pelo contrário, Deus quer que ele viva. O texto de Ezequiel 33.11 diz assim:

Diga-lhes: ‘Juro pela minha vida, palavra do Soberano Senhor, que não tenho prazer na morte dos ímpios, antes tenho prazer em que eles se desviem dos seus caminhos e vivam. Voltem! Voltem-se dos seus maus caminhos! Por que iriam morrer, ó nação de Israel?’ (BÍBLIA, Ezequiel 33.11, 2003, p. 1424, grifo nosso).

As palavras ímpios e voltem-se contribuem e muito para o exposto até aqui. A palavra traduzida por ímpio vem do hebraico רָשָׁע (*rasha`*) que de acordo com Holladay (2010, p. 494) significa culpado transgressor, ímpio. Na septuaginta foi traduzido como ἀσεβής (*asebes*) que significa ímpio acordo com Gingrich (1993, p. 35). A Bíblia NTLH traduz esse termo como pecador. Ou seja, Deus não quer que o pecador morra, a vontade dele é que esse se desvie de seu caminho mal e viva.

Já a palavra “voltem-se”, no hebraico שׁוּב (*shuv*) que significa retornar, voltar, tornar, mudar de ideia (Holladay, 2010, p. 515) e do grego ἀποστρέφω (*apostrefo*) com o mesmo sentido – voltar, retornar (Danker, 2015, p. 32) – trazem a ideia de converter-se ou arrepender-se. Com isso, é possível observar no texto do Antigo Testamento, em hebraico, e no texto da septuaginta, em grego, que as palavras têm o sentido de retornar, voltar, converter-se e, finalmente, arrepender-se. Schökel e Diaz (2002, p. 831) dizem que “os imperativos soam no hebraico com ambiguidade propositada [...]: ‘voltai = convertei-vos.” Taylor (2008, p. 193) acrescenta que Deus deseja que os homens se arrependam e isso demonstra que o oráculo de julgamento de Ezequiel, visto em seu livro, tem como propósito final direcionar o homem ao arrependimento e conseqüentemente à salvação.

O Antigo Testamento traz em suas linhas gerais um Deus que adverte seu povo, denuncia seu pecado, e direciona esse esforço para levar o homem ao arrependimento que culminará na salvação desse. Esse ponto agrega ao exposto nesse artigo, a necessidade do arrependimento ao relacionar-se com Deus. Na próxima seção será apresentada a visão do Novo Testamento em relação ao arrependimento.

## 3.2 CONTRIBUIÇÕES SOBRE O ARREPENDIMENTO NO NOVO TESTAMENTO

Tendo em vista o exposto na seção anterior em que no Antigo Testamento o profeta Ezequiel chama o povo a se arrepender, qual seria a postura encontrada no Novo Testamento? Essa é a ênfase desta seção ao estudar o texto de Atos 3.19 que diz: “Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados” (Bíblia, Atos 3.19, 2003, p. 1856, grifo nosso). Essas duas palavras já foram alvo de estudo nas seções anteriores, a palavra grega para arrepender-se é a mesma apresentada antes na septuaginta, contudo, a palavra volte-se é traduzida de outro termo do grego.

A Bíblia interlinear (Bíblia Interlinear, 2004, p. 448) apresenta que se voltem foi traduzida do radical *ἐπιστρέφω* (*epistrepho*). Na seção anterior foi visto que a septuaginta traz a palavra *ἀποστρέφω* (*apostrepho*). Entretanto, ambas têm semelhança em suas traduções, convergindo nos possíveis sentidos: voltar, retornar, afastar, converter (Danker, 2015, p. 83). Assim, como Ezequiel apontou o pecado do povo e os chamou ao arrependimento, Pedro o faz aqui em Atos.

Nessa pregação em Atos são expostos os pecados de Israel: assassinar Jesus e perseguir seus profetas, e, ainda, todas as atrocidades apontadas por João Batista como: má repartição das terras, rejeição aos pobres e as injustiças (Comblin, 1987, p. 115). Toda essa pregação é direcionada há duas ações: Arrepender-se e converter-se. Horton completa com o seguinte:

Como no dia de Pentecostes, Pedro convidou-os a arrependerem-se, a mudarem de opinião e de atitude acerca de Jesus. Convertam-se (voltem para Deus) para que seus pecados (incluindo o pecado de rejeitar e matar Jesus) sejam perdoados (retirados, cancelados). (Horton, 1983, p. 48)

Ainda, sobre o tópico, Boor (2003, p. 71) diz que mesmo após o pecado de Israel, a chance de conversão é dada e precisa ser realizada com uma seriedade radical, que é explícita por Pedro ao convidar os ouvintes a uma conversão que significa: “afastar-se do pecado, e voltar-se para a graça de Deus” que é traduzida em dar “meia volta” e se converter. Taylor (2008, p. 193) diz que um verdadeiro arrependimento “[...] precisa demonstrar-se numa qualidade de vida marcada pela obediência às leis e a Deus”. Assim, como dito antes, arrependimento demonstra uma mudança radical.

Com isso, vê-se que Antigo e Novo Testamento versam sobre a necessidade do arrependimento para que os pecados sejam apagados e o relacionamento entre homem e Deus seja reestabelecido por meio de Jesus. Mudança de atitude, mudança de vida, voltar-se para Deus, deixar as antigas práticas, tudo isso está inserido no contexto de um relacionamento de obediência a Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Com a expectativa de responder ao questionamento elencado deste artigo – é possível viver uma vida cristã sem passar pelo arrependimento? –, foram colocadas em cada uma das seções os argumentos para tal. E foi interessante constatar que em cada uma das seções foi possível observar como o arrependimento é uma requisição divina que direciona o homem à salvação.

Foi identificado que o arrependimento está ligado ao perdão, ou seja, quando o arrependimento é vivido os pecados daquele que se arrepende são perdoados e o reflexo do arrependimento é mudança de conduta, de vida. Ainda, foi visto que quando o arrependimento é vivido por um pecador os céus se alegram. E esse ponto corrobora com o exposto no livro de Ezequiel: Deus não se alegra com a destruição do pecador, pelo contrário, ele se alegra quando esse se volta para ele.

Também foi enfatizado e lembrado que todos são pecadores, assim, todos precisam passar pelo arrependimento e aqueles que negam seguir por este caminho se assemelham aos fariseus hipócritas que se achavam justos e rechaçavam a necessidade de se arrepender. Um destaque do estudo feito é que um pecador só vai viver o arrependimento genuíno quando ele mesmo perceber que é pecador e que precisa ser perdoado. Os fariseus não se viam como pecadores, já aqueles que deixaram tudo para seguir a Jesus se viam como pecadores e indignos de tamanha nobreza. Aquele que se arrepende viverá.

Ainda, passando pelos versos do Antigo e do Novo Testamento foi interessante constatar que aqueles que pregavam a vontade de Deus, o profeta Ezequiel, o apóstolo Pedro e o próprio Jesus levavam a palavra de Deus exortando os ouvintes a se arrepender, a se voltar para Deus. Ficou constatado que a vida cristã não faz sentido sem arrependimento, visto que, seja no Antigo Testamento, seja no Novo Testamento há uma enorme coerência de discurso: arrependa-se e volte-se para Deus. Aquele que deseja seguir a Jesus tem que passar pela mudança de vida proporcionada pelo arrependimento. Ezequiel chamou o povo a voltar-se para Deus, Pedro fez o mesmo, e Jesus explicitou sua missão na Terra: chamar pecadores ao arrependimento.

A resposta à pergunta base deste estudo é um peremptório não. Não há como viver uma vida cristã sem que haja arrependimento. Seguir a Jesus implica renúncia e confissão, assim como Pedro que confessou ser pecador e renunciou sua vida pela vida em Cristo. Taylor (2008, p. 193) disse que “o arrependimento é obrigação de todos os homens; a indisposição para arrepender-se é uma negação do verdadeiro espírito de fé na misericórdia de Deus.” Arrepender-se é confiar na promessa de vida futura junto com Deus.

Por fim, fica claro que as pregações que se furtam em direcionar o pecador ao arrependimento não passam de mera enganação. Os verdadeiros profetas de Deus usavam suas vozes para ecoar a voz divina que conclama a todos homens que se arrependam. Não há como viver a vida cristã bíblica sem se arrepender de seus pecados e se voltar para Deus.

# REFERÊNCIAS

---

BARCLAY, Willian. **The Gospel of Luke: The Daily Study Bible**. Glasgow: The Saint Andrew Press, 1973.

**BÍBLIA**. Português. Bíblia Estudo NVI. São Paulo, Editora Vida, 2003.

BOOR, Werner de. **Comentário Esperança: Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003.

BRATCHER, Roberto G; SCHOLZ, Vilson. **Comentários SBB para exegese e tradução - Lucas versículo a versículo**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. Versão digital.

CARSON, D. A; MOO, Douglas J e MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo, Vida Nova, 1997.

COMBLIN, José. **Comentário Bíblico do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos**. Volume I: 1 - 12. São Leopoldo: Sinodal, 1978.

COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMANN. **Lucas e João**. Novo Testamento 2, Volume 9. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento: Grego-português**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento Grego / Português**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

HENDRIKSEN, Willian. **Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas**. Vol. 1. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

HOLLADAY, Willian L. **Léxico: Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. São Paulo: Editora Vida, 1983.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005.

SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Grande comentário Bíblico: Profetas II**. São Paulo: Paulus, 2002.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (SBB). **Novo testamento Inter-linear grego-português**. Versão Almeida Revista Atualizada e Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

TAYLOR, Jonh B. Ezequiel: **Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

# JONAS: ANÁLISE INTRODUTÓRIA ENTRE ESTÓRIA OU HISTÓRIA

JONAS: INTRODUCTORY ANALYSIS BETWEEN STORY OR HISTORY

JONÁS: ANÁLISIS INTRODUCTORIO ENTRE CUENTO O HISTORIA

## RESUMO

---

Este artigo tem como objetivo introduzir o leitor no debate sobre a historicidade do livro do profeta Jonas, além munir o leitor com os principais argumentos e contra-argumentos de uma leitura não histórica do texto. Para tanto, é visto algumas tentativas de categorizar a obra em um gênero literário, passando então para um conjunto de paradoxos que parecem culminar na improbabilidade histórica do livro. Outros pontos levantados são o aparente caráter hiperbólico das descrições e o poder demasiado na pregação de Jonas. Chegando ao fim da primeira parte deste artigo, são abordados os argumentos a respeito das imprecisões históricas do livro e a crítica ao salmo encontrado no segundo capítulo da obra. Na segunda parte, é proposto algumas respostas para os aparentes problemas levantados, terminando então com uma breve reflexão sobre a implicação de decidir ler o livro como não histórico.

**Palavras-chave:** Nínive. Profetas menores. Pré-exílico. Análise literária. Interpretação bíblica.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia (FABAPAR). Brasil. E-mail para contato: cassio.antunes@hotmail.com

# INTRODUÇÃO

---

O profeta Jonas, provavelmente, está entre os personagens bíblicos mais conhecidos pelos leigos (Sicre, 1996, p. 327). O que, ainda de acordo com Sicre, pouco se sabe fora da academia é sobre o debate em torno da veracidade dos relatos do livro que leva o nome deste profeta.

O presente artigo tem como objetivo compilar e analisar a validade dos principais argumentos a favor da leitura do livro como ficção, a fim de equipar o leitor com as informações prévias necessárias para a correta interpretação do texto. Para alcançar tal objetivo, foi utilizado o método dialético e bibliográfico de pesquisa.

## 1 JONAS COMO ESTÓRIA

---

Como dito anteriormente, fora do ambiente acadêmico, pouco se sabe sobre o debate em torno do gênero literário de Jonas. Antes, a leitura comum parece ser feita com o pressuposto de um material histórico, quer pela forma do texto em prosa, quer pela seção bíblica em que se encontra. Neste caso, parece ser interessante começar por quando surgiu o pensamento sobre o livro de Jonas como um conto.

### 1.1 GÊNERO LITERÁRIO DA OBRA

Para Baker et al (2001, p. 80), a abordagem do texto de Jonas como ficção é moderna, tendo doze gêneros literários como os mais propostos entre os defensores desta visão. Baker et al esclarece que o tamanho da lista, por mais que pareça atestar desacordo entre os estudiosos desta linha interpretativa, demonstra no entanto a união em torno da teoria de um livro não histórico. Isto se dá considerando os gêneros propostos que vão de novela à ficção didática e de parábola profética à midrash.

Por outro lado, Sicre (1996, p. 328), que defende a certeza de um Jonas fictício, alega não ser este um pensamento moderno, visto que já era defendido por Gregório, o Teólogo<sup>2</sup>, no século IV. O padre Vincent Mora defende o caráter fictício da obra com a mesma certeza que Sicre ao dizer que “o livro de Jonas nos conta a **estória** seguida de um certo Jonas às voltas com uma missão divina” (1983, p. 09, grifo nosso).

Padre Mora parece discordar da afirmação aqui feita sobre a leitura usual do livro como histórico, quando diz que “À primeira vista temos uma **estória** engraçada, cheia de humor e bem elaborada. Mas a quê nos conduz? Qual o sentido deste **conto**?” (1983, p. 10, grifo nosso). Com isto, o que se tem é a clara dificuldade de categorizar o livro de Jonas em um gênero literário conhecido.

## 1.2 PRINCIPAIS ARGUMENTOS

A fim de expor o motivo pelo qual o livro de Jonas encanta com facilidade, Mora argumenta que o “conto satírico” reúne em si uma grande quantidade de paradoxos:

Por quê [o livro seduz o leitor]? Sem dúvida porque em nenhuma outra parte na Bíblia se descobrem, reunidos, tais paradoxos. Citemos alguns: eis um profeta desobediente, tacanho e teimoso, perante não-judeus politeístas, simpáticos e religiosos, movendo-se num cosmos inteiramente submisso às ordens de Deus; eis a penitência singular de uma cidade pecadora e um perdão divino que não depende, afinal de contas, desta penitência; eis sobretudo um Deus inabalável em seu desígnio e, no entanto, de uma paciência incrível com seu profeta recalcitrante; um Deus terrível diante do pecado, mas cuja ternura para com suas criaturas é o segredo supremo; um Deus confessado como o Deus de Israel, mas cuja ação e vontade de salvação parecem só visar os pagãos, em suma, um Deus universal que transtorna o universo para salvar pagãos e convencer seu profeta, aqui com o desencadear de um

<sup>2</sup> Também conhecido como Gregório de Nazianzo, Gregório foi um pensador e escritor cristão, além de um Patriarca de Constantinopla do século IV, onde fica atual Istambul, na Turquia.

mar furioso, acolá com a sombra de uma mamoneira e entre os dois com um inocente peixe! (Mora, 1983, p. 61).

Apesar da leitura do Padre Mora ser condizente com sua Soteriologia quando fala sobre penitência, o trecho acima deixa claro os elementos que compõem o conjunto de incômodos paradoxos que são geralmente apresentados por pensadores que alvoram a bandeira da ficção em Jonas. Trocando em miúdos, o que parece incomodar os teóricos desta linha de pensamento é aquilo que Baker et al (2001, p. 82) chama de “Improbabilidade histórica” devido a quantidade de eventos supranaturais.

Outro ponto levantado é o caráter hiperbólico do texto na visão de alguns, haja vista que o adjetivo hebraico *gádól*<sup>3</sup> (grande) é usado catorze vezes no livro. Todavia, os exageros não se limitam apenas as descrições, mas também aos efeitos dos eventos. Mora, ao falar sobre a originalidade do autor de Jonas, diz que as situações são “[...] inverossímeis e por isto mesmo significativas! Os marinheiros na tempestade e os ninivitas precipitam-se unânime e prontamente demais para a conversão” (Mora, 1983, p. 64).

Em suma, o argumento embasado na hipérbole descritiva e situacional seria duplo: primeiro são que as descrições de formas grandiosas seriam para deixar claro que o texto não deve ser lido como histórico; e segundo, é aquilo que Champlin chama de “Poder demasiado na pregação de Jonas” (Champlin, 2000, p. 3549), afinal como pode uma pregação tão singela impactar de tal forma a totalidade da cidade? Na visão dos teóricos da leitura ficcional de Jonas, isto só seria possível em caso de um texto não histórico.

Para Champlin (2000, p. 3548), outro argumento comumente utilizado pelos proponentes da leitura ficcional de Jonas são os tropeços históricos

3 Baker, Alexander e Sturz (2001, p. 82) falam sobre isso em uma nota de rodapé. Em contato com o texto hebraico de Jonas na Stuttgartensia, foi possível encontrar as referências textuais conforme segue: “grande cidade” em Jn 1:2; 3:2; 3:3 e 4:11; “grande vento” em 1:4; “grande tempestade” em 1:4 e 1:12; “grande temor” em 1:10 e 1:16; “grande peixe” em 1:17; “maior deles” em 3:5; “grandes” ou “nobres” em 3:7; “grande descontentamento” em 4:1; “grande alegria” em 4:6.

encontrados no livro. Dentre estes, dois se destacam, sendo a designação do imperador assírio como “Rei de Nínive” (Jn 3:6), quando esta cidade alcançou o status de capital somente no reinado de Sargão II (722—702 a.C) e o erro em descrever Nínive como uma “grande cidade” ou “cidade muito importante”.

Para os teóricos da linha fictícia que lançam mão deste argumento, o ponto é que se o livro de Jonas de fato estivesse sendo escrito no século VIII a.C, tempo em que Jeroboão II era rei de Israel e que um certo Jonas é citado em 2 Reis 14:25, as descrições do livro seriam mais próximas à realidade.

Por fim, a favor da leitura do livro de Jonas como ficção, resta os argumentos acerca do segundo capítulo da obra onde consta o salmo ou oração de Jonas. Conforme Dillard e Longman (2006, p. 378), alguns estudiosos pregam sobre a falta de naturalidade em que o salmo de Jonas aparece no texto. Neste ponto o argumento dos teóricos da leitura ficcional é que, pelo prisma da crítica textual, o texto poético de Jonas 2 não parece fazer parte da composição original da obra. Isto se dá tendo em vista que ao ler Jonas 1:17, sendo este o último versículo antes da poesia de Jonas, e logo na sequência ler Jonas 2:10, na visão destes teóricos, a leitura aparenta fluidez sem deixar a sensação de que algo está faltando.

Isto além de o conteúdo deste salmo, ainda segundo Dillard e Longman, parecer aos olhos dos críticos incoerente junto ao personagem que é apresentado nos demais capítulos da obra. Uma vez que o Jonas que se apresenta no texto poético louva em ação de graças ao mesmo tempo em que demonstra uma submissão a Deus, porém, já no capítulo seguinte, aparece um Jonas relutante e depois chegando ainda a ser antagonico a Deus.

Muitos outros argumentos foram encontrados para esta linha interpretativa, no entanto entende-se que os que foram aqui mencionados são os mais comuns, de maior peso e suficiência para uma breve amostragem.

## 2 JONAS COMO UM RELATO HISTÓRICO

---

Como foi visto acima, muitos são os argumentos contrários à historicidade do livro de Jonas lançados por estudiosos competentes. Contudo, Baker et al rebate dizendo que “Apesar de seu apelo popular, esses argumentos a favor da natureza fictícia do livro de Jonas não são tão irrefutáveis quanto poderiam parecer à primeira vista” (Baker et al, p. 84). Assim, olhar os argumentos contrários faz-se necessário.

Refutar os argumentos dos defensores da ficção em Jonas é a postura mais comum adotada pelos eruditos que defendem a historicidade do texto como bem diz o Dicionário Bíblico Tyndale:

A historicidade do livro tem sido defendida por extraordinários estudiosos das Escrituras. A abordagem básica desses estudiosos tem sido reagir aos argumentos dos que negam sua historicidade e apontar para o que é considerado como evidência positiva da historicidade do livro nas alusões de Jesus à profecia e na antiga tradição judaica. (Dicionário Bíblico Tyndale, 2015, p. 988).

Isto se dá devido à naturalidade com que o texto é lido de forma histórica à luz de sua introdução que diz que “A palavra do Senhor veio a Jonas, filho de Amitai” (Jonas 1:1). Também por este motivo, o presente artigo segue esta estrutura apresentando primeiro os argumentos para estória e contrapondo-os na sequência. Quanto à improbabilidade histórica do livro devido à grande quantidade de acontecimentos extraordinários, Baker; Alexander e Sturz recordam que:

O autor do livro bíblico de Reis incorpora, em seu relato historicamente fundamentado, acontecimentos que não são menos inacreditáveis do que os encontrados em Jonas (e.g., a ascensão de Elias em 2 Rs 2.1-18). (Baker et al, p. 82).

Este mesmo contra-argumento pode ser utilizado no Evangelho segundo Lucas que, em seu prólogo, diz ter usado como base o resultado de uma “acurada investigação” (Lucas 1:3 ARA)<sup>4</sup>, ou seja, é um relato histórico, e ainda assim o livro é repleto de milagres. Neste paralelo, a pergunta que fica ao leitor é: será que o excelentíssimo Teófilo recebeu o texto como fictício? Para Kunz e Martins, o cerne da questão é a dificuldade em aceitar o miraculoso e com isto veem implicações alarmantes:

Embora se levantem críticas e zombarias quanto à historicidade do livro do profeta Jonas - levantes estes que abrangem desde o campo gramatical até os fatos extraordinários- a raiz de toda dificuldade de aceitação histórica é a negação do miraculoso. Mas tal visão é uma afronta à fé bíblica, pois se o intérprete excluir o sobrenatural das páginas da Bíblia esta já não o será mais Palavra de Deus e muito menos o Deus relatado nela será Deus de fato. (Kunz; Martins, 2020, p. 280).

Sobre os argumentos relativos ao texto propositalmente hiperbólico, Baker, Alexander e Sturz (2001, p. 83) esclarecem que o texto não trata isto da forma tão clara quanto os intérpretes ficcionais propõem. Em vez disso, a obra parece expor os fatos de forma fiel e sem exageros, afinal, um peixe capaz de engolir um homem não pode ser adjetivado de outra forma se não “grande”. O mesmo vale para a cidade, que de fato não era uma megalópole, mas isto comparado aos padrões modernos. Champlin (2000, p. 3548) advoga que para os padrões contemporâneos à obra, Nínive era uma cidade gigantesca com seus seiscentos mil habitantes.

Quanto à poderosa pregação de Jonas em cinco palavras no original hebraico e sua capacidade de mudar corações, poder-se-ia apelar para o caráter sobrenatural da pregação. No entanto, neste artigo, será tratado de outra forma. Ao falar sobre este ponto, Price e House (2020, p. 184-185) lembram a necessidade de se entender parte da cosmovisão do Antigo Oriente Médio. Os eventos astrofísicos, geológicos, climáticos e sociais eram recebidos como presságios por todo um povo.

4 A palavra *παρακολουθέω*, traduzida no mencionado texto como “acurada investigação”, tem o significado de “fazer um grande esforço no sentido de descobrir os detalhes e a verdade a respeito de algo”. Para mais informações, verificar Louw e Nida, 2013, p. 297.

Com isso, Price e House (2020, p. 184) apresentam uma série de eventos arqueologicamente comprovados que podem ter criado um ambiente propício para o arrependimento massivo da cidade. São eles: o começo do culto monoteísta de Nabu em 787 a.C.; pragas e fome atingindo a Assíria de 773 até 765 a.C.; revolta na cidade de Assur no mesmo ano em que é registrado um eclipse solar em 763 a.C.<sup>5</sup>; outra revolta em Assur no ano de 762 a.C.; revoltas na cidade de Arrafá nos anos de 761 e 760 a.C.; outra praga registrada em 759 a.C.; e por fim uma estranha paz na terra é registrada em 758 a.C. Assim, Prince e House terminam dizendo que:

Certamente esses eventos e talvez presságios adicionais cultivaram um ambiente particular em Nínive que poderia ter resultado no arrependimento em massa registrado em Jonas 3:5-8. À luz desses eventos históricos, que ocorreram no final do século VIII a.C., uma mensagem da ira divina apresentada por um profeta como Jonas nesse contexto teologicamente sobrecarregado e politeísta pode ter confirmado o que os presságios dos assírios já apontavam. (Price; House, 2020, p. 185)

Por outro lado, Champlin, embora também defenda o texto como narrativa histórica, discorda do argumento dos presságios escolhendo outra via para sua defesa da historicidade da obra. No dicionário teológico que leva seu nome, Champlin (2018, p. 885) defende que Jonas pode sim ter sido um orador potente e arrebatador de multidões com discursos simples, assim como fez Hitler na Alemanha Nazista. Isto posto, alguém poderia dizer que Champlin parece confirmar de forma inusitada a satírica Lei de Godwin<sup>6</sup>, o que não parece invalidar o argumento de forma alguma.

Sobre os tropeços históricos de chamar o imperador assírio de “rei de Nínive” (Jn 3:6), Champlin (2000, p. 3548) questiona o que de fato impede

5 O *Enuma Anu Enlil* (conjunto de tabuletas que tratam da astrologia babilônica) falam sobre esses eclipses trazendo a anunciação de fome, guerra, morte do rei e etc. (PRICE; HOUSE p.184). O que faz dessa data bastante significativa, visto que Jeroboão II (782-753 a.C.), que é contemporâneo de Jonas, reinava em Israel.

6 A Lei de Godwin diz que “à medida que uma discussão online se alonga, a probabilidade de surgir uma comparação envolvendo Adolf Hitler ou os nazistas tende a 100%” (O POVO, 2018, não paginado).

que ele seja chamado desta forma. O Dicionário bíblico Tyndale (2015, p. 988) exemplifica o pensamento de Champlin quando demonstra que Acabe, rei de Israel, foi chamado de rei de Samaria em 1 Rs 21:1 e Ben-Hadade, rei da Síria, foi chamado de rei de Damasco em 2 Cr 24:23.

No tocante à incoerência entre o “Jonas quebrantado” no salmo do capítulo 2 e o “Jonas irado” dos capítulos adjacentes, Dillard e Longman são quem elucidam a questão quando dizem que “[...] Jonas não é um personagem plano, mas complexo. Ou seja. Nos seus altos e baixos espirituais ele age como uma pessoa real” (2006, p. 378).

Por fim, de acordo com Champlin (2018, p. 1734), Tipologia é quando algo real e histórico que aparece nos textos veterotestamentário (exemplos: eventos, objetos, pessoas e etc.), passam a ilustrar Jesus Cristo ou algum outro aspecto da realidade cristã. Deste modo, o que se tem é uma relação entre a historicidade do que foi previsto no Antigo Testamento e o que é visto no Novo Testamento. Nesta perspectiva, Kunz e Martins asseveram:

Aceitar o relato de Jonas como fictício consiste em fazer o mesmo em relação a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, negando-os como acontecimentos históricos; pois a permanência de Jonas no ventre do grande peixe é tida como um **tipo** do sepultamento de Jesus Cristo. (Kunz; Martins, 2020, p. 281, grifo dos autores)

Com este pensamento Kunz e Martins levam o debate para um outro campo. Um campo que se retroalimenta, visto que é o efeito, ao mesmo tempo em que é a causa de uma correta interpretação bíblica: A ortodoxia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo foram dispostos os principais argumentos para a leitura fictícia do livro de Jonas, bem como os principais contrapontos. Agora, resta ao leitor decidir sobre a suficiência ou insuficiência de ambos os pontos de cada uma das visões.

Provou-se que para cada argumento dos teóricos da leitura com viés fictício, há bons contra-argumentos capazes de balançar as certezas de um Jonas não histórico. Seja como for, a análise fria dos argumentos a favor da leitura ficcional demonstra que houve preocupação em perguntar a forma correta de se interpretar tal texto. Porém, ao considerar o conteúdo das críticas que, de uma forma ou outra, estão ligadas aos acontecimentos miraculosos do texto, é difícil não sentir um tom de incredulidade.

Por não ser o objetivo do presente artigo, não foi possível apresentar uma pesquisa abrangente sobre tipologia bíblica e seu caráter histórico. Ou seja, de algo real com sua localização no tempo e no espaço, mas que aponta para algo maior e futuro. Todavia, a breve definição aqui exposta deve ser suficiente para demonstrar que a leitura de Jonas como um texto fictício pode trazer grandes danos às principais colunas da fé cristã.

Finalmente, devido ao caráter introdutório ao assunto, resta ainda à disposição muitos argumentos de ambos os lados para serem pesquisados, e apresentados ao leitor para uma correta aproximação deste livro que Deus tem usado para transformar bem mais do que cidades inteiras.

## REFERÊNCIAS

---

BAKER, David W; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Novo dicionário bíblico Champlin: ampliado e atualizado**. São Paulo: Hagnos, 2018.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: Versículo por versículo**. v. 5. São Paulo: Editora Candeia, 2000.

COMFORT, Philip W.; ELWELL, Walter A. **Dicionário bíblico Tyndale**. São Paulo: Geográfica, 2015.

DILLARD, Raymond; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

KUNZ, Zanoni Marivete; MARTINS, Francis Natan Gonçalves. Breve defesa da historicidade do livro do profeta Jonas. **Via Teológica**. Curitiba, v. 21, n. 42. p. 259-283. dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/188/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

Lei de Godwin. In: **O POVO**. Jornal O Povo, 2018. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/politica/2018/10/voce-sabe-o-que-e-lei-de-godwin.html>. Acesso em: 27 mar. 2023.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MORA, Vincent. **Jonas**. São Paulo: Paulinas, 1983.

PRICE, Randall; HOUSE, H. Wayne. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: O profeta; os profetas; a mensagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

# PROPÓSITOS DE DEUS, NA COSMOVISÃO DA TEOLOGIA REFORMADA, NO CHAMADO DO PROFETA SAMUEL NO FINAL DO PERÍODO DE JUÍZES

PURPOSES OF GOD IN THE WORLDVIEW OF REFORMED THEOLOGY;  
THE CALLING OF THE PROPHET SAMUEL AT THE END OF THE PERIOD  
OF THE JUDGES

PROPÓSITOS DE DIOS EN LA COSMOVISIÓN DE LA TEOLOGÍA  
REFORMADA: EL LLAMADO DEL PROFETA SAMUEL AL FINAL DEL  
PERÍODO DE LOS JUECES

## RESUMO

---

Este artigo apresenta um estudo sobre a cosmovisão da Teologia Reformada no Antigo Testamento, focando nos planos de Deus e no chamado profético de Samuel. O objetivo é investigar os planos divinos presentes no Antigo Testamento e compreender o papel profético de Samuel. A pesquisa utiliza o método socrático como desafio acadêmico. O interesse pelo tema aumentou durante a disciplina de produção acadêmica, levando o autor a buscar além dos materiais fornecidos. O artigo começa com uma explicação do termo “cosmovisão” e sua importância na compreensão da realidade. Em seguida, aborda a cosmovisão cristã e a necessidade de moldá-la de acordo com as Escrituras. A teologia Reformada é definida como uma abordagem baseada na soberania de Deus e nas Escrituras. O artigo também destaca a importância dos profetas no Antigo Testamento, especialmente Samuel, como agentes da revelação divina. Por fim, ressalta-se o conflito entre a profecia e a monarquia em Israel e a relevância do tema para uma adoração adequada e uma vida em comunhão com Deus.

**Palavras-chave:** Cosmovisão da Teologia Reformada. Antigo Testamento. Chamado profético de Samuel. Escrituras Sagradas. Pacto da Lei e da Graça.

---

1 Graduado em Matemática (2006) pela UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville. Especialista em Fundamentos e Organização do Currículo. Bacharel em Teologia (2025) pela FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. Brasil. Professor efetivo da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina desde 2002. Educador matemático com atuação voltada à formação de professores e ao desenvolvimento curricular. Associado à Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e à Sociedade Brasileira de Educação Matemática de Santa Catarina. Articulista e revisor de artigos científicos e materiais pedagógicos voltados às políticas públicas educacionais. Reside em São Francisco do Sul, Santa Catarina. Brasil. E-mail para contato: prof.cidral@gmail.com

# INTRODUÇÃO

---

O artigo tem intuito de abordar a problemática relacionada aos planos de Deus e ao chamado profético no Antigo Testamento e busca analisar a cosmovisão da Teologia Reformada. Seus objetivos incluem a investigação dos Planos Divinos presentes no Antigo Testamento, bem como a compreensão do chamado profético de Samuel. Além disso, uma importante indagação proposta neste estudo é se a cosmovisão da Teologia Reformada no Antigo Testamento aborda os planos de Deus e o chamado profético de Samuel. Como desafio acadêmico, propõe-se o uso intuitivo do “método socrático”<sup>2</sup> para a realização desta pesquisa.

Apesar do suporte e da flexibilidade de tempo fornecidos para a leitura e contemplação dos materiais, o interesse do acadêmico sobre o tema aumentou progressivamente, levando-o a buscar além dos materiais estabelecidos pelo professor. Esse processo o levou a refletir sobre a importância do tema para a Teologia. Nesse sentido, este artigo apresentará inicialmente uma fundamentação teórica, bibliográfica e análise documental de forma qualitativa e descritiva, sempre referenciando suas bases. Por fim, será conduzida uma discussão conceitual sobre o tema.<sup>3</sup>

---

2 Método socrático: Uma abordagem de ensino e pesquisa que envolve a formulação de perguntas, a reflexão crítica e o diálogo como forma de promover a aprendizagem e a descoberta de conhecimento.

3 Inicialmente, este artigo apresentava-se na culminância das atividades que serviram de finalização da Disciplina de Produção Acadêmica, do 5º semestre do Curso Bacharel em Teologia na modalidade EAD, das Faculdades Batistas do Paraná – FABAPAR de 2023. Devido às instruções e determinações da Disciplina, o artigo teve que ser enxuto, resultando na perda de muitas informações relevantes, no entendimento do acadêmico. No entanto, com as instruções de outros leitores do material na íntegra, acredita-se que uma publicação do material completo possa contribuir significativamente.

# 1 COSMOVISÃO, COSMOVISÃO CRISTÃ E TEOLOGIA REFORMADA

---

A própria palavra se define, cosmovisão entende-se por uma junção das palavras cosmos + visão, que coloquialmente pode-se parafrasear como respectivamente mundo + olhar, mas etimologicamente mesmo sem recursos bibliográficos observa-se como a forma de que as pessoas enxergam o mundo ao seu redor, contudo se buscarmos a origem da palavra, cosmovisão é uma tradução da palavra *Weltanschauung* de origem do alemão.

A palavra cosmovisão é tradução do termo alemão *Weltanschauung* (visão de mundo) e foi usada pela primeira vez pelo filósofo iluminista Immanuel Kant em sua obra *Crítica da faculdade do juízo* (1790). Kant acreditava que cada ser humano aplica unicamente a razão a fim de chegar a uma *Weltanschauung* — uma compreensão do significado do mundo e de nosso lugar dentro dele. Kant utilizou o termo só uma vez, o qual não desempenhou um papel central em seu pensamento. (Goheen; Bartholomew, 2002, p. 35-36)

É relevante ressaltar que, apesar de ter sido mencionado apenas uma vez por Kant e não desempenhar um papel central em seu pensamento, o termo ganhou posteriormente importância na reflexão sobre a interpretação e compreensão da realidade em diversas áreas do conhecimento. Esse papel, ficou a cargo de outros filósofos como por exemplo, o filósofo idealista Friedrich Schelling (1775-1854), que ainda segundo os mesmos autores.

[...] a ideia de *Weltanschauung* dizia respeito ao anseio da humanidade de chegar a um acordo sobre as questões mais profundas da existência e da natureza do universo. A ênfase de Schelling na cosmovisão como uma compreensão abrangente e coesa do mundo viria a exercer

grande influência entre os filósofos que vieram depois dele. Nos anos seguintes, *Weltanschauung* se tornaria “uma palavra-chave no pensamento do idealismo e romantismo alemães. (Goheen; Bartholomew, 2002, p. 36)

A importância e a influência da ideia de *Weltanschauung* na busca humana por compreender as questões fundamentais da existência e da natureza do universo. Ela ressalta o papel significativo desempenhado pelo filósofo Schelling ao enfatizar a cosmovisão como uma visão global e coerente do mundo. Essa ênfase teve um impacto significativo em filósofos posteriores, especialmente no contexto do idealismo e romantismo alemães. O termo refletindo a importância dada à busca por uma compreensão abrangente e integrada da realidade. Essa visão de mundo não se limita apenas a questões intelectuais, mas também aborda as dimensões emocionais, espirituais e estéticas da experiência humana.

Já o no contexto de cosmovisão cristã, alguns anos mais tarde, o primeiro filósofo que faz uma distinção, dizendo que este não é um sistema do pensamento filosófico, mas de um conjunto de crenças pessoais é o filósofo cristão dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855), que nas palavras de Naugle (2017, p. 128) “Kierkegaard faz uma distinção rígida entre a natureza profunda, existencial, de uma visão de vida e o desinteresse do pensamento abstrato, acadêmico”, mas para Kierkegaard era um paradigma.

Contudo, na razão científica e bíblica, não existe neutralidade, sempre são subsídios que o próprio cientista ou teólogo, carrega consigo. E isso não foge do campo da teologia, pois a teologia reformada tem uma cosmovisão que diferencia, com suas ressalvas.

Embora a filosofia possa auxiliar no processo de cosmovisão, e de fato auxilia, jamais deve usurpar esta. Embora nunca haverá um acordo perfeito entre a Bíblia e uma cosmovisão bíblica, todo esforço ainda deve ser feito para moldar uma perspectiva cristã do Universo pelos ensinamentos das Escrituras. Em suma, uma genuína *Weltanschauung*

cristã deve sempre ser formada e reformada pela Bíblia como a Palavra de Deus. (Naugle, 2017, p. 382-383)

Para compreender a cosmovisão reformada, é necessário primeiro definir o seu caráter reformado, o qual se refere a qualquer sistema que tem suas raízes na Reforma Protestante do século XVI. Baseada nas escrituras sagradas e buscando dar continuidade à doutrina apostólica, essa abordagem é conhecida como Teologia Reformada. A Teologia Reformada sustenta a Soberania de Deus, a Autoridade das Escrituras, a Salvação pela Graça por meio de Cristo e a importância da Evangelização. Um fator relevante é que a Teologia Reformada está fundamentada na Confissão de Fé de Westminster.

Torna-se imperativo exercer cautela ao considerar a cosmovisão cristã, de modo a evitar qualquer entrelaçamento excessivo com a cosmovisão filosófica, dado seu caráter distintivo. Diante da temática central abordada neste artigo, é pertinente concentrar-nos exclusivamente na análise das interconexões entre a cosmovisão reformada e o Antigo Testamento, principalmente no que concerne às representações e concepções acerca de Deus.

[...] a necessidade de ensinar as pessoas a ler a Bíblia corretamente, eram as motivações principais que constituíam a base da educação cristã reformada. Então, em sequência: Deus deve ser glorificado por todas as pessoas em razão de seu ser e de suas obras; Deus é conhecido em seu ser e em suas obras especialmente a partir das Escrituras Sagradas, lugar onde ele se revela especialmente; portanto, conhecer as Escrituras corretamente implica conhecer Deus corretamente e, com isso, adorá-lo do modo como ele ordena e deseja ser adorado. Não há, portanto, outra forma de viver na presença de Deus (coram Deo) a não ser conhecendo seu ser e suas obras a partir das Escrituras. (Lessa, 2021, p. 138)

Portanto, compreender corretamente as Escrituras implica em conhecer a Deus de forma adequada e adorá-lo de acordo com seus desejos e

ordens. Viver na presença de Deus, conhecido como *Coram Deo*<sup>4</sup>, só é possível ao conhecer seu ser e suas obras através das Escrituras. Essa citação ressalta a importância da leitura e interpretação correta da Bíblia para uma adoração adequada e uma vida em comunhão com Deus.

## 2 TEOLOGIA REFORMADA E OS PLANOS DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO E O PROFETA SAMUEL

---

A base essencial da Teologia Reformada reside na centralidade de Deus, ancorada exclusivamente na Fé, dedicada a Jesus Cristo e baseada em três alianças fundamentais conhecidas como Pactos: Redenção, Obra e Graça. É perceptível, como evidenciado no sermão intitulado “O Maravilhoso Pacto” (Nº 3326), proferido pelo pastor, escritor Charles Spurgeon (1912), que o tema é introduzido imediatamente após o versículo de Hebreus 8:10, onde se faz presente a seguinte afirmação:

A doutrina do Pacto Divino está na raiz de toda a verdadeira teologia. Já foi dito que aquele que entende bem a distinção entre o Pacto de Obras e o Pacto da Graça é um mestre em Teologia. Estou convencido de que a maioria dos erros que os homens cometem sobre as doutrinas da Escritura se derivam de erros fundamentais no que diz respeito aos Pactos da Lei e da Graça. Que Deus me conceda agora o poder de instruir, e lhes conceda a graça de receber instrução sobre este assunto vital. (Spurgeon, 1912, não paginado)

Com relação aos Profetas do Antigo Testamento, estes foram agentes da Revelação Divina, que envolvia pré-anúncios e anúncios em suas profe-

<sup>4</sup> “Coram Deo” significa “diante de Deus” e expressa a ideia de viver em constante comunhão e submissão a Ele em todas as esferas da vida.

cias, os profetas formam os reformadores do culto e da vida do povo de Israel, eram chamados diretamente por Deus e falavam com autoridade da parte de Deus.

Os livros proféticos no Antigo Testamento são situados durante ou após a era monárquica, apresentando o ofício profético como um contrapeso ao poderoso reinado. Nesse contexto, a ausência de uma dinastia profética é evidente, pois Deus chama individualmente os profetas com o propósito de transmitir Sua palavra a Israel e, especialmente, aos líderes, em momentos específicos da história da nação. Isso destaca a natureza teocrática de Israel, em que a palavra de Deus deve possuir autoridade final, sobrepondo-se à palavra do rei. Em *O Drama das Escrituras* os autores ressaltam:

Em toda a história de Israel, a palavra de Deus desempenha um papel fundamental, quer venha por meio de Moisés, de Samuel ou de outro profeta. No entanto, à medida que o ofício de rei se torna firmemente estabelecido em Israel, o ofício de profeta se torna mais claramente delineado em relação a outros papéis públicos. Todos os livros proféticos no Antigo Testamento vêm da época da monarquia ou após o seu fim. O ofício profético, assim, aparece em Israel como um contrapeso ao ofício poderoso do reinado. Não há dinastia de profetas; Deus chama cada um deles para o propósito de transmitir sua palavra a Israel e especialmente aos seus líderes em um momento específico na história da nação. Israel é uma teocracia e a palavra de Deus precisa ter a autoridade final, e não a palavra do rei. (Bartholomew; Goheen, 2018, p.118)

Não se pode deixar de mencionar, de que como tinha profetas que foram comissionados por Deus, havia também profetas não comissionados, chamados em toda escritura de falsos profetas. Estes falsos profetas foram um problema para Israel, pois atribuíam suas mensagens a Deus, contudo falavam em suas próprias opiniões e sonhos, ou seja, de forma política “o que o povo queria ouvir”, nessa perspectiva, para exemplificar, a própria Bíblia traz afirmações como, Acabe que tinha quatrocentos (400)

falsos profetas ao seu serviço (1 Reis 22:6, 23) e a obra de Neemias foi afetada por uma falsa profetisa e outros falsos profetas (Neemias 6:14).

A importância multifacetada do Profeta Samuel, que foi não apenas um Juiz e Sacerdote, mas também lembrado como Profeta, conforme mencionado por Goheen e Bartholomew (2018, p. 104). O papel profético de Samuel é apresentado como um sistema de freios e contrapesos para a monarquia, a fim de proteger a aliança e evitar que ações independentes coloquem em risco sua integridade. O conflito entre profecia e monarquia, entre objetivos espirituais e metas políticas, caracterizou a história subsequente de Israel até o Exílio.

No Novo Testamento (Bíblia, NVI, 2003), registra Samuel como profeta em Atos 3:24, onde é mencionado que todos os profetas, começando por Samuel, falaram e predisseram os dias mencionados. Além disso, em Atos 13:20, é mencionado que, após cerca de quatrocentos e cinquenta anos, ele deu-lhes Juizes até o tempo do Profeta Samuel. Essas referências no Novo Testamento corroboram a importância e o reconhecimento contínuo do papel profético de Samuel ao longo da história bíblica.

### 3 CHAMADO PROFÉTICO DE SAMUEL, SEGUNDO A VISÃO REFORMADA

---

Dentro do contexto da Teologia Reformada, a expressão “Chamado de Deus” é frequentemente substituída por “Vocação” ou “Vocacionado por Deus”. Nessa perspectiva teológica, os Profetas do Antigo Testamento receberam uma vocação sobrenatural de Deus, que tinham a responsabilidade de transmitir ao povo. Conforme destacado por R. C. Sproul (2009, p.77), o profeta representava Deus, comunicando a mensagem divina ao povo como mediador da palavra de Deus. Além disso, os profetas con-

frontavam os reis em nome de Deus, chamando-os ao arrependimento e à submissão ao Rei Supremo.

O contexto histórico do chamado do Profeta Samuel, descrito em Juízes 21:25, revela que naquela época não havia um rei em Israel, e cada indivíduo agia segundo sua própria vontade. Além disso, os filhos do sacerdote Eli (1 Sm 2:12-36) eram fonte de descontentamento e desobediência, e havia escassez das revelações de Deus naqueles dias (1 Sm 3:1). Diante dessa realidade, o povo de Israel, influenciado pela cultura dos povos vizinhos (Jz 21:25) e desde os tempos de Gideão, ansiava por ter um Rei (Jz 8:22), mesmo sem compreender completamente a natureza teocrática de sua condição política. É nesse contexto histórico, nos primórdios da monarquia, que se desenrola o Chamado do Profeta Samuel.

Depois de aproximadamente dois séculos de existência o sistema Teocêntrico de Governo utilizado por Israel chega ao fim. Eles não podiam mais continuar a fazer frente aos seus adversários, que se desenvolviam cada vez mais e os procuravam conquistar, sem um elemento político unificador de suas forças. Não podiam ficar esperando que surgisse um “libertador” a cada investida das nações vizinhas. Era necessário um sistema que lhes desse segurança permanente, com um exército profissional, e viram na Monarquia, forma utilizada por seus agressores, a única saída para este problema. (Gusso, 2016, p. 55)

É relevante ressaltar que o nascimento do Profeta Samuel ocorreu nesse contexto, um período marcado por instabilidade política e religiosa em Israel. Ana, sua mãe, enfrentava a infertilidade, o que naquela época era considerado uma grande angústia e uma desonra social. No entanto, através de uma intervenção Divina, Deus concedeu a Ana o dom da maternidade, resultando em uma transformação milagrosa na vida daquela família (1Sm 1:5).

Diante dessa manifestação, Elcana e Ana decidiram consagrar o jovem Samuel ao serviço no templo e ao Profeta Eli, reconhecendo a importância da dedicação do filho a Deus. Eli, como líder religioso e Profeta do

período, ocupava uma posição de destaque na sociedade israelita. No entanto, embora Eli desempenhasse um papel influente, Deus já tinha planos para Samuel, preparando-o para assumir uma função de líder e Profeta (1Sm 1:19-15).

É impossível não admirar Elcana por aquilo que disse e fez, pois esse era seu filho primogênito com sua esposa amada, Ana, e pai e filho ficariam separados pelo resto da vida. Um filho primogênito era redimido por sacrifício (Êx 13:11-13), mas Elcana estava entregando seu filho com o um sacrifício vivo ao Senhor. Como levita, nazireu, profeta e juiz, Samuel serviria fielmente ao Senhor e a Israel e ajudaria a dar início a uma nova era na história de seu povo. (Wiersbe, 2010, p. 203)

Assim como seu nascimento, seu Chamado aconteceu de forma extraordinária e sobrenatural, primeiramente Samuel ouve a voz de Deus três vezes, e no início não entende achando ser o Profeta Eli (1Sm 3.4) “Então o Senhor chamou Samuel. Samuel respondeu: Estou aqui”, em seguida Deus se revela (1Sm 3.11) “E o Senhor disse a Samuel: Vou realizar em Israel algo que fará tinir os ouvidos de todos os que ficarem sabendo”. A vontade de Deus, na cosmovisão Reformada é soberana.

A soberania divina não é a soberania de qualquer déspota tirano, mas é a manifestação do beneplácito daquele que é infinitamente sábio e bom! Por ser infinitamente sábio, Deus não pode errar, e, por ser infinitamente justo, ele não fará qualquer injustiça. Aqui, pois, se acha a preciosidade dessa verdade. O fato em si de que a vontade de Deus é irresistível e irreversível enche-me de temor; mas, tão logo reconheço que Deus só determina aquilo que é bom, meu coração se regozija. (Pink, 1997, p. 306)

Contudo, vale ressaltar que no contexto do chamado profético de Samuel, a vontade de Deus se manifesta de maneira significativa. O papel do Profeta não se restringe à mera previsão do futuro, mas envolve, primordialmente, a capacidade de antecipar, compreender e comunicar a

vontade Divina ao povo, revelando aquilo que Deus escolheu manifestar. A atuação profética de Samuel desempenhou um papel central ao transmitir as mensagens divinas e orientar o povo de acordo com a direção de Deus. Sua vocação profética evidencia a importância do discernimento e da comunicação da verdade revelada por Deus, tornando-se um exemplo notório de obediência e serviço na concretização dos desígnios de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Primeiramente, a aplicação da metodologia de perguntas e respostas (método socrático), mesmo que intuitiva, neste estudo permitiu ao acadêmico uma investigação objetiva, ágil e coerente, proporcionando uma análise abrangente dos aspectos sociais, humanos e científicos envolvidos nos planos de Deus no chamado profético de Samuel, no contexto final do período dos juízes, sob uma perspectiva da Cosmovisão Reformada do Antigo Testamento.

O presente trabalho desempenhou um papel de grande relevância na formação acadêmica, destacando o impacto significativo da Teologia Reformada e do chamado profético na esfera acadêmica. O pesquisador teve a oportunidade de conduzir uma pesquisa aprofundada, explorando as contribuições de teólogos reformados renomados sobre o tema, e avaliando a consonância de suas ideias com os ensinamentos das Escrituras.

Ao longo da investigação, foram apresentadas fundamentações teóricas robustas, baseadas em extensa revisão bibliográfica e análise documental de natureza qualitativa. A discussão abrangente propiciou ao acadêmico uma compreensão aprofundada da cosmovisão da Teologia Reformada em relação aos desígnios de Deus no Antigo Testamento, bem como uma análise aprofundada do chamado profético de Samuel.

No entanto, o estudo também revelou lacunas e questões que merecem ser abordadas em futuras pesquisas. Surgem indagações relevantes,

como a atualidade do chamado profético na perspectiva da Teologia Reformada e as implicações dos profetas na Igreja Contemporânea.

Além disso, é imprescindível considerar os aspectos socioculturais do período em que o Profeta Samuel viveu, contextualizando os desígnios divinos dentro da perspectiva reformada do mundo.

Por fim, é fundamental ressaltar que, para além das dimensões teológicas, este estudo permitiu uma compreensão aprofundada da importância do chamado profético tanto no âmbito humano, ao desvelar os fundamentos teológicos subjacentes a essa necessidade no contexto do chamado de Samuel, quanto no âmbito científico, ao analisar a relevância dos desígnios divinos revelados nas Escrituras e sua aplicação na vida das pessoas em relação ao chamado profético no Antigo Testamento.

## REFERÊNCIAS

---

BARTHOLOMEW, Craig; GOHEEN, Michael. **O drama das escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2018.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo NVI**. Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2003.

GOHEEN, Michael; BARTHOLOMEW, Craig. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

GUSSO, Antônio Renato. **Panorama histórico de Israel: para estudantes da Bíblia**. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2016.

LESSA, Alexandre Ribeiro. A hermenêutica reformada de João Calvino e a construção de uma cosmovisão cristã de educação. LESSA, A. R.; MEIRA, J. N. G.; XAVIER, W. L. V. (org.). **Cosmovisão cristã e Educação**. Catu: Bordô-Grená, 2021, p. 129-167.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão**: a história de um conceito. Tradução: Marcelo Herberts. 1ª edição. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

SPURGEON, Charles. O Maravilhoso Pacto, sermão pregado por C. H. Spurgeon 31 de outubro de 1912. **O Estandarte de Cristo**, 2019. Disponível em: <https://oestandartedecristo.com/2019/03/21/o-maravilhoso-pacto-por-c-h-spurgeon/> Acesso em: 23 jun. 2023

PINK A. W. **Deus é soberano**. São José dos Campos: Editora fiel, 1997.

SPROUL, Robert Charles. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

SPROUL, Robert Charles **O que é teologia reformada**: seus fundamentos e pontos principais de sua soteriologia. Editora Cultura Crista, 2009.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: Históricos. Tradução de Susana E. Klassen. São Paulo: Geográfica, v. II, 2010.

# PROCESSO DE LUTO, COVID-19 E A CONTEMPORANEIDADE

GRIEVING PROCESS, COVID-19 AND CONTEMPORANEITY

EL PROCESO DE DUELO, COVID-19 Y LA CONTEMPORANEIDAD

## RESUMO

---

A autora aplica esforços para aprofundar o tema luto a partir da perspectiva cristã sobre relatos encontrados na Bíblia e através da ciência Psicologia sob orientação Psicanalítica. Observa-se nas Escrituras alguns trechos que apresentam o processo de luto. Debruçando-nos nestes trechos e nos conceitos de Freud, poderemos contribuir com famílias enlutadas para a vivência mais elaborada deste processo. O luto não se refere absolutamente à morte de uma pessoa, pode se referir à derrota, a separação geográfica, à perda de objetos, conclusão de ciclos. Neste artigo o foco está no processo de luto vivido no período da Covid-19 e suas representações na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Luto. Psicologia. Psicanálise. Bíblia. Pandemia. Covid-19.

## INTRODUÇÃO

---

Recentemente o mundo passou por uma pandemia pelo surto de uma doença respiratória infecciosa chamada Corona Virus Disease, comumente abreviada Covid-19. Fora decretado o fim da Emergência de Saúde Pública desta Pandemia em 5 de maio deste ano pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Desde 2020 o mundo viveu períodos muito difíceis pela morte de milhares de pessoas, por dúvidas não respondidas, pela comunicação de notícias e informações que ainda hoje não se sabem a veracidade de seus conteúdos, pelo cumprimento de protocolos de saúde que determinavam o isolamento e distanciamento de membros da família, entre tantas outras situações nas áreas da educação e economia. Contudo, após vacinação da população mundial iniciada em 2021, os registros de óbitos por esta doença diminuíram.

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica. Mestranda em Psicologia (UNESP). Brasil. E-mail para contato: [analedahr@gmail.com](mailto:analedahr@gmail.com)

O processo de luto no que se refere aos ritos e cerimônias que preveem encontro dos familiares para o velório e enterro do morto foi modificado em decorrência da pandemia. Centenas de milhares de pessoas não puderam sequer ver pela última vez seu ente querido antes de enterrá-lo, pois, era necessário o cumprimento de protocolos de segurança sanitária por se tratar de um vírus altamente contagioso. A restrição da realização do velório permanecia durante o período de transmissão que era de 20 dias da data do diagnóstico, a urna era completamente lacrada e, mesmo antes, o corpo falecido era colocado dentro de um saco plástico específico para a finalidade de evitar contágio.

No artigo de Jhuma Basak (2023, p.191), lemos que na Índia, “os tradicionais ritos de cremação hindus consistem na queima do corpo, porém, todos os crematórios elétricos estavam sobrecarregados de cadáveres, que aguardavam pela cremação em longas esperas de mais de 24 horas”. E:

Em 13 de maio de 2021, toda a imprensa da Índia veiculou a singular e horripilante história de centenas de corpos flutuando no Ganges e nos rios de Bihar e Uttar Pradesh. Pesavam sobre governos e estados a quantidade de corpos e as causas dessas mortes resultantes da Covid-19, revelando a incapacidade da nação de viver o luto diante da perda de incontáveis vidas humanas. Essas pessoas tiveram um final criminoso, deixando para trás incontáveis corações quebrantados e existências atormentadas de filhos, pais, amigos e amantes que perderam seus entes queridos. Uma total negação da possibilidade de morte digna aos falecidos, simultânea ao descaso em relação às necessidades dos familiares e amigos sobreviventes, em busca de paz e desfecho para suas perdas. Um completo e deplorável sucesso de um sistema que subjuga entes humanos, sua vida e sua morte. (Basak, 2023, p.190).

Acima a descrição de uma cena terrorífica. Há mais de dois mil e oitocentos anos através da Bíblia lemos relatos de pranto e dor, ritos e cerimônias de luto. Sem dúvidas nos ocorre o texto bíblico a partir do relato de Basak acima “Certo dia, entretanto, ordenou o Faraó a todo o

seu povo: a todos os meninos que nascerem aos hebreus, lançareis no Nilo, mas a todas as meninas deixareis viver!” (Êxodo, 1:22). Podemos imaginar mais uma cena aterrorizante: bebês boiando nas águas do Nilo. Mães que geraram seus filhos, agora não poderiam tê-los em seus braços ao nascimento. Quantos pais desejavam a surpresa do nascimento de um menino, mas, diante da ordem do Faraó, oravam para que Deus mudasse suas sortes. Mães e pais que tiveram seus filhos vivos recém-nascidos lançados ao Nilo certamente padeceram de uma tristeza profunda. Como se deu o processo de luto de centenas de famílias que passaram por tal mortandade?

Atualmente, com o desenvolvimento célere da Inteligência Artificial, existem possibilidades para viver o processo de luto que nos parecem questionáveis. Em matéria do jornal *O Estado de São Paulo*, lemos que “projetos usam algoritmos para coletar e processar informações sobre as pessoas e emular suas personalidades em ambiente digital após a morte; criadas para amenizar o luto, ferramentas são recebidas com ressalvas por especialistas” (2021, p. B8). Talvez o ser humano não tenha superado a morte e seu desenlace. Na Palavra diz que àquele que honrar pai e mãe terá vida longa e sucesso, vejamos “honra teu pai e tua mãe, conforme te ordenou o Senhor, o teu Deus, a fim de que tenhas longa vida e tudo te vá bem na terra que Yahweh teu Deus te concede” (Deuteronômio 5:16). A morte traz questões imensuráveis para nossa reflexão, abrange muitas outras considerações como o tempo de vida de cada ser humano, suas causas, e modo (morte rápida, morte violenta, morte súbita etc.), período de enfermidade, descasos na área de saúde pública e privada, sentimentos como indignação ou assombro, condições de vida, vida pós-morte. Muito embora aos cristãos lhes sejam oferecidos através da Graça de Jesus, a salvação eterna ao Seu lado, e o paradigma de que o que se deve temer não é a primeira morte, mas, sim, a segunda, existem ainda temores e paradoxos ao se falar sobre a morte e processo de luto.

O processo de luto não deve ser visto como algo simples de se viver ou interpretado como falta de convicção da fé e verdades bíblicas. Através

deste artigo demonstramos que este processo nunca sofreu julgamento por parte de Jesus, muito pelo contrário, Ele se enchia de compaixão pelas pessoas que lhe apresentavam queixas, dúvidas e sofrimento a respeito da morte de um ente querido. Por conseguinte, na Psicologia, verificaremos que este processo não deve se estender por demasiado tempo, pois, o luto pode se tornar em outra condição de estado emocional, a melancolia, e aí sim necessária será uma intervenção médica, ou seja, de um processo saudável de compreensão dos fatos para um estado patológico.

Nestes últimos anos, milhares de pessoas morreram em decorrência de Covid-19, outros milhares de outras enfermidades e mesmo homicídio, suicídio, razão de acidentes, entre outras causas. É fato também que as pessoas deste século sofrem de transtornos de ansiedade e depressão em uma proporção muito mais expressiva que séculos anteriores, e, vemos imperando a drogadição, transtornos alimentares como bulimia e anorexia, somatizações, transtornos do sono como a insônia. Estamos vivendo em uma sociedade narcísica, a sociedade do espetáculo, vide as exposições em massa das pessoas em redes sociais. Os valores que são cultivados hoje são a beleza e a perfeição, perseveram o amor ao dinheiro, ao poder. E notamos, certamente, o imediatismo como característica principal deste período da história; pessoas passam por cima de outras em busca de satisfação própria, não sabem esperar, querem tudo para o segundo seguinte, assim, como lidar com questões relacionadas à morte, à dor da perda, ao processo de luto? Atualmente lidar com o luto a respeito da morte de um ente querido é desafiador. Os religiosos não conseguiram aplacar neste tempo de crise pela pandemia por Covid as dores e conflitos da alma, a ciência procurava por respostas, novos significados foram dando formas aos relacionamentos e vínculos e o que ficou evidente é que os cristãos não estavam tão posicionados acerca da Palavra como acreditavam para lidar com tamanha tragédia humana. O processo de luto foi atropelado, vilipendiado, durante a pandemia. Ficou claro que a família cristã enlutada não soube como ainda não sabe lidar com a morte de um ente querido e por conseguinte não sabe viver o processo de luto.

O luto como um processo vivido de forma saudável se torna imprescindível para a elaboração da transitoriedade. A vida não para. Aos que estão vivos, novas experiências virão, outras histórias, novas oportunidades, novos investimentos, expectativas, guardarão lembranças que o tempo jamais apagará e com tudo isso, o que é fato: a vida continua. O processo de luto contribui para o assentamento de emoções, para resolver assuntos burocráticos, organização de objetos pessoais, é um tempo de respeito a si próprio diante de sua dor, sofrimento, frustração, impotência e angústia diante da perda de um ente querido.

Frases como “meus sentimentos”, “meus pêsames”, são superficiais, muito embora, denotam carinho e consolo, mas, o processo de luto reivindica ações mais profundas por parte dos que estão ao redor da pessoa enlutada. Realizar uma escuta ativa sobre seus sentimentos mais profundos, ouvir prestando atenção no que está por trás de lágrimas, compreender o vínculo que existia, história de vida desta pessoa, trazer ao conhecimento dela como Jesus via este período, trarão alívio, vigor e revitalização para que a vida continue com seus próximos desafios e com suas conquistas também.

Oferecer à família enlutada bases sólidas dentro da Palavra de Deus e escuta ativa através da Psicologia fará toda diferença na aceitação gradual da morte do ente querido, levando-a lembrar de vivências especiais, ter gratidão sobre o tempo que passou. É apresentar tolerância aos seus sentimentos até de indignação, é permitir a diluição destes sentimentos, são tantas outras vezes não ter respostas imediatas ou precipitadas. É, também, poder dizer sem o uso das palavras, é criar espaço de espera, de paciência, de um continente que abarca sentimentos e emoções. Se uma pessoa não faz o processo de luto diante da perda de um ente querido, o caminho esperado é que ela venha a padecer emocionalmente, fisicamente e mesmo espiritualmente.

A entrega de palavras de consolo, orações, mimos, cartas, mensagens e fazer-se presença, foram e são tão importantes para quem está passando pelo processo de luto, assim como a oferta de uma escuta psicológica

com atenção nas emoções, na história de vida e vínculo com a pessoa que morreu.

“O reino significa levar o senhorio de Cristo em palavra e obras a vida destroçadas” (Keller, 2016, p. 130). Esta frase faz refletir o quanto palavras e ações são fundamentais para o serviço cristão. Partindo deste princípio surgiu a ideia da criação de um projeto de ação social para acolhimento emergencial às pessoas enlutadas no período mais crítico da pandemia. O projeto visou proporcionar atendimento de psicólogos e líderes espirituais, em uma ação conjunta de responsabilidade emocional e espiritual, em período máximo de 4 a 8 semanas, gratuitamente. O projeto teve como objetivo falar sobre o luto como um processo necessário para um bom desenvolvimento emocional e espiritual.

A seguir uma vinheta de atendimento realizado no ano de 2021: Roberta estava acompanhando Patrick há mais de 10 dias em uma internação para tratamento de determinada enfermidade. Naquela manhã de agosto eles foram informados que Patrick havia contraído Covid e, portanto, ele precisaria ser encaminhado para outra ala hospitalar com a finalidade de evitar contágio a outros pacientes. Eles se despediram, pois, Roberta não poderia ficar de acompanhante. Neste mesmo dia no período da tarde, Patrick se acidentou ao sair do leito e veio a óbito. Roberta foi chamada às pressas ao hospital, ela ainda o viu em seu último fôlego de vida. No dia seguinte houve um culto fúnebre de 30 minutos, caixão lacrado, pessoas ainda com máscaras faciais.

Requeria das pessoas que se disponibilizaram a acolher famílias enlutadas, recursos internos próprios bem consolidados, coração misericordioso e conhecimento bíblico satisfatório. Certamente que durante o período da pandemia todos estavam com as emoções e sentimentos à flor da pele, foi um período de constante receio sobre o que haveria de acontecer no dia seguinte. Muitos foram os relatos sobre a morte de entes queridos, mas, ainda que no período da pandemia, outros atendimentos foram realizados em circunstâncias diferentes. Segue o relato de outra vinheta de atendimento:

Adriana se despediu naquela noite e Claudio seguiu para o trabalho. Na estrada, de madrugada, seu meio de transporte colidiu com a traseira de outro. Claudio veio a óbito na mesma hora. Adriana foi avisada e precisou viajar para outra cidade na qual o corpo de Claudio estava, para reconhecimento e entrada nos documentos. Não fora nada fácil estar diante de um corpo vitimizado por um acidente automobilístico. Velório e enterro se deram, esposa e filhos ficaram atordoados com a perda repentina de alguém que amavam tanto.

Estes atendimentos desvelaram a necessidade de haver um aprofundamento sobre o tema luto e a compreensão de que os voluntários estavam tão vulneráveis às partidas, perdas e despedidas de seus entes queridos quanto os que careciam de acolhimento. Vejamos abaixo:

Elizangela colaborava com o grupo de acolhimento atendendo àqueles que solicitavam atendimento psicológico. Sua mãe precisou realizar um procedimento cirúrgico, mas, não resistiu a uma infecção hospitalar e veio a óbito. No mesmo período, sua avó estava internada em condição muito debilitada pela idade avançada. Em poucos dias após o falecimento de sua mãe, sua avó também veio a falecer. Elizangela e sua filha moravam com a sua mãe e avó, assim, precisaram passar por processo de adaptação sem a presença destas duas grandes mulheres.

Aproximadamente morrem por dia no Brasil mais de 3.600 pessoas<sup>2</sup>, estes dados são de 2020. Em decorrência da Covid-19 morreram no país cerca de 700 mil pessoas<sup>3</sup> registradas até o mês de março deste ano. Este artigo traz uma convocação à igreja deste século para abrir espaço ao que sofre perdas, ao que está enlutado, aos que choram, aos que clamam a Deus por uma resposta nesta área. Não podemos julgar e sim acolher com amor. Vejamos:

---

<sup>2</sup> Fonte: IndexMundi Blog, 29/03/2020.

<sup>3</sup> Fonte: [www.gov.br](http://www.gov.br), Ministério da Saúde, [www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023](http://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023)

O princípio que destacamos aqui é: as pessoas em sofrimento precisam chorar e derramar o coração, em vez de serem imediatamente caladas com instruções sobre como devem agir. E também não é assim que devemos tratar a nós mesmos, se estivermos sofrendo. (Keller, 2016, p.266)

## 1 ASPECTOS ESPIRITUAIS

---

No livro sinótico de Lucas 8:52 lemos: “Enquanto isso, grande comoção atingiu a multidão, e todos choravam e se lamentavam por ela. Diante disso Jesus os encorajou: ‘Não pranteeis! Ela não está morta, mas, dorme.’” Observando este versículo notamos como as pessoas se comportavam, quantidade destas pessoas, emoções, expressões sentimentais e mesmo no trecho dos versículos 49 a 56, verificamos o status social da família e alguns rituais. Ao realizarmos estas observações, apontaremos a seguir algumas conjecturas de como as pessoas viviam o processo de luto pela morte de um ente querido e o quanto a Bíblia nos ensina sobre este processo.

Jairo, um dirigente da sinagoga local, chegou até Jesus e implorou, prostrado aos Seus pés que Ele fosse até a sua casa, porque sua filha única de aproximadamente 12 anos estava à beira da morte. Enquanto Jesus caminhava entre a multidão houve a cura de uma mulher que havia 12 anos que sofria de uma hemorragia. Neste intermeio chegou uma pessoa da casa de Jairo comunicando a morte de sua filha. Aqui temos a impressão de que houve um atraso da parte de Jesus em socorrer a menina e agora ela já se encontrava morta. Neste momento ficamos a imaginar sobre as emoções de Jairo: tristeza, impotência, raiva, entre outras, banhadas por lágrimas. Jesus então se dirigiu a Jairo, ainda que não tivesse visto a menina e disse: “Não temas, tão somente crê, e ela será salva!”. Notamos nesta frase de Jesus que Ele incentiva a fé em Jairo. No versículo 48 do capítulo 8 Jesus afirma à mulher que fora curada da hemorragia crônica que sofria “Filha! A tua fé te curou; vai-te em perfeita paz”. São duas situações dife-

rentes, o primeiro deveria acessar a fé e na segunda situação, ela já havia acessado a fé.

E então, agora, já na casa de Jairo, Jesus permite apenas a Pedro, João e Tiago entrarem com Ele, assim como Jairo e a mãe da menina. Chegando no versículo 52, notamos a comoção das pessoas que provavelmente já estavam acompanhando a situação da filha de Jairo, como da multidão que acompanhava Jesus, ansiosa, após seu regresso das terras dos gerasenos. Todos choravam e se lamentavam. Em Mateus, esta mesma história relata que Jairo ao se aproximar de Jesus pela primeira vez, já O comunica da morte da filha. Não sabemos qual a enfermidade da menina, mas, certamente seria difícil superar a morte tão prematura de uma criança acerca dos seus 12 anos, a lamentação por parte da multidão nos sinaliza isso. Ficamos a imaginar as pessoas produzirem falas do tipo “Com tanta vida ainda pela frente” ou “Que judiação, tão novinha, uma criança”, ainda, “E agora, os pais, como ficarão?” e mesmo, “Ela descansou, há muito vinha sofrendo”, como, “Foi tudo tão rápido, parece que foi ontem que a vimos nascer.” Diante disso Jesus encoraja a todos dizendo que a menina não estava morta! No versículo 53 é relatado que muitos zombavam de Jesus, pois, tinham certeza de que ela estava morta. Esta certeza possivelmente veio de pessoas que puderam ver o estado ou a condição da menina mais de perto, como aqueles responsáveis pela área da saúde na época.

Atendo-nos ao substantivo morte como falecimento, óbito, como fim da vida humana no planeta Terra, pensamos de imediato na interrupção de planos, propósitos, relacionamentos, mas, o que este trecho da Bíblia também nos convoca a pensar é sobre a finitude do ser humano em um determinado momento de sua história e o início da vida eterna, agora em outro lugar. A morte para o cristão não seria tão horrenda vista deste ponto-de-vista, mas, então, o que leva ao ser humano e mais especificamente aos que crêem na vida eterna, repudiarem a morte de tal maneira, que o processo de luto, para os que ficam, torna-se algo tão complexo e dramático? Neste trecho de Lucas que nos limitamos a refleti-lo, a morte, o tempo e o luto são temas relevantes; não vimos o processo do luto por-

que a filha de Jairo foi ressuscitada, seus pais ficaram maravilhados com o que acontecera e esta história se encerra com Jesus ordenando que não contassem a ninguém o que se passara ali.

Escrever sobre luto não nos parece tarefa fácil, criar uma profundidade soa ainda mais complexo. O luto é para cada ser humano, vivido de uma forma, não existe um padrão, uma regra, muito embora saibamos que se trata de um processo, mas ainda assim, cada qual o viverá à sua maneira ou mesmo não. À luz do que a Bíblia revela acerca do luto e nos amparando aos Evangelhos entre outros livros, talvez tenhamos a compreensão como cada qual de nós, cristãos, poderemos nos comportar ou mesmo agir dentro deste processo.

No prefácio de *A Anatomia de um luto*, de C. S. Lewis, Madeleine L'Engle (2021, p. 16) escreve: “Não se oferece nenhum consolo fácil ou sentimental, mas o propósito último do amor de Deus por todas as criaturas humanas é o amor”, e continua afirmando que “ler *A Anatomia de um luto* é compartilhar não apenas do luto de C.S.Lewis, mas também de sua compreensão de amor, e isso é, de fato, uma riqueza”.

A etimologia da palavra “luto” vem do latim *luctus* que significa “aflição”, “pesar”, “dor”. É interessante apresentar a origem da palavra luto muito embora não é pretensão abranger as superposições de significados à palavra processo. Podemos nos deter à leitura do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis* versão online:

1. Sentimento de pesar ou tristeza pela morte de alguém; burel, cipreste.
2. Tristeza profunda causada por grande calamidade; dor, mágoa, aflição.
3. Panos pretos com que se forram a câmara ardente, a casa ou a igreja por ocasião do falecimento de uma pessoa.

4. Vestes escuras que a família e amigos da pessoa falecida usam durante certo tempo, como sinal do seu pesar ou tristeza.
5. Tempo que dura o uso dessas roupas.
6. O aspecto tristonho das coisas.

Vejamos o trecho do livro de Lucas, o terceiro livro dos Evangelhos, capítulo 7, versículos 12 e 13: “Ao se aproximar da porta da cidade, estava saindo o enterro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade a acompanhava. Ao observá-la, o Senhor se compadeceu dela e a encorajou: ‘Não chores!’” Na nota de rodapé da Bíblia King James a que se refere ao versículo 15 do mesmo capítulo, podemos ler: “O Senhor é movido pelo amor e sua compaixão em relação à morte do ser humano. Jesus sabia que o ente humano fora criado para viver eternamente em harmonia com Deus; e, por isso, várias vezes, demonstra sua dor e indignação em relação à morte” (Bíblia King James, p. 1.928)

Por meio das citações acima nota-se o quanto a mãe que acompanhava o enterro do seu único filho estava consternada. Havia uma multidão que a acompanhava e Jesus viu seu sofrimento, condoeu-se. Sabemos o final desta história, Jesus ressuscita o jovem. Além da ressurreição deste jovem nos são apresentados outros três relatos: a de Jesus, a filha de Jairo descrito em Lucas, Mateus e Marcos, e a de Lázaro, irmão de Maria e Marta, narrado no Evangelho de João.

Embora saibamos os desfechos destas histórias, o conteúdo riquíssimo que cada uma nos traz acerca da morte e pós-morte nos faz levantar hipóteses e mesmo consolidar algumas afirmações, sobre o quanto este processo já era marcado por lágrimas, saudades, tristeza, indignação, ritos e cerimônias. Leiamos um trecho do capítulo 19, versículos 39-41, Evangelho de João:

Nicodemos, aquele que havia dialogado com Jesus durante a noite, veio também, trazendo cerca de cem libras de uma mistura de mirra e aloés.

Assim, pegaram o corpo de Jesus e o envolveram em faixas de linho, juntando as especiarias, conforme a tradição judaica de sepultamento. No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e no jardim, um sepulcro novo, onde ninguém jamais havia sido colocado.

Dar a conhecer a tradição judaica de sepultamento não será um dos nossos objetivos neste artigo, embora muito interessante. Apresentar alguns ritos fúnebres realizados nos dias de hoje no Brasil nos ajudaria em muito para substanciar o processo de luto para os brasileiros, porém, o artigo se estenderia. Acreditamos que esta composição enriqueceria este artigo, mas, como o Brasil é um país que abarca várias culturas, delongaríamos na exposição de cada rito. Por exemplo, nos ritos funerários da cultura japonesa que misturam tradições xintoístas e budistas, as pessoas deixam um envelope com dinheiro aos entes familiares, a quantia arrecadada é para contribuir com o pagamento do funeral, mas, também simboliza um gesto para confortar, apoiar e se solidarizar com os familiares. É costume também que este gesto retorne por parte dos familiares do falecido com a entrega de alguma lembrancinha após 49 dias. Vale citar também a Missa de 7º Dia realizada pela Igreja Católica, mas, não somente por ela. Neste dia, novamente, reúnem-se familiares e amigos na igreja local para homenagear o ente querido e se ampararem uma vez mais todos juntos.

Nos versículos acima sobre o investimento de Nicodemos na compra de especiarias que muito provavelmente serviriam como um preparo ao corpo morto, as faixas de linho também nos mostram este cuidado nobre. O sepulcro novo e mesmo o jardim nos são informações relevantes que certamente, na ocasião, ajudariam a superar a morte de Jesus (a boa notícia é que Jesus ressuscitou, Ele vive e reina para toda a eternidade! Aleluia!). Estes elementos contextuais nos servem de base para nos dias de hoje pensarmos este processo de luto que inclui as cerimônias fúnebres.

No livro de Levítico, capítulo 10, versículo 6, chama-nos atenção o contexto de Arão quando seus dois filhos morrem e a impossibilidade de fazer o luto por conta do serviço sacerdotal. Moisés fala a Arão e aos seus filhos

Eleazar e Itamar: “Não desgrenheis os vossos cabelos e não rasgueis as vossas vestes em sinal de luto (...)” O serviço a Deus seria prioridade como servos e sacerdotes que eram Arão e seus filhos.

Certamente, pesquisar e escrever sobre luto depreende tarefa desafiadora, mas, do nosso ponto de vista, necessária para este tempo que estamos vivendo. Que tempo é este? pode-se ocorrer a pergunta. O tempo do avanço da tecnologia e biomedicina, os vínculos superficiais e relacionamentos através das redes sociais, cancelamentos a partir da opinião tirânica do outro, o tempo da velocidade, tudo é muito rápido, imediato e saber esperar é uma virtude de poucos, o tempo da busca frenética por notícias atualizadas, as marcas que a Pandemia por Covid-19 nos deixou e talvez o ponto mais relevante, como a Igreja de Cristo se encontra: amedrontada, recuada, em dúvida, em conflitos ou encorajada, a frente deste tempo, avançando, convicta; e de que forma está posicionada diante de muitas pautas e agendas nacionais e internacionais, narrativas criadas e desenvolvidas com embasamento em ideologias? Líderes e pastores estão valorizando e dando importância ao ser humano ou apressados na realização de conquistas pessoais, atrelados a shows e espetáculos daqueles que são figuras públicas e que possuem grande influência nas mídias, preocupados essencialmente com o fazer operacional de seus membros e não com o ser, afinal, cada pessoa nasce para ser e viver genuinamente e verdadeiramente os propósitos eternos. Este é o tempo que temos para avaliarmos a vida e a morte, a existência real e a sobrenatural. Algumas vivências nos mostraram a importância de:

1. Quem acolhe uma pessoa enlutada cristã precisa ter profundidade sobre o processo de luto e suas nuances com foco na Palavra de Deus.
2. Ao profissional psicólogo que atende a estas pessoas é necessário compreender sobre espiritualidade e verdades cristãs.
3. Ao acolhido é importante saber identificar desde lugares mais primitivos onde suas emoções estão guardadas até sobre sua identidade em Cristo.

Temos convicção de que este artigo apresenta repertório significativo e enriquecedor a todos que queiram entender o processo de luto, mas, principalmente ao público-alvo: os cristãos. Vejamos ainda o texto bíblico que relata quando Jacó morre e seu sepultamento. Gênesis 49:29-33 e 50:1-14 nos apresenta inicialmente uma ordem de Jacó aos seus filhos e talvez seu último desejo, ser enterrado junto aos seus pais na gruta que está no campo de Macpela, em Canaã. Abraão havia comprado esta propriedade com o objetivo de sepultura. Na sequência das instruções, Jacó morre. José externaliza seus sentimentos e emoções, atira-se sobre o pai, beija-o e chora. Como haveriam de realizar uma viagem até Canaã, José solicita aos médicos para embalsamar Jacó e este processo durou 40 dias. Interessante notar no versículo 3 do capítulo 50 “os egípcios choraram sua morte setenta dias”. “Quando terminaram os tempos de luto” o Faraó autoriza José a ir sepultar o pai como fora prometido. Com José foram todos os conselheiros do Faraó, os oficiais de sua corte e as pessoas mais importantes da terra do Egito e todos os próprios de Israel. Foram muitas carruagens, ou seja, “um cortejo grandíssimo” escrito no versículo 9. Mesmo com o passar de mais de 70 dias, havia lamento expresso em voz alta e com profunda amargura; José dedica mais 7 dias de pranto pela morte de Jacó. No versículo 11 lemos o que comentavam os cananeus: “Eis que os egípcios estão realizando uma grande solenidade de pranto, de luto”. Após o sepultamento, José, seus irmãos e os demais retornaram ao Egito.

O que este texto bíblico logo no primeiro livro da Bíblia nos mostra é que é completamente natural viver o luto. Grandes homens de Deus viveram perdas de seus entes queridos, choraram durante a enfermidade e após a morte, e propriamente Jesus se encheu de compaixão por aqueles que prantearam seus mortos. O processo de luto requer dias e mesmo na história de Jacó quando vemos o quão convicto era sobre a vida eterna, mesmo depois de ter dado uma palavra particular aos seus filhos e “reunido ao descanso com seus antepassados” em Gênesis 49:33, os que o amavam e o admiravam choraram sua partida, sua morte. Todos os envolvidos nesta história pararam suas atividades diárias para prantea-

rem a morte de Jacó. O luto e o processo de luto requerem tempo para uma reorganização até mesmo espiritual, pois, quem morreu ocupava no espaço/tempo um lugar. Sua presença com seus dons e talentos, com suas virtudes, com suas lutas e conquistas, testemunhos de milagres e vitórias, com suas perdas e fracassos, com todas as suas antíteses, não ocupa mais um lugar vivo na companhia de familiares, amigos e comunidade. Seria desnatural que na morte de uma pessoa, os que viviam ao seu redor não expressassem nenhum tipo de sentimento. Até mesmo o mais vil do ser humano que morre se destina algum tipo de sensação por parte dos que ficam.

## 2 ASPECTOS EMOCIONAIS

---

Na obra intitulada *Luto e Melancolia*, Sigmund Freud (1915, p.173) escreve: “Em que consiste, portanto, o trabalho que o luto realiza?”. Há mais de 100 anos, não mais que os relatos bíblicos, porém, quando lemos esta obra damos conta do quanto a verdade e o amor ao considerar a dor do próximo eram marcas do pai da Psicanálise. Freud entendia que não era demais falar sobre este assunto e que os fatos da realidade não poderiam ser negligenciados, afinal, ao longo de sua vida, ele enfrentou perdas difíceis: quatro irmãs em campos de concentração nazista e a filha Sophie para a pandemia de Gripe Espanhola<sup>4</sup>.

A pessoa amada não existe mais, o ente querido morreu e juntamente todo produto do vínculo que outrora fora vivido. Este vínculo era regado constantemente com palavras de afeto, com carinho, dedicação mútua, vivências, investimentos de amor. Com a morte, todo este investimento precisa ser retirado. É demasiado complexo fazer esta retirada, entender que o outro morreu e que este vínculo já não existe mais e ninguém irá substituí-lo. No processo de luto existem dias quase impossíveis de acreditar nesta realidade que se apresenta. Estendem-se as lembranças,

---

4 Pandemia por Gripe Espanhola aconteceu entre 1918 e 1919.

a falta no dia a dia é dolorida, vem a saudade, os pensamentos chegam sobre como poderia ter sido “se”..., mas, nada mais poderá trazer o ente querido de volta à vida. E quando o processo de luto termina?

Em momento de dor, o ser humano se recolhe em si mesmo, recolhe toda sua energia ou investimento e nada lhe parece ter importância, a não ser o objeto perdido, o ente querido. Aos poucos e com o passar do tempo, a pessoa enlutada se ajusta, se restaura e se considera mais fortalecida para a realidade ao seu redor. Se este ajuste ou elaboração não ocorre, o luto passa a ser patológico, vindo a ser chamado de melancolia.

Na melancolia a baixa autoestima está presente, a pessoa está envolta a algo que absorve sua vontade de viver. Ela não vê no mundo exterior algo que a faça romper com a tristeza tão profunda que a toma, e nem em si mesma encontra forças. Negligencia-se, despreza-se, culpa-se, julga-se ser inferior e desconsidera sua identidade ou quem é até este momento com toda sua história de vida.

Sobre o pavor de uma Pandemia centenas de milhares de pessoas enfrentaram situações outrora nunca vividas. É certo que a Gripe Espanhola entre 1918 e 1919 marcou a história com cerca de 50 milhões de mortes, mas, isso ocorreu há mais de 100 anos. Hoje o mundo concluiu este período de Pandemia por Covid-19 com outras marcas.

A ressonância que pode causar aos que lêem o título deste artigo pode ser de assombro, todos querem ler sobre vida e não sobre morte. Interessante esta dialética, pois, ao mesmo tempo que tratamos do tema luto, falamos de vida, pois quem passa pelo processo de luto está vivo e à estas pessoas se fazem necessárias uma revitalização, uma manutenção de vida e mesmo esclarecimentos sobre poder viver este processo sem constrangimentos. Faz parte da vida de todo ser humano.

Esta manutenção de vida diz respeito ao cuidado que todo cristão deve ter com sua saúde física, emocional e espiritual. Havia um preconceito dentro da Igreja que perdurou centenas de anos, mas, hoje nos parece

menos intransponível, o respeito e cuidados com a saúde emocional. Estar em psicoterapia ou fazer análise e mesmo passar por consulta com um profissional psiquiatra não eram bem aceitos ou visto com naturalidade. A ideia era de que a pessoa poderia estar em pecado, fé ínfima, de que não valeria para nada sendo besteira ou se desviando do caminho de Jesus.

Falar sobre revitalização também nos remete ao preconceito de que ao cristão não cabia frequentar uma academia ou que poderia ter cuidados com a saúde física, este cuidado poderia soar como vaidade. Cuidar da saúde física se restringia apenas ao uso de medicação para doenças cardíacas, diabetes entre outras “aceitas”; não se falava muito em prevenção e sim em tratamento e reabilitação. Mais do que nunca, hoje, vê-se necessário este cuidado com todo o organismo físico e o quanto este cuidado repercute na saúde mental e emocional. Uso de vitaminas, complementos, exercícios aeróbicos, cuidados com a pele, cabelos, entre outros não estão ligados à vaidade, desvio de conduta e sim aos cuidados primários da saúde física.

Quando em um processo de luto, a pessoa enlutada compreende que não dosou suas energias nos cuidados consigo mesma no acompanhamento do enfermo (quando não há morte súbita e inesperada) e que as necessidades da sua família continuarão e de diversas formas; encontrar o equilíbrio é fundamental, justamente porque a vida continua para os que aqui ficam, o ciclo de vida continua; vimos que José “mais tarde, retornou ao Egito” (Gênesis, 50:14). Não lhe deve ocorrer julgamentos ou sentimento de culpa. Poder falar tranquilamente de seus sentimentos e conflitos ajudará a passar por mais dignidade este processo. Vejamos no livro intitulado *Sobre a Morte e o Morrer*, de Elisabeth Kübler-Ross (1998, p.185):

Se tolerarmos a raiva deles, quer seja dirigida a nós ou ao falecido, ou contra Deus, teremos ajudado a darem passos largos na aceitação sem culpa. Se os incriminarmos por não reprimirem estes pensamentos pouco aceitos socialmente, seremos culpados por prolongarmos o

pesar, a vergonha e o sentimento de culpa deles, que resultam, frequentemente, em abalo da saúde física e emocional.

No livro *Superando a dor do Luto*, Marcos Kopeska (2021) lista cinco estágios pelos quais o luto é processado com base nos estudos de tanatologia de Elizabeth Kübler-Ross: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. No estágio da Negação, a pessoa enlutada tenta reverter o irreversível. Atualmente, nas redes sociais, vemos familiares enlutados prestando homenagens aos que partiram em uma tentativa latente de falar o que não foi dito, de agradecer ou demonstrar o carinho e amor ao morto e enfatizar o quanto fora especial e importante. Diariamente fazem alusão sobre como tudo aconteceu e postagens de fotos. Vejamos: “Esta etapa pode durar de alguns minutos até meses. É o estágio em que as pessoas voltam ao local da perda, falam sobre a perda, narram repetidamente os acontecimentos com detalhes” (Kopeska, 2021, p.69)

Na Raiva, a capacidade para pensar no princípio da realidade fica prejudicada porque a pessoa enlutada não compreende sua realidade externa, acaba desrespeitando sua realidade interna e dos demais ao seu redor. Ocorre uma sensação de frustração, é como se não houvesse tido tempo suficiente para a conclusão de certos planos, projetos e fases nos relacionamentos. A pessoa enlutada pode agir por impulso, sem conseguir pensar, refletir e seguir direto para a ação resultando em um drama ainda maior. Vejamos:

Nossa verdadeira e entranhada indagação não é como Deus permitiu que isso acontecesse, mas por que Deus não se importa conosco? Lembra-se da queixa de Marta quando Jesus foi a Betânia após a morte de Lázaro? Senhor se tu estivesses aqui, não teria morrido meu irmão. São palavras típicas desta etapa. É a busca por um culpado. Alguém foi negligente. Alguém precisa pagar por isso. (Kopeska, 2021, p.72)

A Barganha ou Negociação é o terceiro estágio. O ser humano passa a vida toda colocando dentro de si conteúdos bons através dos relaciona-

mentos e ambientes em que vive, estes conteúdos também são projetados, mas, é neste estágio que a pessoa enlutada se disponibiliza ainda mais para as atividades a favor do outro em ações sociais. Vejamos como está no livro:

Nesta fase do luto há uma tendência do enlutado em procurar consagrar-se mais a uma causa que seja transcendente, isto é, ultrapasse os ideais materiais e individuais. Pode haver promessas interiores e íntimas de entregar-se ao trabalho cristão, a uma causa filantrópica. A relação é inevitável. Muitos mudam de religião ou ressignificam sua fé durante o luto. (Kopeska, 2021, p.77)

A quarta fase deste processo segundo Kübler-Ross e relatada por Kopeska é a Depressão:

Este período é lento, mas, passageiro. O organismo não suportaria uma crise prolongada de negação e de raiva, e entraria em colapso, como um atleta que tentasse correr por vinte e quatro horas sem parar. O período de depressão é o pisar no freio do próprio corpo, protegendo sua integridade. (Kopeska, 2021, p.79)

Quando o luto está elaborado, o enlutado elaborou a perda e voltou para a vida cotidiana, o dia a dia normal. Se este retorno não acontece, este luto se torna em melancolia. A autoestima do melancólico fica rebaixada, fica desintegrada, é como se perdesse um pedaço ao mesmo tempo que não se sabe o que perdeu. Diferentemente no luto, a pessoa sabe o que ou quem perdeu. Na melancolia as lembranças da pessoa que morreu recaem de forma voraz sobre o enlutado, é como se não houvesse distinção sobre quem é quem. O melancólico é depressivo, tem aversão a alimentação, inquieto, facilmente irritável e desvitaliza as pessoas ao seu redor. O último estágio é a Aceitação, vejamos:

Aceitar a ideia de morte, claro, não é tão simples. Encarar esse fato inexorável da vida é aceitar que ele vai ocorrer com cada um de nós,

mas, é fundamental aceitar esta dura realidade da vida. Os rituais de adeus – como o velório, o culto fúnebre e o enterro – são importantes porque permitem socializar a dor e interiorizar a ideia da morte como algo real e irreversível. (Kopeska, 2021, p.83)

O afeto tem que vir dos primórdios, desde a mais tenra idade ou mesmo, a respeito da mente primordial, onde na vida intrauterina já existe uma mente com suas conexões afetivas. Quando existem falhas de afeto por períodos longos, algo como podemos ilustrar da seguinte forma: falha falha falha falha, isso nos mostra que nestas lacunas faltou amor. O ideal seria algo como afeto afeto afeto afeto, mas, o real nos é afeto afeto afeto afeto falha afeto falha falha etc., e assim podemos nos referir a um funcionamento psíquico imbricado de amor e suas tentativas de superação. Fixar o olhar apenas nas falhas dará ao enlutado uma condição de desamparo total, é preciso olhar para aquilo que se tem que é possível de desenvolvimento e seguir a vida. Como diz em Eclesiastes 3.1-2: “Para todas as realizações há um momento certo; existe sempre um tempo apropriado para todo o propósito debaixo do céu. Há o tempo de nascer e a época de morrer, tempo de plantar e o tempo de arrancar o que se plantou”.

Ter um pano de fundo mental com suas tramas bem fechadas auxilia cada ser humano nos seus relacionamentos, e em especial no processo de luto. Este pano de fundo mental bem estruturado possibilita aprendizado a cada pessoa que se propõe viver suas experiências emocionais mesmo àquelas situações dramáticas da vida e seus mistérios. Ter a disposição de viver o dia a dia realizando luto à cada conclusão de atividade, de um período como o da noite para vir o amanhecer, de uma refeição, entre outras situações diárias (esfera familiar, profissional, social), é viver numa busca constante de integrar o que fora desintegrado. Neste diagrama da vida desintegra integra desintegra integra se desenvolve internamente o conceito de transitoriedade: tudo passa e todos estão de passagem em cada momento da história. É o respeito de cada ser humano à verdade da mortalidade.

Se soubermos o dia e a hora que cada um de nós irá morrer, certamente evitaremos este momento. Ninguém viveu por séculos ou milênios, a medida para o tempo de vida do ser humano se baseia em seu curso natural em anos e no máximo, em décadas. Estamos flertando diariamente com as surpresas da vida, algumas felizes, outras não; o fato é que elas acontecem. No processo de luto, haverá dias com tonalidades mais acinzentadas, são dias escuros e sombrios. Outros, furta-cor, conforme o que se vê pela frente. Dias coloridos como quando amigos e membros da família se reúnem e trocam lembranças, recordam fotos, cartas, e aí os sorrisos, lágrimas e abraços colorem a tela da alma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Este artigo nasceu do desejo de aperfeiçoar o projeto de acolhimento às pessoas enlutadas pela morte de entes queridos por Covid-19. No ano de 2020 em pleno ápice da pandemia formou-se um grupo de voluntárias e através de suas profissões e mesmo dons e talentos os atendimentos à estas pessoas tiveram seu início.

A princípio não se sabia ao certo como estes atendimentos se dariam, no entanto, com o foco na atenção e amor às famílias enlutadas as sessões de psicoterapia começaram a ser realizadas, visitas seguidas dos protocolos sanitários, presença em velórios e a entrega de cartas com palavras de carinho recheadas de versículos e mimos como bolos e pequenos presentes. Esta ação se desenvolveu através do Ministério de Ação Social da Primeira Igreja Batista de Marília – SP, coordenado pelo pastor Enéias Ferreira. Entrementes, cinco voluntárias perderam entes queridos e esta ação não se sustentou mais, encerrando seus atendimentos em 2021.

O mundo cristão colocou em prática o que já sabia, neste período da pandemia, e, mesmo aprendeu, como, por exemplo, ir ao culto sem sair de casa. As lives, cultos com transmissão online, entre tantos aparatos tecno-

lógicos foram utilizados. Certamente que todas as nuances e vértices que esta pandemia gerou em cada ser humano a respeito de dúvidas, medos, temores, teorias, pensamentos persecutórios são imensuráveis. A instituição igreja desenvolveu de forma rápida sua capacidade de sobrevivência em pleno século XXI em meio ao caos social e bombardeios midiáticos.

O processo de luto exige tempo, porém, como já mencionado, este tempo não pode se estender para não se tornar uma condição patológica, a melancolia. É como em um processo de graduação, os aprendizados através das experiências emocionais vão acontecendo, requer-se resiliência, paciência, tolerância a cada passo dado, buscando o entendimento do diagrama da vida: integra desintegra. Para finalizar:

Quando uma árvore frutífera é colocada na terra, ela precisa enfrentar tempestades, sol quente e vento. Se uma árvore jovem pudesse falar, ela diria: “por favor, tire-me daqui! Coloque-me em um lugar onde não haja um calor abrasador nem tempestades de vento!”. Se o jardineiro desse ouvidos à árvore, ele na verdade faria mal a ela. As árvores suportam o sol quente e as tempestades de vento fincando suas raízes mais fundo. A adversidade que enfrentam ao final será a fonte de maior estabilidade para elas. A dureza dos elementos que as cercam faz com que busquem mais fundo a sua fonte de vida. Um dia, elas chegarão ao ponto em que até mesmo as maiores tempestades não poderão abalar a sua capacidade de gerar frutos. (Bevere, 2020, p. 216).

# REFERÊNCIAS

---

BASAK, Jhuma. A dinâmica de uma violência passional na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Psicanálise**, volume 57, n.1, 1899-203, 2023. São Paulo, SP.

BEVERE, John. **Movido Pela Eternidade**. Rio de Janeiro: Luz Às Nações, 2020.

**BÍBLIA King James Atualizada**. BV Books Editora, edição comemorativa dos 400 anos da Bíblia King James.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Edição Português. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em Meio à Dor e ao Sofrimento**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KOPESKA, Marcos. **Superando a Dor do Luto**. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2021.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEWIS, C.S. **A Anatomia de um Luto**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

MIQUELETO, Maria Isabel. Inteligência artificial abre chance para “manter o contato” com quem já morreu. **O Estado de S. Paulo**, 25 de julho de 2021. Caderno Economia e Negócios, Link, B8

# VIVER EM ALEGRIA: IMPERATIVO OU ESCOLHA PESSOAL?

LIVING IN JOY: IMPERATIVE OR PERSONAL CHOICE?

VIVIR EN ALEGRÍA: ¿IMPERATIVO O ELECCIÓN PERSONAL?

## RESUMO

---

No mundo atual existe um forte apelo para a satisfação pessoal. A promessa é de que o ter, possuir e adquirir está intimamente ligado às emoções, produzindo efeito que irá se traduzir em alegria e paz. A carta de Paulo dirigida aos Filipenses no capítulo 4.4-7 é especialmente valiosa e de grande importância tendo em vista que o apóstolo que a escreve é um homem provado em muitas dores, perseguições, privações, prisões injustas, sofrimentos físicos e necessidades materiais. Apesar desse histórico aparentemente desfavorável, Paulo em sua carta faz menção do sentimento de alegria e suas repercussões. Escreve o apóstolo um imperativo, uma ordem a ser obedecida? Seria uma recomendação que estaria sujeita a uma escolha pessoal? O presente artigo parte do pressuposto que sim, o texto de Paulo trata-se de uma ordem direta com desdobramentos importantes e significativos. Por meio do método bibliográfico básico se buscará evidenciar a hipótese abordada.

**Palavras-chave:** Alegrar-se. Preocupação. Oração

## INTRODUÇÃO

---

Considerando a abstração e por se tratar de um estado da alma, o verbo alegrar-se pode ser facilmente maquiado por um sorriso no rosto de alguém que na verdade esteja vivendo um momento de profunda tristeza. Levando em conta esse detalhe, a orientação do apóstolo Paulo no capítulo 4 de Filipenses é carregada de significação e implicações, tendo em vista que o cumprimento do seu conselho, conforme o texto, conduzir o agente a outros desdobramentos positivos que por fim lhe propiciem benefícios reais.

---

<sup>1</sup> Aluno concluinte do Bacharelado em Teologia (FABAPAR). Brasil. E-mail para contato: nelsonjr@dreamsocorretora.com.br

As palavras do apóstolo ganham um peso especial em função das circunstâncias que o cercam e o aparente desfavor da sua própria condição de prisioneiro. Imerso nesse ambiente, com sua liberdade restringida, incerteza sobre seu próprio futuro e separado da comunhão com os irmãos, não seria de admirar que houvesse lamento e pedido de misericórdia em sua fala. Porém ao contrário disso Paulo usa seu tempo para orientar a igreja de Filipos e incentivá-los a alegrar-se sempre. Assim sendo, o objetivo dessa pesquisa é compreender se a redação de Filipenses 4.4-7 trata-se de uma ordem direta do Senhor ou uma recomendação pastoral, podendo ou não ser obedecida, de acordo com a avaliação do seu leitor.

O artigo ora apresentado baseia-se em um trabalho bibliográfico básico, tendo como fonte expoentes autores, teólogos como Shedd e Lawson, dentre outros. A experiência ministerial, teológica e docente dos autores servirá de norte para o desenvolvimento desse ensaio.

## 1 ALEGRIA NO SENHOR

---

O apóstolo Paulo, autor da Epístola ao Filipenses, escreveu a carta em circunstâncias incertas e desfavoráveis, quando preso em Roma em algum momento entre 60 e 62 d.C. Menciona Macarthur, no prefácio da obra de Lawson (2019, p.11), acreditar que isso se deu na primeira prisão sofrida por Paulo na cidade Romana. O prefácio da carta (1.8) demonstra quão ativos e comprometidos eram os irmãos de Filipos e o grande apreço que o apóstolo tinha por eles. Hahn (2006, p.162) considera que a carta é escrita por Paulo e enviada por mãos de Epafrodito aos filipenses, em agradecimento a uma oferta que o apóstolo teria recebido da parte dos irmãos em Filipos. Apesar da condição de prisioneiro o apóstolo Paulo é capaz de expressar em sua carta:

Alegrem-se sempre no Senhor; outra vez digo: alegrem-se! Que a moderação de vocês seja conhecida por todos. Perto está o Senhor. Não fiquem preocupados com coisa alguma, mas, em tudo, sejam conhecidos diante de Deus os pedidos de vocês, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus. (Filipenses 4.4-7)

Tendo em vista a mensagem de ânimo contida no texto de Paulo, caso o leitor da carta não soubesse que o remetente estava numa situação de encarceramento, facilmente poderia imaginar o apóstolo escrevendo no conforto de seu ambiente familiar, com suas despensas abastecidas e na companhia dos seus queridos. Shedd (1984, p.108), citando A. W. Tozer em seu livro, escreve: [...] “quem tem Deus e mais tudo o que há no mundo, não está melhor colocado na vida do que o homem que tem só Deus”. Sob essa perspectiva, o encarcerado Paulo tinha consciência que possuía tanto quanto seus irmãos que estavam gozando da sua liberdade e conduzindo suas vidas em suas rotinas diárias e isso o compelia a escrever e exortar a prática da alegria em todo o tempo.

É fato que cada livro contido nas Escrituras Sagradas possui uma mensagem implícita no mesmo e cabe ao leitor procurar a hermenêutica correta em busca da mensagem que seu autor pretende comunicar. Não é diferente na carta escrita aos Filipenses. Hahn assim considera:

A carta aos Filipenses traz a palavra sobre a alegria no Senhor. Desse modo, para não forçar nada e evitar artificialismos, declaramos de antemão que não estamos dizendo que nesta carta tenha Paulo tomado o propósito de lidar com um “tema” nitidamente delimitado. A verdade é que temos a impressão de que, com base em uma atitude interior bem específica diante dos filipenses, Paulo repetidamente – ora em um, ora em outro contexto – acaba chegando à alegria no Senhor, de sorte que esta, ainda que de forma inicialmente não-intencional, na realidade se torne o pensamento básico da presente epístola. (Hahn, 2006, p.168).

Para Lawson (2019, p.16) “o livro de Filipenses é um livro que provoca alegria”. O apóstolo sofredor parecia não se render diante das tribulações que o assolavam. Ao contrário disso, a firmeza e constância do seu contentamento tornam-se uma mola propulsora do seu ministério junto a igreja de Filipos. O mesmo autor argumenta:

Vivemos em um mundo de estresse e ansiedade que facilmente e sutilmente pode roubar a paz de Deus de nosso coração. Por isso, precisamos de uma alegria imensa e transbordante que inunde nossa alma. O livro de Filipenses foi escrito exatamente com esse propósito – ajudar-nos a encontrar essa alegria. (Lawson, 2019, p. 16).

É evidente que a mensagem de alegria comunicada por Paulo a igreja de Filipos não se baseia em eventos externos. Fosse assim a mensagem de confiança em Deus em suas cartas seriam em sua grande maioria marcadas por condicionais, a depender da tribulação que o assolava. Martin (1985, p.169) reflete que “[...] os apelos de Paulo para alegrar-se não se fundamentam no otimismo natural, como se ele estivesse convidando o povo de Filipos a ver tudo ouro sobre azul, nas ominosas nuvens escuras da oposição e perigo que se aproximam (1:28,29)”. O mesmo autor considera: “A chave está no Senhor, como fator mestre da exortação. É a fé dos filipenses no Senhor (isto é, no Jesus exaltado) que torna a chamada à alegria prática e realística, ao mesmo tempo, ao enfrentarem perseguições” (Martin, 1985, p.169).

O tema alegria, sob a ótica do apóstolo Paulo na carta aos filipenses é amplamente discutido entre os teólogos. Percebe-se nos comentários não se tratar de um assunto secundário ou de pouca expressão. Havia intencionalidade na recomendação de Paulo, um propósito específico e uma mensagem a entregar aos irmãos da igreja de Filipos, importante inclusive por ser uma cidade relevante do império Romano.

Para Wright (2020, p. 157), a palavra alegrar-se pode ser entendida como celebrar no Senhor. O autor considera a alegria como um sentimento

vivido “no íntimo das pessoas”, portanto é particular e subjetivo. Considerando a cultura do contexto de Paulo, o império era celebrado, suas divindades e o próprio Imperador de igual forma. Por que não deveriam os cristãos também tornarem pública sua celebração jubilosa em reconhecimento ao seu rei? Wright justifica então seu argumento da seguinte forma:

Tudo isso é importante e está contido na recomendação de Paulo; mas, nesse mundo e nessa cultura, a expressão “alegrar-se” significaria o que chamamos de celebração pública, envolvendo todo mundo ao redor: em Éfeso, Filipos, Corinto e qualquer outro lugar usado para organizar grandes festivais, jogos e shows em celebração aos seus deuses e às suas cidades, para não mencionar seu novo “deus”, o próprio César. Por que os seguidores do Rei Jesus não iriam, eles também, celebrar de forma exuberante? (Wright, 2020, p.157).

Esse ponto de vista de Wright, com uma alegria que deveria se expressar publicamente como uma celebração semelhante a um evento festivo a Jesus, de fato contrasta com o pensamento dos demais autores, para quem a alegria é manifesta no viver amplamente suprido de contentamento por haver a consciência de um Salvador que dá novo sentido a existência terrena temporal.

## 2 ALEGRIA: RECOMENDAÇÃO PASTORAL

---

O epílogo da carta de Paulo aos Filipenses (4.2-3), relata uma situação de desentendimento entre duas mulheres, cooperadoras do ministério do apóstolo, Evódia e Síntique, que nas palavras de Paulo “se esforçaram comigo no evangelho”. Não há no relato bíblico detalhes sobre como se deu a participação de ambas no ministério paulino, entretanto a menção de seus nomes na carta aos Filipenses revela sua importância e o anseio do apóstolo por seu bem-estar e alegria.

Lawson (2019, p.197) considera Evódia e Síntique não apenas como membros da igreja de Filipos, pelo contrário, eram expoentes e reconhecidas por todos e agora sua rixa pessoal e rancor mútuo poderia afetar a comunhão dos demais membros da igreja. Hahn (2006, p. 260) considera secundário não existir uma biografia sobre ambas, porém indubitável e relevante o fato de o grande apóstolo Paulo dedicar especial atenção e cuidado por elas. O autor aborda o assunto com as seguintes considerações:

Constatamos aqui como estão próximos o amor e alegria. Afinal, o amor fraterno não é, segundo sua raiz, amor “de compaixão”, que deve ser exercido para com os ainda perdidos, mas amor “**de regozijo**” e, por essa razão, amor que brota da **alegria**. Quando, pois, o apóstolo exorta as mulheres Evódia e Síntique à nova concórdia no amor de irmãs isso significa: “Tenham novamente a antiga alegria uma pela outra, na qual vocês no passado se uniram em uma alegre comunhão de trabalho!” (Hahn, 2006, p.168).

A exortação a alegria da carta aos Filipenses, portanto, a partir desse ponto de vista ganha também um novo significado: o de uma recomendação pastoral. Considerando que Evódia e Síntique caminharam com Paulo em algum momento da sua jornada de fé, conforme dito pelo próprio apóstolo, foram participantes do seu ministério e compartilharam juntas do trabalho em apoio ao apóstolo, ele recomenda que esse vínculo de amor e alegria seja restaurado entre as mulheres.

Paulo um homem experimentado no trabalho missionário quem em sua segunda viagem missionária (Atos 15.36-41) entrou em desavença com Barnabé por não concordar com a companhia de João Marcos, vindo posteriormente não somente a reconciliar-se com Barnabé como também reconhecer a importância de João Marcos em seu ministério, tinha autoridade para recomendar aos irmãos de Filipos e especialmente a Evódia e a Síntique que vivessem em unidade e em alegria. Pensando na gravidade da situação e os possíveis desdobramentos sobre a vida dos irmãos filipenses, Shedd escreve:

Logo que Paulo pensou na firmeza fundamental, veio-lhe a mente uma das brechas que favorecem o abalo da igreja que é a falta de entendimento, Evódia e Síntique, valiosas cooperadoras do apóstolo no início e depois com Clemente e outros, haviam ajudado no avanço do evangelho. Mas, um desentendimento rachou a comunhão, e não houve suficiente espiritualidade para consertá-la. (Shedd, 1984, p. 106).

Paulo amava a igreja de Filipos, sentia saudade dos irmãos e os considerava como uma coroa (Filipenses 4.1); então como seu pastor, exortava amavelmente que a situação fosse resolvida entre eles. Após as recomendações iniciais dirigidas especialmente as mulheres, o apóstolo os instrui a alegrarem-se sempre e no Senhor! Paulo aponta para o Senhor que é capaz de promover a paz e entendimento entre os irmãos e proporcionar real motivo de alegria no meio da igreja. Para Martin a admoestação de Paulo sobre a alegria era na verdade um princípio sendo instituído pelo apóstolo:

Alegrai-vos sempre no Senhor. Esta palavra é dirigida a toda a congregação, como apelo que se relaciona com 4:1 e até mesmo 3:1, versículos que contém uma admoestação semelhante: haja alegria (Michaelis). Isto explicaria a fórmula: outra vez digo, alegrai-vos, como se Paulo estivesse estabelecendo um princípio, através da reiteração. (Martin, 1985, p. 168).

O comportamento rude e de animosidade entre as expoentes mulheres da comunidade de Filipos tem grande conexão com a reação do apóstolo e sua recomendação pastoral. Comentando sobre a palavra de Paulo dirigida a igreja imediatamente após a exortação especialmente dirigida a Evódia e Síntique, Wright (2020, p. 157) observa: “[...] após esse incidente, Paulo se volta para a recomendação final e verdadeira antes do final da carta. Tudo se resume a uma grande frase no versículo 4: Celebrem no Senhor!”

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A teologia do apóstolo Paulo e a quantidade de material que produziu e fez circular entre as igrejas do primeiro século, demonstra o peso e importância da sua palavra aos cristãos. A profundidade da experiência que tinha com Deus permitia a Paulo expressar “digo eu, não o Senhor” quando em outro momento falava com a igreja de Corinto acerca de questões sobre casamento (1 Coríntios 7.12). Não há, porém, essa distinção na carta aos Filipenses, entretanto o apóstolo escreve: “Alegrai-vos sempre no Senhor”.

O presente artigo apresentou ao leitor argumentos dos autores e suas interpretações acerca das recomendações do apóstolo Paulo a igreja de Filipos sob o ponto de vista de um imperativo, uma ordem direta do Senhor, ou como uma recomendação pastoral do líder da igreja local. Como já citado anteriormente, autores como Hahn e ainda Lawson consideram a alegria como tema e propósito central da carta aos Filipenses e o apóstolo Paulo direciona intencionalmente seu discurso nessa direção e para esse fim. O ponto de vista de Martin é de que a fé dos Filipenses em Jesus exaltado os leva a alegria prática e realista e Shedd argumenta que ter a Deus nessa vida já é em si motivo suficiente para considerar-se estar numa situação privilegiada.

As abordagens acima apontam para uma interpretação Paulina de que o alegrar-se não se condiciona a eventos temporais, mas sim como resultado de uma vida centrada no evangelho de Jesus, portanto poderia no texto haver indicativo de ordem, imperativo, nas palavras do apóstolo Paulo. Esse ensaio também expôs o alegrar-se como fruto da paz produzida no coração após a obediência de uma recomendação pastoral, quando dirigida a Evódia e Síntique para que se reconcilhassem e restaurassem a comunhão que havia anteriormente entre elas.

Por fim, cabe ao leitor decidir de que maneira deve obedecer ao texto das Escrituras Sagradas contido em Filipenses 4.1-5 e qualquer que seja a decisão, ao final um resultado comum será alcançado: alegrar-se sempre, e no Senhor!

## REFERÊNCIAS

---

BÍBLIA. Português. **Bíblia Nova Almeida Atualizada**. São Paulo: SBB, 2017.

HAHN, EBERHARD. **Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses: comentário esperança**. 1. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2006.

LAWSON, Steven J. **Filipenses para você**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses: introdução e comentário**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1985.

SHEDD, Russel Philip. **Alegrai-vos no Senhor: uma exposição de Filipenses**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

WRIGHT, Nicolas Thomas. **Paulo para todos: cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

# UM HOMEM DE CONFIANÇA; UM ESTUDO BIOGRÁFICO DE TIMÓTEO

A TRUSTED MAN: A BIOGRAPHICAL STUDY OF TIMOTHY

UN HOMBRE DE CONFIANZA; UN ESTUDIO BIOGRÁFICO DE TIMOTEO

## RESUMO

---

Este artigo apresenta um estudo biográfico da figura de Timóteo, o jovem discípulo e colaborador de Paulo que foi, provavelmente, convertido pelo apóstolo e convidado a integrar a sua equipe missionária, acompanhando-o por grande parte de sua vida. O objetivo do trabalho é apresentar, para líderes, pastores e para a igreja em geral um material de estudo a respeito de Timóteo, que é uma figura de grande relevância no Novo Testamento, mas que não ganha tanto destaque quanto nomes como Paulo ou Pedro, por exemplo. Assim, a metodologia escolhida foi uma pesquisa com os textos do Novo Testamento que citam Timóteo e, após isso, as informações sobre a vida e a personalidade do mesmo foram organizadas de maneira cronológica, para facilitar o estudo. Ao final do estudo, o principal resultado obtido foi demonstrar que Timóteo era o homem de maior confiança de Paulo, tornando-se, inclusive, seu sucessor no trabalho ministerial.

**Palavras-chave:** Timóteo. Paulo. Biografia. Liderança.

## INTRODUÇÃO

---

Timóteo é uma das figuras mais interessantes do Novo Testamento: um jovem de Listra, convertido por Paulo, que se torna seu cooperador e, em seguida, seu sucessor. Essa é a história fascinante desse homem, que, infelizmente, não é tão conhecida pelos pastores, líderes e pela igreja em geral quanto as histórias de Pedro, Paulo, João, entre outros, apesar de ser “mencionado pelo menos 24 vezes nas epístolas de Paulo” (Wiersbe, 2006, p. 106).

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras (UFPR). Graduando em Teologia (FABAPAR). Brasil. E-mail para contato: flaviano-siedeliske@gmail.com

Diante desse problema, o objetivo desse trabalho é apresentar um estudo biográfico a respeito de Timóteo, tendo como base tudo o que o Novo Testamento fala sobre o discípulo de Paulo. Para tal, a metodologia escolhida foi um estudo bibliográfico sobre as passagens que mencionam Timóteo no Novo Testamento: primeiramente, foram destacadas as passagens biográficas do Livro de Atos; em segundo lugar, as passagens biografias das Epístolas do Novo Testamento; e, por fim, as passagens biográficas nas Epístolas para Timóteo. Após esse processo de pesquisa, nas Considerações Finais as informações obtidas foram organizadas de maneira cronológica, estabelecendo um panorama da vida e personalidade do discípulo, além de destacar sua relação com o próprio apóstolo Paulo.

Justifica-se a escolha deste tema para a pesquisa graças ao fato de Timóteo ser uma figura de grande importância e relevância do Novo Testamento, sendo sua vida “um interessante tema de estudo sobre discípulo e liderança cristã” (Trites, 2005, p. 643). Não apenas isso, mas Hernandes Dias Lopes (2010, p. 503) destaca:

Timóteo era o estimado cooperador de Paulo, seu filho na fé, seu companheiro de perigosas jornadas, seu conforto em longos encarceramentos, seu enviado em missões espinhosas [...]. Timóteo era o braço direito de Paulo, o homem que foi preparado para ser o continuador de sua obra.

Assim, com base no pensamento de autores como Donald Guthrie, Craig Keener e Warren Wiersbe, diversos resultados puderam ser obtidos, todavia, o resultado mais relevante foi demonstrar que Timóteo era o homem de maior confiança de Paulo, em quem o apóstolo investiu sua vida, construiu um sólido relacionamento e comissionou para sucedê-lo no trabalho ministerial.

# 1 TEXTOS BIOGRÁFICOS NO LIVRO DE ATOS

---

O primeiro texto em que Timóteo aparece no Novo Testamento é **At 16:1-3**,<sup>2</sup> que demonstra o momento em que o apóstolo Paulo se encontra com ele. Essa passagem demonstra que Timóteo era um jovem residente da cidade de Listra, uma próspera cidade comercial a sudoeste de Icônio, cujos cidadãos recebiam o privilégio de Roma, por se tratar de uma colônia romana (Keener, 2017, p. 431). Também é indicado que Timóteo é fruto de um casamento misto de uma judia com um gentio, algo que, para os judeus palestinos, era um pecado terrível, mas, em locais onde a comunidade judaica era menor, como é o caso de Listra, tais casamentos eram tratados com maior tolerância (p. 438).

Outro ponto interessante a ser observado sobre Timóteo é que ele já era um discípulo: as Boas Novas do Evangelho já haviam sido ministradas para ele. Não há certeza quanto ao momento exato em que o mesmo foi convertido, mas, com base no contexto de Atos, é razoável supor que sua conversão tenha ocorrido durante a primeira viagem missionária de Paulo (At 14:8-20) (Guthrie, 2006, p. 1341). Warren Wiersbe (2006, p. 105), em seu comentário pastoral sobre o Novo Testamento, destaca o fato de que Paulo, em sua sabedoria, não convidou Timóteo para sua equipe logo que o mesmo se converteu, mas “o deixou como membro da igreja de Derbe e Listra, uma congregação onde Timóteo cresceu nas coisas espirituais e aprendeu como servir ao Senhor”. Assim, após algum tempo o apóstolo retorna para a cidade e, quando ouve sobre a fé e a entrega de Timóteo, o convida para sua equipe, “para proporcionar-lhe maior preparo, bem como ajudá-lo no ministério de suas viagens missionárias” (Horton, 1983, p. 166).

---

<sup>2</sup> Todas as citações bíblicas seguirão a tradução da Nova Almeida Atualizada – NAA, salvo quando indicado o contrário.

Alguns autores defendem que a intenção de Paulo em chamar Timóteo para sua equipe era substituir João Marcos, que tinha seguido viagem com Barnabé (At 15:36) (Guthrie, 2006, p. 1341; Wiersbe, 2006, p. 104);<sup>3</sup> todavia, outros autores não encontram motivos para crer que ocorreu uma espécie de sucessão na equipe (Marshall, 1982, p. 246).

Por fim, o último ponto que merece atenção sobre essa passagem é o fato de Paulo ter circuncidado Timóteo, pois, num primeiro momento, essa atitude do apóstolo parece contrariar o que foi decidido no Concílio de Jerusalém (At 15:1-35). A razão dessa circuncisão é que, como já explicado, Timóteo possuía descendência judaica por parte de sua mãe, mas, provavelmente por influência de seu pai grego, não foi circuncidado como a lei exigia. Logo, Paulo realiza a circuncisão em Timóteo antes do mesmo sair em viagem missionária para não parecer que o jovem estivesse rejeitando a aliança do povo judeu com Deus (Gempf, 2009, p. 1639). Não apenas isso, mas essa questão também dificultaria a pregação para os judeus, pois “dizer que os gentios não tinham necessidade de se tornar judeus era uma coisa; mas se Paulo fosse visto ensinando que também os judeus não deveriam agir como judeus, teria havido problemas” (p. 1639).

Timóteo, então, ajudou Paulo na fundação das igrejas de Filipos e Tessalônica (Buckland, 1981, p. 429), e, como indica a passagem de **At 17:10-15**, o jovem de Listra já estava começando a entender que a vida de missionário não seria fácil, pois presenciou as perseguições sofridas por Paulo por parte de alguns tessalônicos que eram contra o apóstolo, resultando na momentânea divisão da equipe (v. 14-15).

A próxima passagem de Atos a ser estudada é o relato da chegada de Paulo em Corinto em **At 18:1-5**, na qual é exposto que, após sua passagem por Atenas, o apóstolo chega a essa cidade, encontra-se com Priscila e Áquila e precisa dividir seu tempo entre a pregação do Evangelho e a

---

<sup>3</sup> Wiersbe (2006, p. 604) inclusive comenta que “talvez a melhor coisa que aconteceu em Listra foi Paulo ter chamado Timóteo para tomar o lugar de João Marcos como seu assistente”.

confecção de tendas para seu sustento. Entretanto, “quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que Jesus é o Cristo” (v. 5).

O fato da chegada de Timóteo possibilitar que o apóstolo possa dedicar seu tempo exclusivamente à pregação do Evangelho, deixando de lado a confecção das tendas, indica que o jovem trazia consigo uma oferta dos cristãos macedônios, que arcaria com as despesas da equipe missionária (2Co 11:8-9, 12-13; Fp 4:5) (Keener, 2017, P. 453; Marshall, 1982, p. 277). Diante desse texto, surge um dos ensinamentos mais importantes sobre o relacionamento de Paulo e Timóteo: a confiança que o apóstolo possuía em seu jovem discípulo. Além disso, apresenta-se também a relação que Timóteo estabeleceu com as igrejas da Macedônia, em especial a igreja de Filipos.

Além da responsabilidade pelas finanças, outro ponto que demonstra a confiança de Paulo em Timóteo está no texto de **At 19:21-22**, pois o texto demonstra que Paulo havia sido direcionado para Jerusalém, e um dos locais por onde passaria era, novamente, a Macedônia. Entretanto, antes mesmo de iniciar essa viagem, Paulo envia Timóteo e Erasmo na frente, para preparar as igrejas da região para sua visita (Horton, 1983, p. 197). Tal texto indica que Paulo possuía grande confiança em Timóteo, pois deixou seu jovem discípulo ir à frente para representá-lo, demonstrando que confiava no caráter e capacidade dele. Ralph Martin (1984, p. 54) chega a comentar que Paulo considerava a Timóteo “quase uma extensão da sua própria personalidade”.

Após a decisão de viajar para Jerusalém, ocorre, em Éfeso, local em que Paulo estava, um grande tumulto envolvendo a idolatria e a economia do Templo de Diana (At 19:23-41), e, após o tumulto, Lucas registra a última menção de Timóteo no livro de Atos:

Cessado o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos e, tendo-os encorajado, despediu-se e foi para a Macedônia. Havendo atravessado aquelas terras, fortalecendo os discípulos com muitas exortações, diri-

giu-se para a Grécia, onde se demorou três meses. Quando estava para embarcar rumo à Síria, houve uma conspiração por parte dos judeus contra ele. Então decidiu voltar pela Macedônia. Acompanharam-no Sópatro, de Bereia, filho de Pirro; Aristarco e Secundo, de Tessalônica; Gaio, de Derbe; Timóteo; e também Tíquico e Trófimo, da província da Ásia (**At 20:1-4**).

O motivo da viagem de Paulo para Jerusalém era levantar recursos para os cristãos que se encontravam em dificuldade naquela igreja. Assim, é provável que os sete homens citados no texto sejam representantes de igrejas locais que ofertaram para Jerusalém, responsáveis por relatar o destino do dinheiro de suas comunidades (Horton, 1983, P. 204; Marshall, 1982, p. 302). Timóteo, apesar de não ser de uma igreja local, também é citado, provavelmente porque participou da coleta das ofertas durante sua passagem pelas igrejas da Macedônia (At 19:22) (Marshall, 1982, p. 303). Assim, novamente pode-se perceber a confiança que Paulo possuía na figura de Timóteo, pois novamente o jovem está envolvido com questões de representação de Paulo e questões financeiras e de ofertas.

Dessa maneira, conclui-se, sobre as passagens biográficas sobre Timóteo no Livro de Atos, que o mesmo: 1) residia em Listra, onde foi convertido, provavelmente, por Paulo; 2) foi convidado por Paulo para compor sua equipe missionária pelo testemunho que os irmãos davam sobre ele e provavelmente para ocupar o lugar que era de João Marcos; 3) foi circuncidado para não dificultar a missão de Paulo entre os judeus; 4) prestou grande assistência a Paulo principalmente nas igrejas da Macedônia; e 5) gozou da extrema confiança do apóstolo, pois sempre fora comissionado para viagens que lidavam com questões de representação de Paulo e questões financeiras.

## 2 TEXTOS BIOGRÁFICOS NAS EPÍSTOLAS

---

Sobre as passagens biográficas de Timóteo nas Epístolas do Novo Testamento, especialmente nas epístolas de autoria paulina, a primeira coisa que chama atenção é o fato de que em várias delas o nome de Timóteo aparece junto ao de Paulo nas saudações iniciais ou finais: **Rm 16:21; 2Co 1:1; Fp 1:1; Cl 1:1-2; 1Ts 1:1; 2Ts 2:1; Fl 1:1**. O mais óbvio a ser indicado pelas saudações com o nome de Timóteo é a proximidade do mesmo com Paulo, pois, ao que tudo indica, o discípulo caminhou junto com o mestre, seja nas viagens, seja na prisão ou em cidades específicas, como Corinto (Moo, 2009, p. 1744).

Dentre as saudações com o nome de Timóteo, a que mais chama atenção é **Fp 1:1**. Em primeiro lugar, seu nome é mencionado, na maioria das vezes, por causa de suas responsabilidades especiais delegadas por Paulo (Foulkes, 2009, p. 1885), todavia, em At 16:1-11, é possível notar que Timóteo acompanhara Paulo na primeira pregação do mesmo em Filipos, e, desde então, como defende Francis Foulkes (2009, p. 1877), “vinha mantendo uma relação bastante próxima com os cristãos filipenses”, pois o mesmo realizou várias viagens e por toda Macedônia, e a relação de Timóteo e Filipos é mencionada por Paulo em Fp 2:19-23.

Além disso, também chama atenção o fato de Paulo apresentar a si mesmo e a Timóteo como “servos de Cristo Jesus”. A palavra “servo” vem do original *doulos*, e faz alusão às figuras proféticas do Antigo Testamento, chamados de “servos de Iavé”. Assim, Paulo afirma a autoridade que Deus lhes havia dado para agir em Seu nome e pregar Seu Evangelho, pois eles eram Seus representantes (Martin, 1985, p. 72). Assim, Paulo está afirmando que confia em Timóteo não apenas como seu próprio representante, mas como representante do próprio Deus.

Continuando o estudo, a próxima passagem que chama atenção está em **1Co 4:14-17**, em que Paulo escreve aos coríntios chamando-os de “filhos”, suplicando-os para que ele se tornem imitadores de Paulo no caminhar da vida cristã. Uma vez que ele mesmo não pôde ir, o apóstolo envia Timóteo até a cidade, afirmando: “é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual fará com que vocês se lembrem dos meus caminhos em Cristo Jesus” (v. 17).<sup>4</sup> Aqui aparece uma denominação muito importante que Paulo confere a Timóteo: “filho”; indicando o afeto que o mestre tinha pelo discípulo (Keener, 2017, p. 558). Timóteo, como “filho imitador de Paulo”, poderia tornar-se uma espécie de modelo de vida cristã para os “filhos” de Paulo em Corinto (p. 558). Assim, mais que apenas estar próximo de Paulo, Timóteo estava tornando-se um imitador do apóstolo, alguém que seguia seus passos, seu ensino e seu caráter.

Ainda se tratando da ida de Timóteo para Corinto, há outra passagem que menciona esse fato: **1Co 16: 5-11**. Paulo novamente afirma que deseja estar com os irmãos de Corinto, mas sua viagem até lá irá demorar um pouco, e ele permanecerá algum tempo em Éfeso, e, falando novamente que Timóteo o irá representar, alerta aos coríntios que, “se Timóteo for, façam tudo para que não tenha nada a temer enquanto estiver entre vocês [...]. Portanto, que ninguém o despreze. Ajudem-no a continuar a viagem em paz [...]” (v. 10-11).

Essa recomendação de Paulo aos coríntios indica algumas coisas. Primeiramente, em Corinto havia algumas pessoas que eram contrárias e hostis a Paulo, e ele demonstra preocupação de que seus adversários pudessem maltratar Timóteo como forma de atingir o apóstolo (Winter, 2009, p. 1783). Não apenas isso, mas também demonstra como Timóteo era um dos homens que Paulo mais confiava e considerava leal, por isso o comissionava para as missões em contextos mais difíceis (Guthrie, 2006, P. 1342; Wiersbe, 2006, p. 817). Por fim, também pode indicar algo da personali-

---

4 Inclusive, alguns levantam a hipótese de que Timóteo era portador de 1Coríntios quando foi visitar tal igreja, enquanto Paulo estava em Éfeso em sua terceira viagem missionária, embora não haja evidências concretas disso (KRUSE, 1994, p. 62).

dade do próprio Timóteo: seus problemas emocionais e/ou físicos (1Tm 5:23; 2Tm 1:4), que fariam com que o jovem necessitasse de todo estímulo possível daquela igreja (Wiersbe, 2006, P. 817; Morris, 1981, p. 194).

Finalizando as referências nas epístolas aos coríntios, **2Co 1:19** indica que Timóteo participe ativamente da missão de Paulo enquanto o mesmo estava naquela cidade, anunciando o Evangelho de Cristo junto de seu mestre.

Partindo para a Epístola aos Filipenses, um dos textos mais importantes sobre a biografia de Timóteo é **Fp 2:19-23**. Tal passagem é relevante para o estudo da pessoa de Timóteo pelo fato de demonstrar que o jovem discípulo havia se tornado o servo em quem Paulo mais poderia confiar naquele momento, pois o apóstolo percebeu que ele demonstrava a preocupação verdadeira com o bem-estar dos irmãos, principalmente com o dos irmãos filipenses (Martin, 1985, P. 131; Wiersbe, 2006, p. 105).

Dentre as várias “cartas de recomendação” que Paulo escreve em suas epístolas, as que envolvem Timóteo estão numa categoria especial, pois o apóstolo possuía plena confiança no histórico de obreiro cristão do jovem (Trites, 2005, p. 641), e ambos possuíam um relacionamento íntimo de pai e filho (Keener, 2017, p. 670). O relacionamento de Paulo e Timóteo foi de extrema importância para a formação do caráter cristão na vida do discípulo, pois “nenhum [relacionamento] é tão essencial como o relacionamento de fraternidade cristã” (Lopes, 2008, p. 38). E esse relacionamento é novamente enaltecido quando Paulo afirma que deseja muito enviar Timóteo, mas não antes que saiba como ficará sua situação, pois o mesmo está preso e há a possibilidade da morte do apóstolo, então Paulo precisa de seu amigo ao seu lado (Martin, 1985, p. 132).

Em **1Ts 3:1-7**, Paulo explica aos irmãos de Tessalônica que enviará Timóteo para “fortalecer e animá-los na fé” enquanto ele mesmo permaneceria em Atenas. Novamente o que chama a atenção é a escolha do apóstolo em enviar alguém que “pudesse representá-lo plenamente e tomar o seu lugar” (Marshall, 1984, p. 115). Não apenas isso, mas o fato de Timóteo precisar

fortalecer a animar a fé daqueles irmãos diante das tribulações aponta para o fato de que, junto com Tito, Timóteo era um “agente especial” de Paulo, designado para as tarefas mais difíceis (Wiersbe, 2006, p. 223), pois a confiança de Paulo vinha do fato de que “Timóteo cumpria satisfatoriamente todas as tarefas que lhe eram incumbidas” (Trites, 2005, p. 641).

A última informação sobre Timóteo que aparece nas epístolas do Novo Testamento está em **Hb 13:23**: ele havia sido liberto da prisão. Nada se sabe sobre a prisão de Timóteo, mas é razoável supor que foi por causa da pregação do Evangelho e especula-se que pode ter sido durante o governo de Nero, e sua soltura logo após a morte do imperador (Guthrie, 2006, p. 1342; Keener, 2017, p. 789).

Dessa maneira, sobre as informações biográficas de Timóteo nas epístolas do Novo Testamento, conclui-se que: 1) o jovem estava ao lado de seu mestre durante a escrita de boa parte de suas epístolas; 2) Timóteo possuía uma boa relação e apreço pelas igrejas da Macedônia, principalmente por Filipos; 3) Paulo o considerava o maior de seus representantes e um grande representante do próprio Deus; 4) ambos possuíam um relacionamento próximo de paternidade; e 5) Timóteo seguia de perto o exemplo de Paulo, sendo até mesmo preso por, provavelmente, pregar o Evangelho, assim como seu mestre.

## 3 TEXTOS BIOGRÁFICOS NAS EPÍSTOLAS PARA TIMÓTEO

---

Finalmente, as epístolas destinadas ao próprio Timóteo complementam as noções biográficas que se podem obter sobre o jovem discípulo. Primeiramente, tanto em **1Tm 1:1** quanto em **2Tm 1:1**, Paulo chama Timóteo de “amado filho”, reiterando a relação íntima de paternidade entre os dois, além de indicar que realmente foi através de sua pregação que o jovem se converteu (Guthrie, 2009, p. 1945; Kelly, 1983, p. 48; Keener, 2017, p. 733; Wiersbe, 2006, p. 312).

Em **1Tm 1:3**, é indicado que Paulo deixou Timóteo em Éfeso para que ele pastoreasse aquela comunidade, pois “Paulo acreditava que Timóteo era um dos jovens que demonstravam maior potencial para ser líder na igreja emergente” (Trites, 2005, p. 641). A tradição afirma que Timóteo tornou-se bispo de Éfeso e foi martirizado naquela cidade (p. 429).

Em **1Tm 1:18-19**, Paulo cita as “profecias” feitas sobre a vida de Timóteo, indicando que sua escolha para a equipe evangelística de Paulo “parece ter desfrutado de outras comprovações” (Guthrie, 2006, p. 1341). Tais profecias sobre o jovem podem ter sido sobre o seu próprio ministério no momento de seu comissionamento, demonstrando que não foi somente Paulo, mas o próprio Deus tinha um chamado para Timóteo (Guthrie, 2009, p. 1946; Keener, 2017, p. 719; Wiersbe, 2006, p. 277).

O texto de **1Tm 4:11-16** indica duas coisas sobre Timóteo: sua mocidade e o dom que lhe foi concedido mediante imposição de mãos. Sobre sua mocidade, o termo grego empregado era utilizado para indivíduos com menos de 40 anos e, em alguns casos, até mesmo com menos de 29 anos (Keener, 2017, p. 724), indicando que Timóteo assumiu o cargo de liderança ainda com pouca idade. Sobre a imposição de mãos, era uma prática comum dos mestres judeus, que ordenavam os jovens mestres dessa maneira como forma de reconhecimento oficial, então Paulo relembra Timóteo do momento de sua consagração para encorajar o discípulo a permanecer firme apesar das dificuldades (**1Tm 6:12; 2Tm 1:6**) (Keener, 2017, p. 725, 733; Guthrie, 2009, p. 1953, 1960; Trites, 2005, p. 642).

A passagem de **1Tm 5:23** é interessante porque Paulo aconselha Timóteo a tomar um pouco de vinho, graças a “seu estômago e das suas frequentes enfermidades”. Tal conselho pode ter sido dado por dois motivos: 1) a água em Éfeso poderia ser impura ou contaminada; ou 2) o jovem podia estar sofrendo problemas estomacais, disenteria ou outros distúrbios dispépticos, talvez pela sua própria saúde frágil ou pela tensão do trabalho ministerial (Guthrie, 2009, p. 1956; Keener, 2017, p. 729; Kelly, 1983, p. 123). De qualquer maneira, essa passagem indica a preocupação paterna de Paulo com seu discípulo e filho na fé.

Em **2Tm 1:3-5** e **3:14-15**, há importantes declarações sobre a família de Timóteo, pois Paulo comenta que a fé sem fingimento que habitava em Timóteo “primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice” (1:5) e que, graças a elas, desde a infância Timóteo “conhece as sagradas letras” (3:15). Como Timóteo possuía um pai gentio, a função de ensiná-lo sobre as Escrituras Judaicas recaiu sobre sua avó e sua mãe (Keener, 2017, p. 733; Guthrie, 2009, p. 1960, 1965). O mais razoável é supor que Paulo fala sobre a fé judaica de ambas as mulheres, todavia, J. N. D. Kelly (1983, p. 149) levanta a hipótese que Paulo fala de uma fé em Cristo, sendo as duas mulheres as primeiras convertidas na família de Timóteo. Indiferente se a fé delas era judaica ou cristã, fica evidente como Paulo destaca a importância que a criação piedosa de Timóteo foi fundamental na vida do discípulo.

Finalmente, outros dois trechos relacionados são **2Tm 2:2** e **2Tm 3:10-11**, pois falam sobre aprender e replicar o ensino e a vida do mestre. Paulo deixa Timóteo encarregado de replicar o ensino que recebeu ao longo de toda sua jornada ao lado do apóstolo, lembrando de tudo que ambos passaram juntos e de todos os ensinamentos que Timóteo pode ter retirado da relação entre eles, instruindo o jovem a não deixar de imitá-lo após sua possível morte (Guthrie, 2009, p. 1961; Keener, 2017, p. 738). Paulo, durante toda sua vida, estava ensinando e preparando Timóteo para que ele assumisse o manto de seu sucessor, e ele acreditava que este momento estava próximo de acontecer.

Então, sobre as epístolas direcionadas para Timóteo, pode-se apreender que: 1) Paulo, até o final da vida, possuía grande apreço, carinho e cuidado por seu filho na fé; 2) o chamado, comissionamento e ordenação de Timóteo estão imbuídos de profecias, dons, confissões e imposições de mão; 3) Timóteo era um pastor jovem que podia estar sofrendo pela sua mocidade, personalidade e enfermidades físicas; 4) o jovem fora criado no seio de uma família piedosa, que lhe ensinou as Escrituras desde cedo; e 5) Paulo sempre o preparou para sucedê-lo ministerialmente, resultando no fato de Timóteo ter se tornado bispo em Éfeso e uma das mais importantes lideranças cristãs de sua geração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Diante dos textos estudados ao longo desta pesquisa biográfica, é possível, agora, estabelecer uma linha cronológica sobre a vida de Timóteo, além de apontar algumas reflexões sobre seu caráter, personalidade e, principalmente, de seu relacionamento com Paulo, demonstrando que Timóteo era, resumidamente, um homem de confiança para Paulo.

Como bem pontua Trites (2005, p. 643), “Timóteo constitui um interessante tema de estudo sobre discipulado e liderança cristã”. Ele aprendeu desde cedo as Sagradas Escrituras de sua avó Lóide e sua mãe Eunice, o que preparou o caminho para a sua conversão à fé em Cristo por Paulo em sua primeira viagem missionária a Listra. Anos depois, quando Paulo retorna para Listra, ouve o testemunho que os irmãos daquela igreja davam sobre o Timóteo e, como seu companheiro João Marcos o havia abandonado, convida o jovem para compor sua equipe, debaixo de profecias, confissões e a imposição de mãos dos presbíteros da igreja. Porém, antes de iniciar sua viagem, para não dificultar a missão entre os judeus, é circuncidado por Paulo, e, após isso, prestou grande assistência principalmente nas igrejas da Macedônia, em especial em Filipos, igreja pela qual desenvolveu grande apreço. Deste ponto em diante, Timóteo tornou-se um dos homens de confiança de Paulo, sempre envolvido com questões financeiras e da pregação do Evangelho.

Conforme a relação do mestre e discípulo se aprofundava, Timóteo ia tornando-se cada vez mais parecido com Paulo, a ponto de tornar-se seu maior representante diante das igrejas onde era enviado. O relacionamento dos dois se estreitou tanto que Paulo o chamava de “filho na fé”, demonstrando grande apreço, carinho e cuidado com a vida do jovem. Wiersbe (2006, p. 604) comenta que “Timóteo foi o companheiro e colaborador predileto de Paulo (Fp 2:19-23), talvez o filho que Paulo nunca teve, mas sempre quis”. Timóteo permaneceu ao lado de seu pai espiritual durante vários momentos de sua vida, até mesmo quando estava preso

em Roma, e seguiu seus passos a ponto de ser preso por, provavelmente, pregar o Evangelho, assim como seu mestre.

Por fim, Timóteo deixa de ser apenas um discípulo de Paulo e é encarregado de pastorear a igreja de Éfeso: um pastor jovem, que provavelmente sofria pela sua personalidade tímida e enfermidades físicas, além das pressões do ministério. Todavia, Timóteo não fraquejou em seu ministério, pois se provou, novamente, um homem em quem Paulo podia confiar, pois o apóstolo sempre o preparou para sucedê-lo ministerialmente e torná-lo uma das mais importantes lideranças cristãs de sua geração (Wiersbe, 2006, p. 106).

Esta é a biografia de Timóteo apresentada no Novo Testamento. Como defendido ao longo do texto, a palavra que mais está presente em sua história é a palavra *confiança*, pois Paulo confiou em seu discípulo em todos os momentos de sua vida. Paulo confiou que o mesmo enfrentaria com bravura a vida missionária. Confiou no jovem para ser seu maior representante em suas viagens. Confiou, também, que o mesmo poderia lidar com as situações mais difíceis que apareciam em suas viagens. Por fim, Timóteo mostrou-se o homem de maior confiança de Paulo quando recebeu sua última e mais difícil missão: ser o sucessor do apóstolo.

# REFERÊNCIAS

---

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª Ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BUCKLAND, A. R. **Dicionário Bíblico Universal**. São Paulo: Vida, 1981.

FOULKES, Francis. “Filipenses”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1871-1893.

GEMPF, Conrad. “Atos”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1603-1666.

GUTHRIE, D. “1Timóteo”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1944-1958.

GUTHRIE, D. “2Timóteo”. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1959-1968.

GUTHRIE, D. “Timóteo”. In: DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 3. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1341-1342.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Florida: Editora Vida, 1983.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KELLY, J. N. D. **1 e 2Timóteo e Tito**: introdução e comentário. São Paulo: Nova Vida, 1983. (Série Cultura Bíblica).

KRUSE, Colin G. **2Coríntios**: introdução e comentários. São Paulo: Nova Vida, 1994. (Série Cultura Bíblica).

LOPES, Hernandes Dias. **Colossenses**: a suprema grandeza de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o Evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010.

MARSHALL, I. Howard. "1 Tessalonicenses". In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1920-1931.

MARSHALL, I. Howard. **1 e 2 Tessalonicenses**: introdução e comentário. São Paulo: Nova Vida, 1984. (Série Cultura Bíblica).

MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. São Paulo: Nova Vida, 1982. (Série Cultura Bíblica).

MARTIN, Ralph P. **Colossenses e Filemon**: introdução e comentário. São Paulo: Nova Vida, 1984. (Série Cultura Bíblica).

MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Nova Vida, 1985. (Série Cultura Bíblica).

MORRIS, Leon. **1 Coríntios**: introdução e comentário. São Paulo: Nova Vida, 1981. (Série Cultura Bíblica).

MOO, Douglas J. "Romanos". In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1678-1745.

TRITES, A. A. "Timóteo". In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo, Editora Vida, 2005, p. 640-643.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo**: Novo Testamento I. Santo André: Geográfica, 2006.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo**: Novo Testamento II. Santo André: Geográfica, 2006.

WINTER, Bruce. "1 Coríntios". In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1746-1785.

# O DEVER DO CRISTÃO EM MEIO AO SOFRIMENTO HUMANO

THE DUTY OF THE CHRISTIAN IN THE MIDST OF HUMAN SUFFERING

EL DEBER DEL CRISTIANO EN MEDIO DEL SUFRIMIENTO HUMANO

## RESUMO

---

O sofrimento humano sempre foi algo relatado na história; fome, pragas, doenças e guerras, são alguns exemplos de grande comoção mundial. Mediante esse cenário, o que se deve observar é a ação humana sobre essas mazelas. Em um contexto nítido e crescente do individualismo na sociedade, reverberando para a igreja, o cristão deve se preocupar em compreender o seu papel na parceria com Deus no resgate ao sofrimento humano. Uma pergunta que jamais deve ser silenciada por nenhum cristão comprometido: O que Deus espera que eu faça para o meu próximo hoje? Para essa resposta, o texto ocupa-se em externar os valores bíblicos no resgate solidário à humanidade. Baseado em pesquisas bibliográficas de alguns profetas do Antigo Testamento e das Cartas Gerais contidas no Novo Testamento, de forma sucinta, levantando uma luz sobre a ação de Deus na humanidade, usando pessoas para ajudar pessoas. Com isso, pretende-se descortinar a fumaça de ambição e indiferença que imperceptivelmente tem tomado de conta dos cristãos que não reconhecem que o cuidado e zelo ao próximo não é uma simples forma de Deus cuidar da humanidade, mas é a principal delas. Assim foi no Antigo Testamento, se fez nítido no Novo Testamento, e o cristão da atualidade não deve ser apático a isso.

**Palavras-chave:** Responsabilidade. Profetas do Antigo Testamento. Cartas Gerais.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia (FABAPAR). Pós-graduanda em História da Teologia (FABAPAR). Brasil. E-mail para contato: moniquesonalle@gmail.com

# INTRODUÇÃO

---

*Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração.*

*O essencial é invisível aos olhos.*

Antoine de Saint-Exupéry

O cuidado e amor de Deus sempre foi algo tangível sobre a sua criação. Um amor que primeiro chamou a existência; na queda do ser humano chamou ao perdão, e na incapacidade humana de resgate providenciou por conta própria a restauração consigo mesmo por meio do sangue de Jesus Cristo. A igreja(cristão) tem o privilégio do uso do nome Jesus por intermédio de sua morte, ressurreição e ascensão aos céus. Porém mediante uma humanidade caída essa ação divina em resgate humano ainda é necessária, e a forma que Deus escolheu trabalhar foi em sinergia com a igreja, em que ele com seu amor, justiça, poder e soberania, resgata a humanidade sofrida com o auxílio de pessoas disponíveis para esse chamado.

Em primeira análise, surge uma pergunta: O cristão compreende que é o instrumento através do qual Deus trabalha para aliviar o sofrimento humano? Essa importante reflexão é erigida desde a antiguidade, porém, ainda é bastante atual e necessária, não podendo se intimidar mediante o crescente individualismo na sociedade em geral e, lamentavelmente, dentro das comunidades religiosas. Se o cristão tem a Bíblia como guia de vida, surge a questão de sua responsabilidade em relação ao sofrimento do próximo, e a disposição para dedicar parte de sua vida à missão de resgate do sofrimento humano ou é algo sacrificial demais a ser pedido?

Em face desses questionamentos, o texto cabe-se em desenvolver uma breve análise do agir de Deus, usando pessoas no período bíblico, para tanto foi selecionado alguns profetas que se importaram e se doaram na questão social. O objetivo é revelar que o cuidado de Deus para socorrer o ser humano em situações de necessidade não foi uma ação divina isolada, mas foi feito por intermédio de outras pessoas no Antigo e Novo

Testamento. Os profetas foram usados na aplicação da vontade de Deus na humanidade para ensinar e guiar sobre o caminho certo, expondo a relevância de como o homem deve se preocupar com as pessoas em sua volta. Tendo isso em vista, convém instigar a continuidade do agir de Deus sobre a humanidade usando o homem em seu meio, tencionado que o ensino dos profetas são exemplos a seguir.

Essa escrita foi desenvolvida objetivando expor o modo operante basilar de Deus trabalhar na assistência humanitária. Através das inúmeras respostas concretas reveladas na Bíblia, torna-se evidente que o trabalho conjunto de Deus com a humanidade para socorrer os necessitados é tão claro e simples que não requer um estudo sistemático baseado na exegese para compreender o tema. Pode ser, que a individualidade e o egoísmo de alguns cristãos venham obscurecer a compreensão desse conceito, mas uma simples leitura sobre a vida dos profetas bíblicos vem revelar que Deus não desce do céu para oferecer ajuda, socorro, provisão e existência; ele realiza essas ações por intermédio de seus filhos obedientes. Portanto, a análise desse texto tem o potencial de desafiar alguns cristãos a refletir sobre sua prática de resgate e amor ao próximo, encorajando a adotar uma conduta de compaixão e fraternidade.

Para tanto, a análise dar-se-á, no Antigo Testamento, com dois profetas pré-exílicos, dois do período exílico e dois do período pós-exílio, a saber: Isaías, Amós, Jeremias, Ezequiel, Zacarias e Malaquias, nas respectivas ordens. A escolha dos profetas deu-se de forma aleatória. No Novo Testamento, o assunto será tratado nas cartas gerais, na qual será estudado a epístola de Tiago e 1 Pedro que são extremamente pertinente sobre o assunto.

Para seriedade da pesquisa, o levantamento bibliográfico dar-se-á em maior relevância na Bíblia Sagrada, e posteriormente com artigos científicos, livros e revistas teológicas que abordam o tema com responsabilidade. Ainda com uma triagem de diversos autores capacitados sobre a temática como: Dr. Antônio Gusso, Dr. José Sicre, Me. William Tenório Quintela, e outros autores relevantes sobre o tema.

# 1 PROFETAS PRÉ-EXÍLICOS, EXÍLICOS E PÓS-EXÍLICOS MEDIANTE O CHAMADO

---

É de fundamental importância ressaltar quem eram os profetas do Antigo Testamento. Segundo Radmacher (2010, citado por Quintela, 2018), o profeta é uma pessoa sem nenhuma qualidade ou habilidade especial, que é escolhida por Deus para enviar sua palavra sem distorção e interesse pessoal, proclamando inicialmente a quebra da aliança com Deus, depois a transgressão social na qual o amor ao próximo não é vivido.

Estudando as Escrituras, percebe-se que o dever do profeta vai além de vaticinar; eles chamavam o povo à fidelidade a Deus. Além disso, eles instruíam sobre a obediência dos mandamentos, anunciam punições e revelam as promessas de Deus segundo a obediência. Mediante o cenário vivido por cada profeta, quando o futuro era anunciado, estava firmando no acontecimento do presente, e enraizado na história do passado (Agostini, 2011, p. 6-7).

Isaías profetizou no período do rei Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, considerado profeta maior, porém esse adjetivo não é relacionado à magnitude do seu chamado, mas simplesmente, ao volume dos escritos. Contudo, vale uma ressalva, alguns estudiosos defendem que o livro de Isaías não é uma completa produção do profeta Isaías, pois existe divergências em datas e estilos literários, no entanto, como relata Sicre (2002, p. 183), “parece absurdo defender algo tão pouco importante como o fato de Isaías ser o autor do livro que leva seu nome. O importante é a mensagem, a palavra de Deus, não a pessoa que a transmite.”

Tendo em vista a mensagem profética do livro, Isaías agiu diretamente junto à nobreza em Jerusalém, fala de igual com reis, tem acesso a corte e conhece os funcionários do estado, mas com ousadia opõe-se a eles con-

tra as injustiças sociais dessa elite. Sua mensagem também leva cuidado aos pobres, viúvas e órfãos, mostrando uma confiança exclusiva em Deus, como o único capaz de livrar a nação dos inimigos (Rossi, 2021, p. 338).

Isaías não se mostrava apático ao sofrimento humano, poderia usar a influência do meio em que vivia para o seu próprio benéfico, mas fitava veemente a verdade aos ouvidos de autoridades, que massacravam os pobres, observe suas palavras: “Lavem-se! Limpem-se! Removam suas más obras para longe da minha vista! Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva” (Isaías 1.16- 17).

Na sequência vem o profeta Amós, que se destaca pela profecia a favor da justiça social, um profeta de Judá Sul que exerceu seu chamado em Israel Norte, levou sua mensagem em um período de muita prosperidade em Israel, portava a palavra do Senhor contra a grande injustiça social que o povo praticava. Um fato esclarecedor sobre a justiça de Deus destaca-se em Amós, pois ele relata que a própria nação de Israel também não ficara impune por seus crimes contra a humanidade, como venda de escravos, cobiça, oprimir o pobre e hipocrisias na adoração. Devido suas mensagens que desagradava o governo, Amós foi expulso de Israel (Gusso, 2006, p.106).

Nesse ambiente de prosperidade, o orgulho cegou o entendimento dos sacerdotes de Israel. A injustiça em tribunais e a riqueza cada vez aumentada por conta da opressão ao pobre, a corrupção era tão grande que abrangia o meio religioso (estes se beneficiavam indignamente de ofertas, dízimos e sacrifícios), com isso, a nação empobrecia e era absolutamente usurpada de seus direitos. Amós foi um crítico eficaz contra o sistema corrupto político e religioso (Gomes, 2019, p.154).

Sobre esse ponto de vista o livro descreve, Amós (5.7- 9), “Vocês estão transformando o direito em amargura e atirando a justiça ao chão”. “Vocês odeiam aquele que defende a justiça no tribunal e detestam aquele que conta a verdade.” Amós elevou tão alto o nível de justiça social que as

palavras segundo Gomes (2019, p.154), inspiram a leitura do livro. “Amós apresenta ao mundo os princípios eternos de justiça, válidos para todas as épocas da história.”

De maneira análoga, nos profetas exílicos, Jeremias é efetivamente digno de ser citado, a justiça fazia parte da sua vocação; com sensibilidade e experimentado em sofrimento, o profeta é um exemplo de defesa dos mais injustiçados. A ação profética de Jeremias era uma crítica pública, interferindo nos atos errôneos de Jerusalém com um discurso sociopolítico e religioso, atingindo diretamente a liderança do país, que amavam a maldade e praticavam a injustiça (Rossi, 2018, p.15). Para enfatizar a afirmativa, Jeremias (22.3), relata as seguintes palavras: “Assim diz o Senhor: Administrem a justiça e o direito: livrem o explorado das mãos do opressor. Não oprimam nem maltrate, o estrangeiro, o órfão ou a viúva; nem derramem sangue inocente neste lugar”.

Já o profeta exílico Ezequiel, leva o peso de uma responsabilidade pessoal em suas profecias. Mesmo falando para uma monarquia injusta e infiel, não deixa de lado o erro cometido pelos exilados junto a ele, esclarecendo que existe um impacto sobre a maldade e o pecado, que praticado de forma individual acarreta danos para toda a sociedade (Fernandes, 2021, p.2). Em sua defesa contra a injustiça social, Ezequiel denunciou a opressão ao pobre, o roubo e a cobrança de juros sobre os empréstimos. Como está escrito, Ezequiel (18.12) acusa aquele que “oprime os pobres e os necessitados. Comete roubos. Não devolve o que tomou como garantia. [...] Emprresta visando lucro e cobra juros”. Ainda entrou em defesa contra os abusos cometidos com os mais frágeis, Ezequiel (22.7) “Em seu meio eles têm tratado pai e mãe com desprezo, e têm oprimido o estrangeiro e maltratado o órfão e a viúva.” Além disso, não se intimidou contra as autoridades, mesmo sendo um exilado, como está escrito:

Há nela uma conspiração de seus príncipes como um leão que ruga ao despedaçar sua presa; devoram pessoas, apanham tesouros e coisas preciosas e fazem muitas viúvas. [...] Seus oficiais são como lobos que

despedaçam suas presas; derramam sangue e matam gente para obter ganhos injustos. [...] O povo da terra pratica extorsão e comete roubos; oprime os pobres e os necessitados e maltrata os estrangeiros, negando-lhes justiça. (Ezequiel 22.25-27-29).

De conformidade com a questão social, o período pós-exílio retrata uma Judá completamente devastada, a população estava em ruínas, e a justiça praticamente não existia. Nesse contexto, labora o profeta Zacarias, que se preocupa com a restauração do templo, mas também aborda a ênfase sobre a restauração nacional, com isso o profeta levanta uma proposta de projeto político, para defender o direito do pobre e a liberdade do povo (Piscopo, 1996, p.55). A defesa pelos que sofrem era a luta de Zacarias como está escrito:

Assim diz o Senhor dos Exércitos: 'Administrem a verdadeira justiça, mostrem misericórdia e compaixão uns para com os outros. Não oprimam a viúva e o órfão, nem o estrangeiro e o necessitado. Nem tramem maldades uns contra os outros. (Zacarias 7.9-10).

Do mesmo modo o livro de Malaquias, também do período pós-exílio, deve ser lembrado, ressaltando a importância que Malaquias não é o nome de um profeta, mas um título que significa “meu mensageiro”, assim o profeta é desconhecido, mas a relevância da escrita não fica diminuída por essa questão (Sicre, 2002, p.327). No incansável amor de Deus por seu povo, o escrito de Malaquias assemelha-se muito com os profetas antes dele, isso mostra que o povo não mudava, mesmo Deus enviando profetas atrás de profetas. Pode-se observar a defesa insistente pelos mais frágeis: “[...] contra os que juram falsamente e contra aqueles que exploram os trabalhadores em seus salários, que oprimem os órfãos e as viúvas e privam os estrangeiros dos seus direitos, e não têm respeito por mim”, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 3.5).

Além da injustiça provocada pelo roubo e abuso de poder, alguns homens abandonavam suas esposas e família para casar-se com outra

mulher que poderia projetá-lo na sociedade e no crescimento comercial da nova Judá. Mediante os fatos, a mensagem de Malaquias é direcionada aos princípios de uma vida justa, enfrentando os problemas socioeconômico para promover a justiça na prática cotidiana (Silva, 2004, p. 38-41).

## 2 CARTAS GERAIS: EPÍSTOLAS DE TIAGO E I PEDRO NA QUESTÃO SOCIAL

---

As cartas gerais, também chamadas de católicas ou universais, são assim conhecidas a partir de Eusébio, historiador da igreja entre os anos 265-340 d.C. O termo vem do grego *Katholikós* que significa geral ou universal, entende-se essa característica pelo aspecto formal de uma carta contendo: escritor, destinatário, saudação, conteúdo e despedida. Assim classificadas como gerais por não ser endereçada de forma particular a igrejas ou pessoas, mas a todas as igrejas e todas as pessoas que pudessem ser alcançadas (Sampaio, 2014, p. 3-9).

Em se tratando de questão social, Tiago que segundo a tradição é o irmão de Jesus, tem um destaque admirável, um versículo chave de seus ensinamentos está em Tiago (2.17), “Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.”, o contexto dessa fala de Tiago se dava pela injustiça no tratamento entre ricos e pobres e pela falta de ajuda ao necessitado. Com isso a frase levanta a seguinte ênfase, não se deve apenas ver sem agir, abençoar com os lábios e fechar as mãos. Como relata Kruger (2016, p.185) “A Epístola de Tiago é um dos textos neotestamentários com maior profundidade na visão da problemática constituída pela existência do abismo entre pobres e ricos”.

Levando em consideração esses aspectos, nota-se nessa epístola a veemência com que Tiago deixava claro essas verdades, pois além da in-

justiça causada pela exploração de trabalho, ele também faz uma crítica ao assassino do justo, falando da corrupção da justiça que os de menor poder econômico sofriam: “Vocês têm condenado e matado o justo, sem que ele ofereça resistência” (Tiago 5.6).

Denuncia a insensibilidade pela fome e falta de roupa: “Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: ‘Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se’, sem, porém, lhe dar nada, de que adianta isso?” (Tiago 2.15-16). Não se cala contra os latifundiários que adquirem riquezas abusando do trabalho do pobre: “Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que por vocês foi retido com fraude, está clamando contra vocês” (Tiago 5.4). Ainda luta contra o abuso cometido contra os pobres: “Mas vocês têm desprezado o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês? Não são eles os que os arrastam para tribunais?” (Tiago 2.6).

Os escritos de Tiago relatam uma luta por recriar relações socioeconômicas e comunitárias no caminho da solidariedade, denunciando o crescimento da riqueza pessoal de forma injusta e exploratória (Kruger, 2016 p. 202). A luta de Tiago pelos que sofrem é digna de ser lida, entendida e copiada; sobre a epístola, Kruger deixa uma rica síntese:

Em síntese, Deus condena quem utiliza uma conduta totalmente antissocial, injusta, exploradora e violenta. Contra o sistema mortífero da exploração e do desperdício egoísta, Tiago enfatiza em sua epístola a dignidade dos famintos e desprotegidos, sua eleição por Deus e o valor da comunidade. [...] Sua carta é um convite para repensar e recriar as relações socioeconômicas e comunitárias, na busca de alternativas e para começar com passos concretos de solidariedade. (Kruger, 2016, p. 22).

Os conflitos existentes na sociedade em que Tiago trabalhou pela justiça não ficaram estagnados naquela época, as injustiças sociais causadas pelo; roubo, exploração, usurpação, falta de amor e sensibilidade aos

menos favorecidos, faz-se tão atual, que a carta de Tiago poderia ser um manual de ação social para os cristãos, na qual a “fé sem a obra é morta” (Tiago 2.26).

Similarmente, as cartas de I Pedro têm um teor social, não com a abrangência das epístolas de Tiago, mas com o mesmo valor. Carriker (1992, citado por Lane, 2018), relata ao falar da epístola de I Pedro, que mesmo sendo difícil precisar o local dos destinatários, o assunto se desenvolve em um contexto urbano para gentios cristãos, provavelmente estrangeiros, que estão sofrendo com perseguição e discriminação.

Sobre essa epístola, vale ressaltar que os destinatários eram perseguidos por sua fé em Jesus Cristo, principalmente os grupos mais vulnerais como escravos e mulheres. Nesse cenário, Pedro tem um grande desafio, fortalecer os convertidos a permanecer firmes na convicção do evangelho, e ainda torná-los cumpridores da lei e espécime de uma respeitável conduta social, espelhando o Deus que eles serviam (Carriker, 1992).

Os escritos dessa carta deixam transparecer que o autor não trata a localidade como um ponto fixo geográfico, mas a “Cidade é um sistema..” Com essa percepção Roma tem a representação opressora, pois assim ela foi no Antigo Testamento, e Sião representa as promessas de libertação e livramento. Nesse interim, o povo exilado é perseguido e discriminado, mas onde estiverem é o verdadeiro povo de Deus que ele enviará socorro (Lane, 2018, p.111).

No entendimento de que esse povo não tem uma localidade específica e andam espalhados, a perseguição se dá não por um estado ou bandeira, mas uma perseguição social a um determinado grupo de pessoas. O livro não enfatiza apenas o sofrimento e a perseguição sofrida, mas a conduta social que essas pessoas deveriam ter independente do que recebiam. Levantando a importância que Deus queria que todos vivessem uma vida humanizada, com regras respeitáveis dentro da política, economia e matrimônio, tangendo o estado e o direito (Goppelt, 1970, p. 55-57).

Um fato relevante nas escritas da epístola de I Pedro é que os ensinamentos e exortações não se davam apenas a líderes e superiores, mas sobre os menos favorecidos, um ensinamento a uma postura social aceitável que aquele grupo deveria ter mesmo em uma situação desconfortável. A dignidade social deveria fazer parte da vida deles, refletindo o Deus que eles serviam, como está escrito: “Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, naquilo em que eles os acusam de praticarem o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da sua intervenção” (1 Pedro 2.12). Em defesa da questão social na epístola de I Pedro, Goppelt (1970, p. 64) traz um importante ensinamento:

As regras de conduta cristã oferecem formas de vida sociais não como possibilidades, mas as caracterizam como exigências do Criador e Senhor da história. São formuladas no imperativo apodítico: Subordinai-vos, e por isso reduzidas às formas básicas imprescindíveis da vida histórica.

O povo pelo qual essa carta se destinava era eficazmente ensinados a uma vida social justa e limpa. A respeito disso, Lane (2017, p.112) destaca que existem dois enfoques nessas escritas. O primeiro é a identificação de um povo perante Deus e perante a sociedade. “Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam” (1 Pedro 2.10). Em sequência a responsabilidade que esse povo deveria ter mediante a sociedade, com condutas humanas e respeitáveis, mesmo mediante o sofrimento. “Por isso mesmo, aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar suas vidas ao seu fiel Criador e praticar o bem” (1 Pedro 4.19, grifo nosso).

O destaque dessa carta na ação social é que Pedro chama a responsabilidade ao cidadão sobre condutas e deveres coletivos mesmo quando esses são classificados de “estrangeiros e peregrinos” (1 Pedro 2.11). Com isso a conduta do cristão ensinada é que uma vida correta e aplicada na justiça social não depende de um conforto ou uma posição alta mediante a socie-

dade, mas de um caráter cristão disposto a obedecer. Em conformidade, observe o que Lane (2018, p.114) destaca sobre ação social em 1 Pedro:

Essa identificação do povo como propriedade exclusiva de Deus, nação santa (= separada), não pode gerar alienação, negação ou desprezo do mundo e da sociedade moderna. Pelo contrário, justamente por ser povo regenerado, escolhido de Deus, a igreja é exortada a um compromisso com a sociedade em termos de procedimento exemplar e boas obras que glorifiquem a Deus.

O que se percebe mediante as cartas descritas é que a ação da igreja não deve ser apenas individual e centralizada em seu ciclo de pessoas. Os cristãos são chamados a vislumbrar benefício maior em servir do que ser servido, que uma oração ou um abraço a um faminto sem lhe dar de comer não surgirá efeito como relata a epístola de Tiago. Assim também como o sofrer perseguição ou ser injustamente difamado não retira a obrigação de viver uma vida exemplar de amor ao próximo como ensina a carta de I Pedro. Diante disso, Stott (1998, citado por Lopes, 2007, p.65), defende um plausível entendimento:

Mas quando os seres humanos são valorizados como pessoas, em virtude de seu valor intrínseco, tudo muda. Homens, mulheres e crianças são honrados. Os enfermos são cuidados e os idosos capacitados a viver e a morrer com dignidade. Os dissidentes são ouvidos, os prisioneiros reabilitados, as minorias protegidas e os oprimidos libertados. Os trabalhadores recebem salário digno, condições de trabalho decentes e uma parcela de participação, tanto na gerência como nos lucros da empresa. E o evangelho é levado até os confins da terra. E por que tudo isso? Porque as pessoas importam. Porque todo homem, mulher e criança têm valor e significado como ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Mediante os fatos expostos, a mensagem bíblica tanto do Antigo Testamento e do Novo Testamento estão intimamente ligados à sensibilidade em socorrer o próximo. Os profetas trilharam um caminho de batalha e exposição pessoal na defesa da justiça na sociedade, deixaram um rico exemplo, não somente socorrendo os que necessitavam, mas entregando parte de sua vida pelo próximo, indo contra a opressão de reis e autoridades defendendo os menos favorecidos.

A exemplo os profetas pré-exílicos, como Isaías que andou descalço e nu por três anos para levar uma mensagem contra o Egito, além de defender os pobres que sofriam abusos das autoridades. Também Amós que defendeu o direito à justiça e foi contra os que vendiam escravos, e não se calou nem para a injustiça cometida pelo seu próprio povo.

Tendo também os profetas exílicos, como Jeremias que denunciou a tirania do rei que abusava do povo em benefício próprio e enriquecimento pessoal. Assim como Ezequiel que entrou na denúncia contra o roubo, e opressão do pobre, condenava os juros e o penhor, perdeu sua esposa amada, como representação do sofrimento que viria. Na sequência, os profetas pós-exílicos, a exemplo Malaquias que denunciou o abuso sofrido por mulheres que eram trocadas por outras mais novas, e no uso da lei para oprimir o povo. Similarmente Zacarias lutava pelos pobres, órfãos, estrangeiros e viúvas. Todos esses homens não tiveram nenhum atributo especial, entretanto, fizeram uma grande diferença em seu tempo, mostrando que para servir e amar basta ouvir o coração de Deus.

Já no Novo Testamento, homens se levantaram em defesa da minoria e da responsabilidade individual perante sociedade, Tiago e Pedro denunciavam a exploração do trabalho, o abuso das leis que oprimia os pobres, expondo uma visão sensível de amor ao próximo. Em síntese, o que se pode notar é que os valores cristãos estão intimamente ligados a uma

responsabilidade em ação social, fundamentada no amor e na misericórdia. Pessoas antes foram levantadas por Deus para ajudar, ouvir e interferir contra líderes, governo, e poderes corruptos e abusivos. A missão do cristão não deve ser vivida apenas para consolar os tristes, fazer uma oração e ir à igreja; deve, porém, ter empatia e amor a condições de vida do próximo, promovendo transformação necessária que estiver a seu alcance.

Considerando que ainda se vive com esses mesmos males, o cristão não é chamado como telespectador, existe uma continuação de luta até o fim dos tempos, um olhar de amor, sensibilidade e servidão ao próximo. Jesus em seu ministério andou por toda parte fazendo o bem, em certa ocasião não dispensou uma multidão com fome, fazendo a multiplicação dos pães e peixes, de certo, pode-se pensar que não possui fé capaz de fazer tamanha multiplicação como Jesus fez, mas como continuador do ministério de Cristo, a qual toda igreja é chamada, deve-se pensar: O que minhas mãos podem fazer?

Embora esse texto não exaure o tema em questão, desempenha um papel importante ao criar um alicerce para pesquisas subsequentes, que desejam explorar mais a fundo a conexão entre o ser cristão e o compromisso social. Sua relevância reside na ênfase dada sobre os ensinamentos bíblicos como pilares fundamentais para a condução de assistência humanitária, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão profunda sobre o papel do cristão na sociedade contemporânea.

# REFERÊNCIAS

---

AGOSTINI, Leonardo. **Estratégias Comunicativas dos Profetas do Antigo Testamento**. 7º mutirão de comunicação 2011, Puc-Rio, 2011.

BÍBLIA. Português. Romanos 8.38-39. In: Bíblia Online-NVI- Nova Versão Internacional. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/rm/8>. Acesso em: 24 ago. 2022.

CARRIKER, C. T. **Missão Integral: uma teologia bíblica**. São Paulo: Editora Sepal, 1992.

FERNANDES, Leonardo Agostini. **Ez 3,16-21: Ezequiel como sentinela e suas implicações socioreligiosas**. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica. 2021.

GOMES, Tiago Fraga. **A profecia de Amós como crítica à injustiça social**. Florianópolis. Encontros Teológicos. Vol. 35, 2019.

GOPPELLT, Leonhard. **A responsabilidade do cristão na sociedade, segundo I Pedro**. Preleção à faculdade de Teologia. Alemanha. 1970.

GUSSO, Antônio Renato, **Panorâmico Histórico de Israel**. Para Estudantes da Bíblia. Curitiba. 2006.

KRUGER, René. **A crise alimentar na carta de Tiago**. São Paulo: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 2016.

LANE, William Lacy. **Reflexões sobre a cidade a partir de I Pedro**. Paraná: *Revista Via Teológica*-Vol.19-Nº 37. 2018.

LOPES, Fabrício Roger. **Missão Integral**. Uma perspectiva teológica da prática do evangelho na vida das igrejas. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.

PISCOPO, Michele. **Revista de Cultura Teológica. Zacarias, o profeta messiânico**. São Paulo: editora Olho d'água, 1996.

QUINTELA, William Tenório. A mensagem tridimensional dos profetas do antigo testamento. Rio Grande do Sul: **Revista Batista Pioneira**. vol. 7 n. 1, 2018.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. **O Novo Comentário Bíblico – Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

SAMPAIO, Moisés. Epístolas gerais: **Epístolas gerais**. Rio Branco: IBBC, 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/prmoisessampaio/epstolas-gerais-aula-1>. Acesso em: 05 out.2017.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel**. O profeta. Os profetas. A mensagem. 2. ed. Petrópolis: editora Vozes, 2002.

SILVA, Marcelo Moura. **Malaquias, Mensageiro da Justiça**: Um estudo a partir do quarto oráculo (2,17-3,5). Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

STOTT, Jonh R. W. **Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo**: Como ser um Cristão Contemporâneo. 2ª ed. São Paulo: EBU Editora, 1998.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **A justiça como desejo de Deus**: Leitura no Profeta Jeremias. Goiânia: Caminhos, 2018.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Do centro para a Periferia: o caso da vocação do profeta Isaías**. Goiânia: Fragmentos de cultura, 2021.